



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **Safra 2014/15**
N.9 - Nono Levantamento
Junho/2015

Monitoramento Agrícola
Cultivos de verão, 2ª safra e de inverno – **Safra 2014/15**



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Roberto Alves de Andrade

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Francielle do Monte Lima (Estagiária)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Patricia Mauricio Campos

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **Safra 2014/15**
N.9 - Nono Levantamento
Junho/2015

Monitoramento Agrícola
Cultivos de verão, 2ª safra e de inverno – **Safra 2014/15**

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 2 - Safra 2014/15, n. 9 - Nono levantamento, Brasília, p. 1-104, junho 2015.



Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores

Edna Matsunaga de Menezes (Geint)
Alessandro Lúcio Marques (Geint)
Elza Mary de Oliveira (Geint)
Ligia Fernandes Franco Rocha (Geint)
Luciene de Souza Ribeiro (Geint)
Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Rogério Dias Coimbra (Geint)

Djalma Fernandes de Aquino (Gefip – Algodão)
João Figueiredo Ruas (Gerab – Feijão)
Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior (Gerab – Arroz)
Thomé Luiz Freire Guth (Geole – Milho e soja)
André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)
Miriam Rodrigues da Silva (Latis – Conab/Inmet)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Colaboradores das Superintendências

Bruno Milhomem **(AC)**; Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Ilio Fonseca **(AL)**; Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt **(AM)**; Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva **(BA)**; Elibernon Alves, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes **(CE)**; José Negreiros **(DF)**; Kerley Souza **(ES)**; Adair Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luiz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos **(GO)**; Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo **(MA)**; Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado **(MG)**; Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes **(MS)**; Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho **(MT)**; Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha **(PA)**; Carlos Meira, Juarez Nóbrega **(PB)**; Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto **(PR)**; Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva **(PI)**; Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva **(PE)**; Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto **(RJ)**; Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira **(RN)**; João Kasper, Anderson Gomes **(RO)**; Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida **(RR)**; Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto **(RS)**; César Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra **(SC)**; Fausto Almeida **(SE)**; Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli **(SP)**; Jorge Carvalho, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha **(TO)**.

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

Fotos

Arquivo Geosafra/ Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/1739, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Resumo executivo	4
2. Introdução.....	5
3. Estimativa da área plantada	6
4. Estimativa de produtividade.....	7
5. Estimativa da produção	8
6. Crédito rural.....	11
7. Câmbio	12
8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo	13
9. Monitoramento agrícola: culturas de verão, de segunda safra e de inverno.....	16
9.1. Condições meteorológicas recentes.....	16
9.2. Fenômeno El Niño.....	17
9.3. Prognóstico climático para o trimestre junho-julho-agosto/2015	18
9.4. Monitoramento agrometeorológico.....	18
9.5. Monitoramento espectral	20
9.5.1. Norte Mato-Grossense.....	21
9.5.2. Sudeste Mato-Grossense.....	23
9.5.3. Sudoeste do Mato Grosso do Sul	24
9.5.4. Sul Goiano	26
9.5.5. Oeste Paranaense	27
9.5.6. Norte Central Paranaense.....	29
10. Análise das culturas	31
10.1. Culturas de verão	31
10.1.1. Algodão	31
10.1.1.1. Oferta e demanda.....	36
10.1.2. Amendoim	40
10.1.2.1. Amendoim primeira safra	40
10.1.2.2. Amendoim segunda safra	42
10.1.2.3. Amendoim total	44
10.1.3. Arroz.....	45
10.1.3.1. Oferta e demanda.....	49
10.1.4. Feijão	50
10.1.4.1. Feijão primeira safra	50
10.1.4.2. Feijão segunda safra	52
10.1.4.3. Feijão terceira safra	55
10.1.4.4. Feijão total	58
10.1.4.5. Oferta e demanda.....	59
10.1.5. Girassol.....	60
10.1.6. Mamona	62
10.1.7. Milho.....	64
10.1.7.1. Milho primeira safra	64
10.1.7.2. Milho segunda safra.....	68

10.1.7.3. Milho total.....	71
10.1.7.4. Oferta e demanda	73
10.1.8. Soja.....	76
10.1.8.1. Oferta e demanda	80
10.1.9. Sorgo.....	83
10.2. Culturas de inverno	85
10.2.1. Aveia	85
10.2.2. Canola.....	86
10.2.3. Centeio.....	87
10.2.4. Cevada.....	88
10.2.5. Trigo	89
10.2.6. Triticale.....	93
11. Balanço de oferta e demanda	94
12. Anexos	95
12.1. Preços agropecuários.....	95

2. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos e de outras lavouras. Seu principal objetivo é oferecer informações de qualidade para formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional, além de ser fundamental para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Neste mês a Companhia divulga o nono levantamento da safra 2014/15, onde indica a colheita das culturas de primeira safra (algodão, arroz, feijão, mamona, milho e soja), o desenvolvimento das culturas de segunda safra (amendoim, feijão e milho) e plantio das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) da terceira safra (feijão) e da safra da Região Nordeste.

Nesse levantamento foram coletadas informações de área plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas. Essas informações são provenientes da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, de Secretarias de Agricultura e órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros de mercado e de insumos que têm subsidiado os técnicos desta Companhia nos levantamentos.

O trabalho de avaliação de safras se enquadra nas recomendações de diversas instituições internacionais no que concerne à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e a transparência nas suas estatísticas de produção.

A Conab utiliza metodologias que envolvem trabalhos de campo, tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, que são aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Na busca constante da melhoria da qualidade das informações da safra agrícola, a Companhia utiliza-se de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas de inverno. Esse procedimento será adotado até o momento em que as informações de produtividade forem apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral, de acordo com o desenvolvimento fenológico das culturas.

Vale destacar também que o presente boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

3. Estimativa da área plantada (57,66 milhões de hectares)

A área plantada nesta safra, estimada em 57,66 milhões de hectares, é 1,1% maior que a cultivada em 2013/14, que foi de 57,06 milhões de hectares, o que representa um aumento de 599,2 mil hectares.

A pesquisa realizada na segunda quinzena de maio contempla as culturas de verão de primeira e segunda safras, já definidas, as de inverno que estão em fase conclusiva, restando apenas parte da área no Rio Grande do Sul e no sul do Paraná e as da safra da Região Nordeste, com plantios até junho.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Mai/2015 (b)	Jun/2015 (c)		
ALGODÃO	1.121,6	977,6	977,7	(12,8)	(143,9)
AMENDOIM TOTAL	105,3	110,3	107,4	2,0	2,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	94,2	94,5	97,9	3,9	3,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,1	15,8	9,5	(14,4)	(1,6)
ARROZ	2.372,9	2.330,9	2.312,2	(2,6)	(60,7)
FEIJÃO TOTAL	3.365,9	3.130,8	3.092,9	(8,1)	(273,0)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.179,9	1.040,4	1.040,7	(11,8)	(139,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.506,7	1.412,9	1.365,5	(9,4)	(141,2)
FEIJÃO 3ª SAFRA	679,3	677,5	686,7	1,1	7,4
GIRASSOL	145,7	120,6	109,9	(24,6)	(35,8)
MAMONA	101,3	90,6	90,6	(10,6)	(10,7)
MILHO TOTAL	15.829,2	15.207,3	15.481,8	(2,2)	(347,4)
MILHO 1ª SAFRA	6.618,0	6.124,5	6.154,8	(7,0)	(463,2)
MILHO 2ª SAFRA	9.211,2	9.082,8	9.327,0	1,3	115,8
SOJA	30.173,1	31.573,0	31.902,4	5,7	1.729,3
SORGO	731,0	708,0	697,9	(4,5)	(33,1)
SUBTOTAL	53.946,0	54.249,1	54.772,8	1,5	826,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2014 (a)	2015		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		Mai/2015 (b)	Jun/2015 (c)		
AVEIA	153,7	153,7	186,5	21,3	32,8
CANOLA	44,7	47,1	47,1	5,4	2,4
CENTEIO	1,8	1,8	1,8	-	-
CEVADA	117,2	108,3	108,3	(7,6)	(8,9)
TRIGO	2.758,0	2.612,0	2.504,1	(9,2)	(253,9)
TRITICALE	39,1	39,1	39,1	-	-
SUBTOTAL	3.114,5	2.962,0	2.886,9	(7,3)	(227,6)
BRASIL	57.060,5	57.211,1	57.659,7	1,1	599,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Dentre as principais culturas que apresentam crescimento, o destaque é para a soja, com acréscimo de 5,7% (1,73 milhão de hectares), estimada em 31,9 milhões hectares, seguida do milho segunda safra, com acréscimo de 1,3% (115,8 mil hectares), estimada em 9,33 milhões de hectares. Também apresentam crescimento: amendoim primeira safra (3,9%), feijão terceira safra (1,1%), aveia (21,3%) e canola (5,4%). As demais culturas apresentam redução na área cultivada. O milho primeira safra com redução de 463,2 mil hectares (-7%), trigo com 253,9 mil hectares (-9,2%), algodão com 143,9 mil hectares (-12,8%), amendoim segunda safra (-14,4%), arroz (-2,6%), feijão primeira safra (-11,8%), feijão segunda safra (-9,4%), mamona (-10,6%), sorgo (-4,5%) e cevada (-7,6%).

4. Estimativa de produtividade

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

PRODUTO	(Em kg/ha)			
	SAFRAS		VARIÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.381	2.376	(0,2)	(5,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.546	1.542	(0,3)	(4,0)
AMENDOIM TOTAL	2.998	3.140	4,7	141,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.095	3.270	5,6	174,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.179	1.799	(17,4)	(379,6)
ARROZ	5.108	5.425	6,2	316,7
FEIJÃO TOTAL	1.026	1.059	3,2	32,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.067	1.094	2,5	27,0
FEIJÃO 2ª SAFRA	884	968	9,5	84,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.271	1.186	(6,7)	(84,7)
GIRASSOL	1.597	1.548	(3,1)	(49,2)
MAMONA	441	675	52,9	233,4
MILHO TOTAL	5.057	5.181	2,4	123,6
MILHO 1ª SAFRA	4.783	5.009	4,7	226,4
MILHO 2ª SAFRA	5.254	5.294	0,8	39,7
SOJA	2.854	3.011	5,5	156,3
SORGO	2.587	2.665	3,0	78,0
SUBTOTAL	3.465	3.593	3,7	128,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIÇÃO	
	2014 (a)	2015 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
AVEIA	2.000	2.257	12,9	257,0
CANOLA	812	1.524	87,7	712,0
CENTEIO	1.944	1.833	(5,7)	(111,0)
CEVADA	2.606	3.231	24,0	625,0
TRIGO	2.165	2.698	24,6	533,0
TRITICALE	2.450	2.578	5,2	128,0
SUBTOTAL	2.157	2.668	23,7	511,0
BRASIL ⁽²⁾	3.393	3.547	4,5	154,0

Legenda: ⁽¹⁾ Produtividade de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produtividade de algodão em pluma

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

5. Estimativa de produção (204,53 milhões de toneladas)

A produção estimada em 204,53 milhões de toneladas é 5,6% superior à obtida na safra 2013/14, quando atingiu 193,62 milhões de toneladas. Esse resultado representa um crescimento de 10,9 milhões de toneladas. O maior crescimento é observado na soja (9,92 milhões de toneladas), no milho segunda safra (978,5 mil toneladas) e no arroz (422,4 mil toneladas). Este crescimento se deve às condições climáticas favoráveis e o aumento na área plantada de soja e milho segunda safra.

Em relação ao levantamento anterior, realizado em abril de 2015, observa-se um ganho de 2,3 milhões de toneladas, justificado pelo ganho nas produtividades, principalmente, do milho segunda safra e da soja. Estes ganhos decorrem das boas condições climáticas, sobretudo, pela ocorrência de chuvas regulares em abril e maio, que beneficiaram as lavouras de milho, que nesta safra teve plantios realizados fora do período recomendado pelo zoneamento agrícola. Cabe observar que esta prática vem ocorrendo nas últimas três safras.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

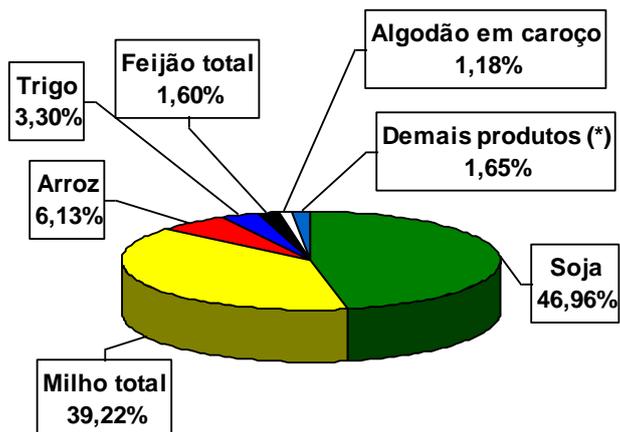
CULTURAS DE VERÃO	(Em 1000 t)				
	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2013/14 (a)	2014/15		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Mai/2015 (b)	Jun/2015 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.670,6	2.318,9	2.322,8	(13,0)	(347,8)
ALGODÃO - PLUMA	1.734,0	1.505,1	1.507,7	(13,1)	(226,3)
AMENDOIM TOTAL	315,8	339,8	337,1	6,7	21,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	291,6	306,9	320,1	9,8	28,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	24,2	32,9	17,0	(29,8)	(7,2)
ARROZ	12.121,6	12.399,5	12.544,0	3,5	422,4
FEIJÃO TOTAL	3.453,8	3.414,1	3.274,8	(5,2)	(179,0)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.258,7	1.185,5	1.138,3	(9,6)	(120,4)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.331,9	1.366,7	1.322,2	(0,7)	(9,7)
FEIJÃO 3ª SAFRA	863,4	861,8	814,5	(5,7)	(48,9)
GIRASSOL	232,7	189,7	170,1	(26,9)	(62,6)
MAMONA	44,7	61,1	61,0	36,5	16,3
MILHO TOTAL	80.052,0	78.594,7	80.208,4	0,2	156,4
MILHO 1ª SAFRA	31.652,9	30.703,0	30.831,0	(2,6)	(821,9)
MILHO 2ª SAFRA	48.399,1	47.891,8	49.377,6	2,0	978,5
SOJA	86.120,8	95.070,2	96.044,5	11,5	9.923,7
SORGO	1.891,2	1.924,3	1.860,1	(1,6)	(31,1)
SUBTOTAL	186.903,4	194.312,3	196.823,2	5,3	9.919,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2014 (a)	2015		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Mai/2015 (b)	Jun/2015 (c)		
	AVEIA	307,4	342,8	421,0	37,0
CANOLA	36,3	71,8	71,8	97,8	35,5
CENTEIO	3,5	3,3	3,3	(5,7)	(0,2)
CEVADA	305,4	349,9	349,9	14,6	44,5
TRIGO	5.971,1	7.045,0	6.755,0	13,1	783,9
TRITICALE	95,8	100,9	100,8	5,2	5,0
SUBTOTAL	6.719,5	7.913,7	7.701,8	14,6	982,3
BRASIL ⁽²⁾	193.622,9	202.226,0	204.525,0	5,6	10.902,1

Legenda: ⁽¹⁾ Produção de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Gráfico 1 – Produção total de grãos por cultura

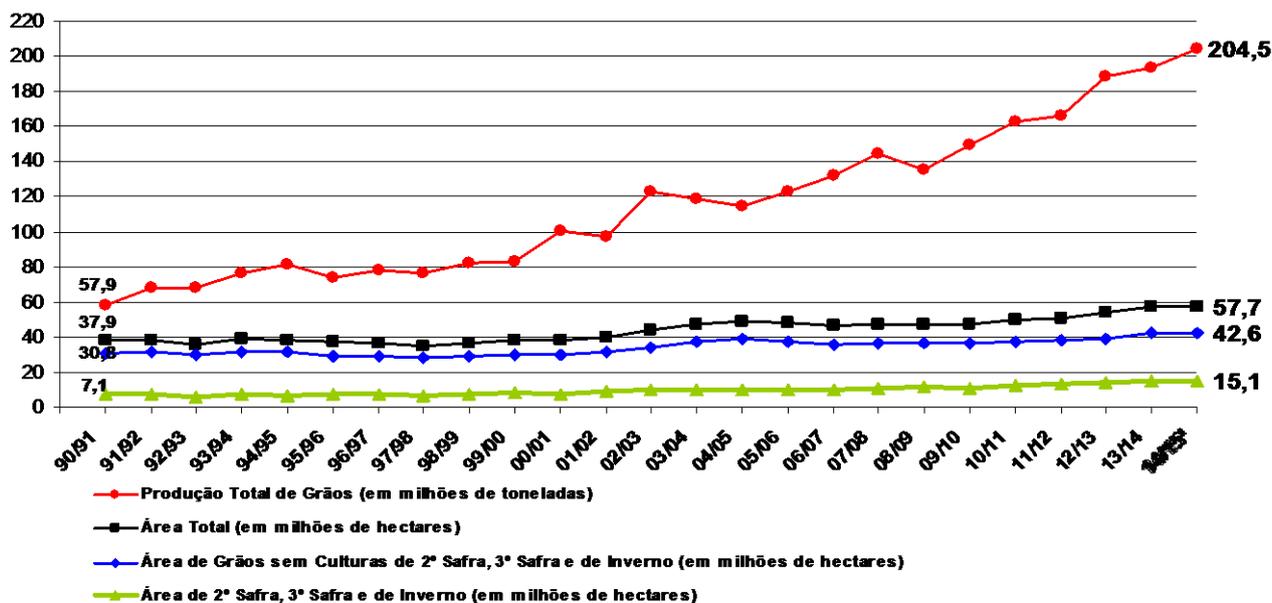


Legenda: (*) Amendoim total, girassol, mamona, sorgo, aveia, canola, centeio, cevada e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

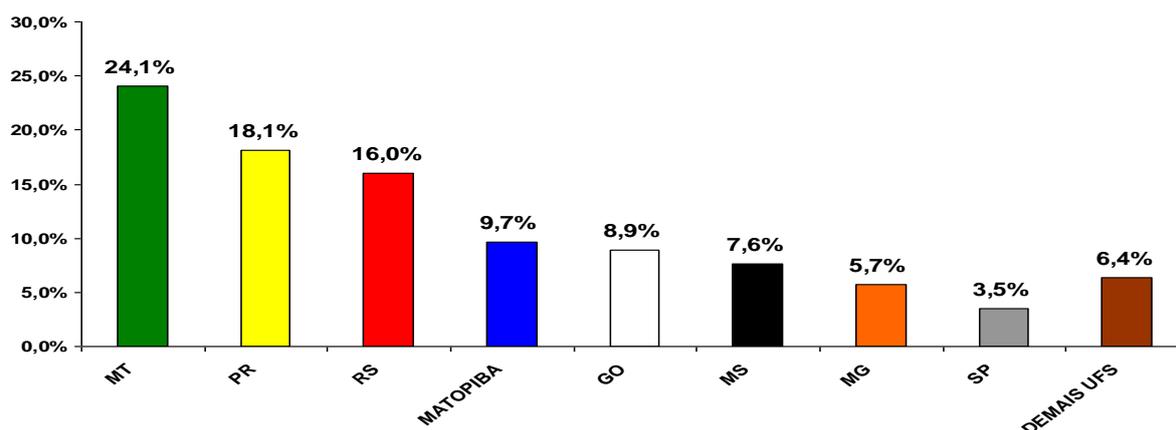
Gráfico 2 – Evolução da área e produção



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Gráfico 3 – Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	2.127,3	2.438,1	14,6	2.967	3.184	7,3	6.310,7	7.763,1	23,0
RR	39,5	46,5	17,7	3.600	3.499	(2,8)	142,2	162,7	14,4
RO	421,9	461,9	9,5	2.900	3.319	14,5	1.223,7	1.533,1	25,3
AC	64,3	55,7	(13,4)	1.926	1.995	3,6	123,8	111,1	(10,3)
AM	19,7	21,9	11,2	2.132	2.096	(1,7)	42,0	45,9	9,3
AP	5,5	4,8	(12,7)	1.018	1.000	(1,8)	5,6	4,8	(14,3)
PA	515,1	641,8	24,6	2.750	2.875	4,5	1.416,5	1.845,2	30,3
TO	1.061,3	1.205,5	13,6	3.163	3.368	6,5	3.356,9	4.060,3	21,0
NORDESTE	8.287,3	8.329,5	0,5	2.027	2.139	5,5	16.800,7	17.813,6	6,0
MA	1.769,1	1.712,9	(3,2)	2.431	2.499	2,8	4.300,6	4.281,2	(0,5)
PI	1.388,1	1.415,0	1,9	2.001	2.366	18,2	2.777,3	3.347,3	20,5
CE	921,5	910,4	(1,2)	621	648	4,3	572,6	589,5	3,0
RN	69,0	80,6	16,8	555	533	(3,9)	38,3	43,0	12,3
PB	155,3	165,1	6,3	374	323	(13,5)	58,1	53,4	(8,1)
PE	482,0	489,4	1,5	392	364	(7,2)	188,9	178,0	(5,8)
AL	81,2	83,4	2,7	828	837	1,1	67,2	69,8	3,9
SE	266,5	265,9	(0,2)	4.216	4.222	0,1	1.123,5	1.122,7	(0,1)
BA	3.154,6	3.206,8	1,7	2.433	2.535	4,2	7.674,2	8.128,7	5,9
CENTRO-OESTE	22.069,7	22.469,9	1,8	3.704	3.725	0,6	81.742,9	83.708,3	2,4
MT	13.323,0	13.445,1	0,9	3.580	3.662	2,3	47.702,5	49.236,1	3,2
MS	3.797,0	3.981,3	4,9	3.850	3.909	1,5	14.617,0	15.561,7	6,5
GO	4.763,0	4.904,8	3,0	3.841	3.705	(3,5)	18.293,4	18.172,1	(0,7)
DF	186,7	138,7	(25,7)	6.052	5.324	(12,0)	1.130,0	738,4	(34,7)
SUDESTE	5.090,4	5.053,1	(0,7)	3.522	3.741	6,2	17.929,4	18.901,2	5,4
MG	3.244,0	3.217,3	(0,8)	3.596	3.651	1,5	11.664,9	11.746,1	0,7
ES	38,1	27,2	(28,6)	1.945	1.518	(21,9)	74,1	41,3	(44,3)
RJ	8,0	4,3	(46,3)	1.988	1.791	(9,9)	15,9	7,7	(51,6)
SP	1.800,3	1.804,3	0,2	3.430	3.938	14,8	6.174,5	7.106,1	15,1
SUL	19.485,8	19.369,1	(0,6)	3.635	3.941	8,4	70.839,2	76.338,9	7,8
PR	9.643,6	9.531,3	(1,2)	3.691	3.887	5,3	35.592,2	37.052,7	4,1
SC	1.326,5	1.294,6	(2,4)	4.952	5.011	1,2	6.568,2	6.487,0	(1,2)
RS	8.515,7	8.543,2	0,3	3.368	3.839	14,0	28.678,8	32.799,2	14,4
NORTE/NORDESTE	10.414,6	10.767,6	3,4	2.219	2.375	7,0	23.111,4	25.576,7	10,7
CENTRO-SUL	46.645,9	46.892,1	0,5	3.655	3.816	4,4	170.511,5	178.948,4	4,9
BRASIL	57.060,5	57.659,7	1,1	3.393	3.547	4,5	193.622,9	204.525,1	5,6

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

6. Crédito rural

Tabela 5 - Financiamento concedido à lavoura por região e programa (janeiro a maio de 2015)

Região	Programa	Qtde de Contratos					Valor I - Contratado					Total Qtde Contratos	Total Valor I - Contratado
		Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio		
Centro-Oeste	Pronaf	219	208	484	247	132	6.462	5.109	12.332	6.405	5.254	1.290	35.562
	Pronamp	321	324	220	120	126	34.305	35.640	24.032	14.300	19.944	1.111	128.221
	Sem Vinc. Espec.	914	855	617	495	794	323.973	300.558	295.748	322.941	328.754	3.675	1.571.974
Nordeste	Pronaf	1.657	1.588	3.150	3.977	4.449	12.193	12.171	28.486	49.286	53.904	14.821	156.040
	Pronamp	82	96	154	254	268	5.719	9.438	18.640	27.180	24.905	854	85.882
	Sem Vinc. Espec.	208	202	487	379	470	146.338	102.038	136.267	116.255	186.537	1.746	687.435
Norte	Pronaf	233	167	192	183	186	2.835	2.229	2.879	2.381	2.504	961	12.828
	Pronamp	19	42	24	21	9	2.034	6.406	3.016	2.988	1.361	115	15.805
	Sem Vinc. Espec.	46	42	48	42	68	12.669	13.620	29.625	20.923	58.623	246	135.459
Sudeste	Pronaf	6.363	4.369	5.139	3.862	4.468	100.843	78.316	94.026	72.084	89.280	24.201	434.550
	Pronamp	1.407	944	1.138	816	1.175	154.868	93.340	97.000	74.937	121.018	5.480	541.164
	Sem Vinc. Espec.	2.671	2.096	2.447	2.740	4.035	514.922	370.352	399.291	342.188	666.406	13.989	2.293.159
Sul	Pronaf	7.720	7.500	8.221	12.548	13.494	136.809	148.878	175.436	272.986	300.838	49.483	1.034.948
	Pronamp	2.052	2.085	2.584	3.154	3.277	148.308	142.509	180.472	216.226	266.814	13.152	954.329
	Sem Vinc. Espec.	931	1.324	1.792	2.347	3.346	150.786	187.093	303.272	327.528	453.300	9.740	1.421.980
Total		24.843	21.842	26.697	31.185	36.297	1.753.064	1.507.698	1.800.523	1.868.607	2.579.441	140.864	9.509.334

Fonte: Bacen; Conab,* com possíveis alterações contratuais em valor e quantidade, dados coletados mês a mês.

Gráfico 4 – Relação de crescimento de quantidade de contratos (janeiro a maio de 2015)

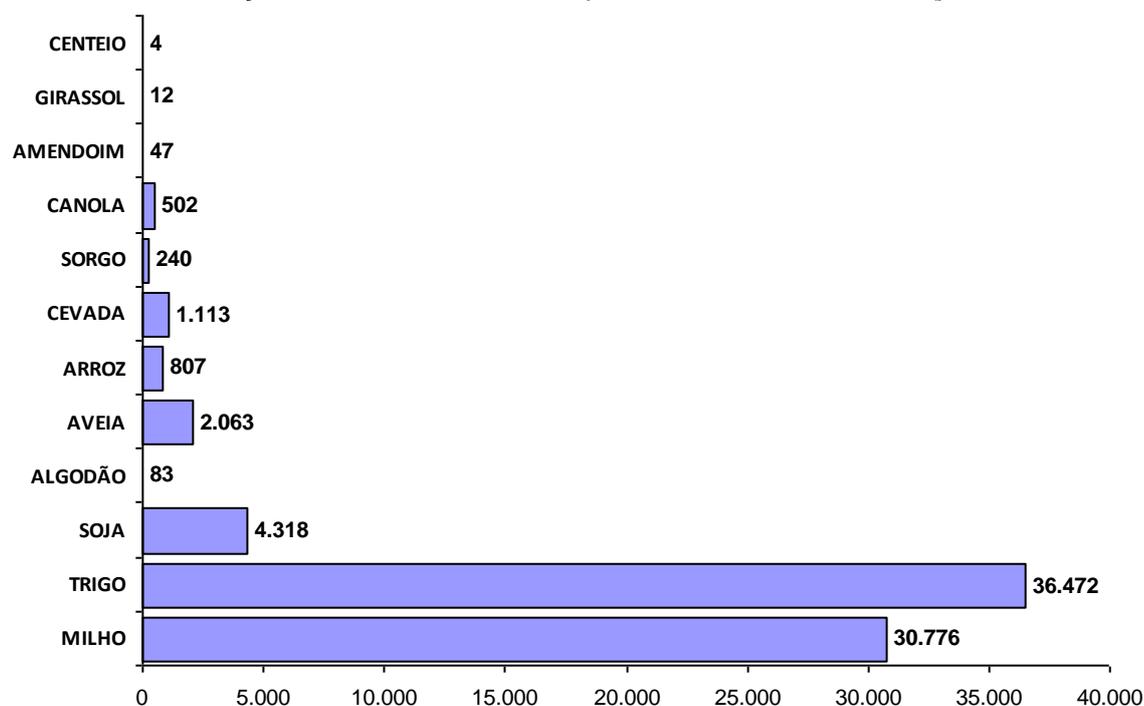
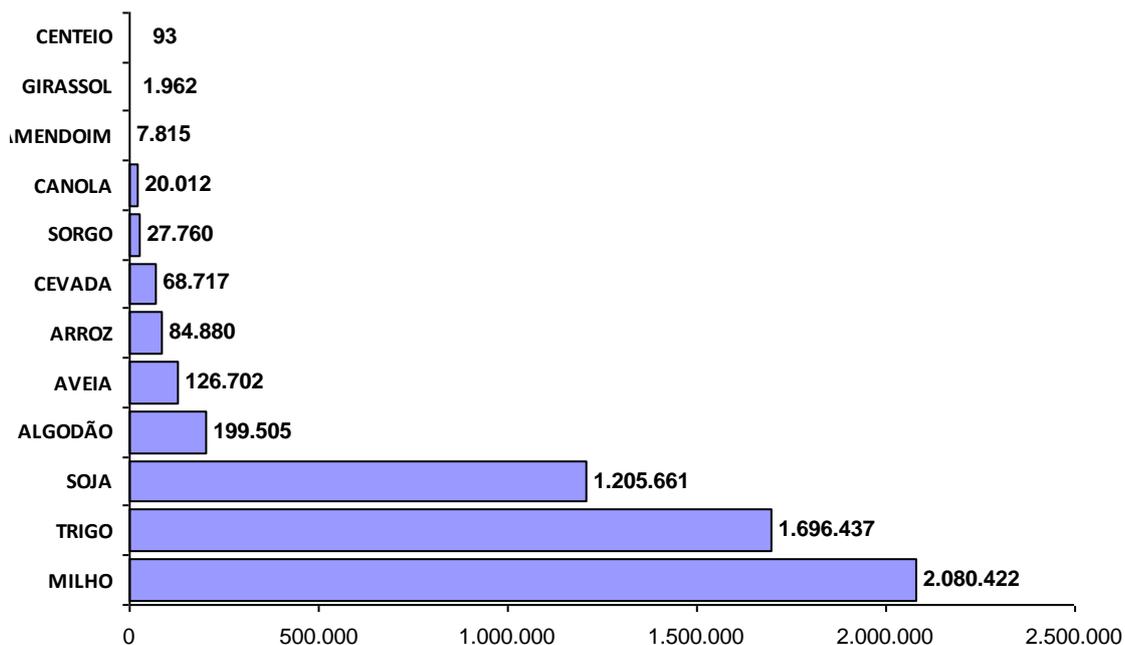


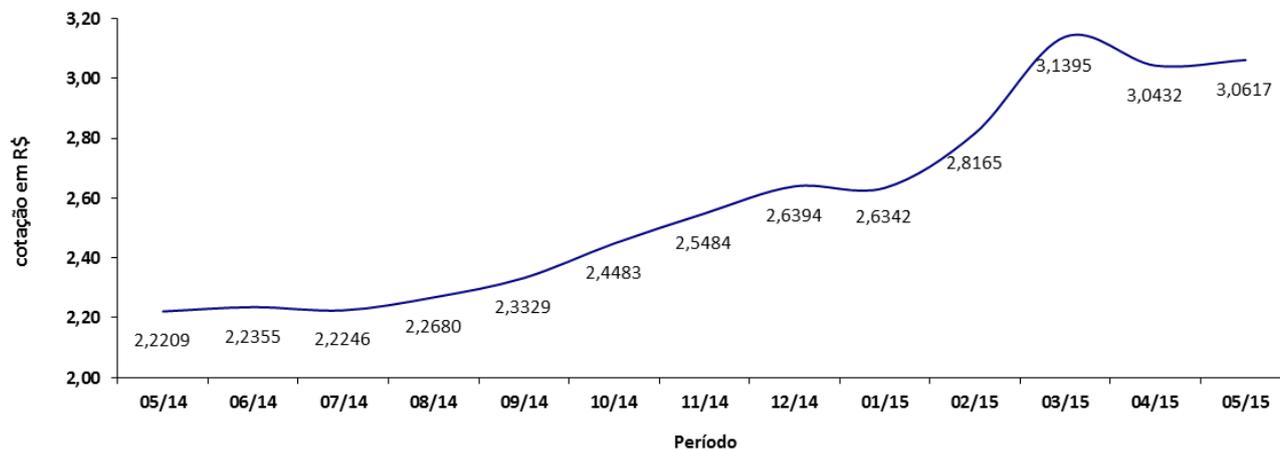
Gráfico 5 – Relação de valores de contratos (janeiro a maio de 2015)



7. Câmbio

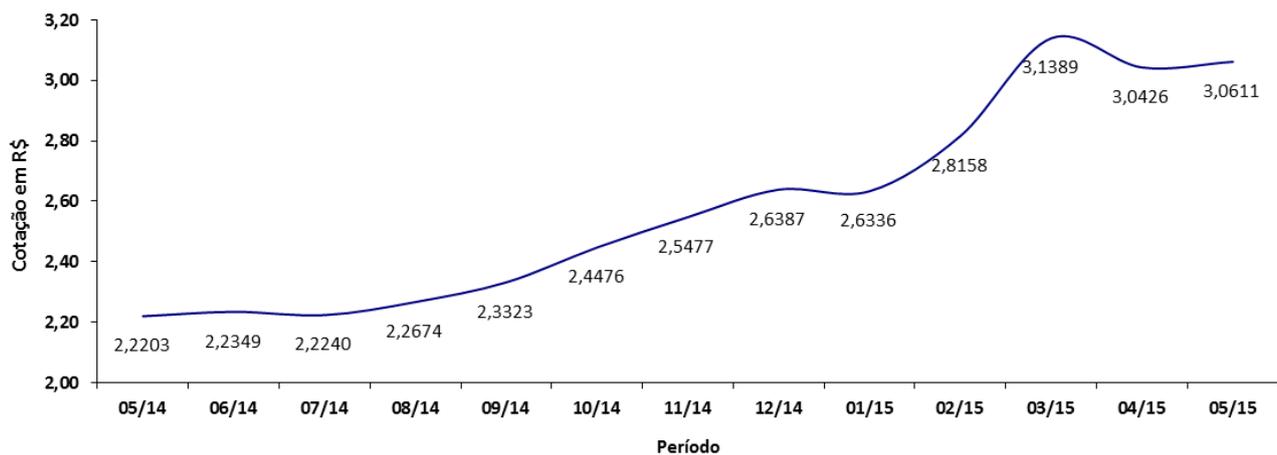
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de maio de 2014 a maio de 2015.

Gráfico 6 – Câmbio dólar – Venda



Fonte: Banco Central do Brasil.

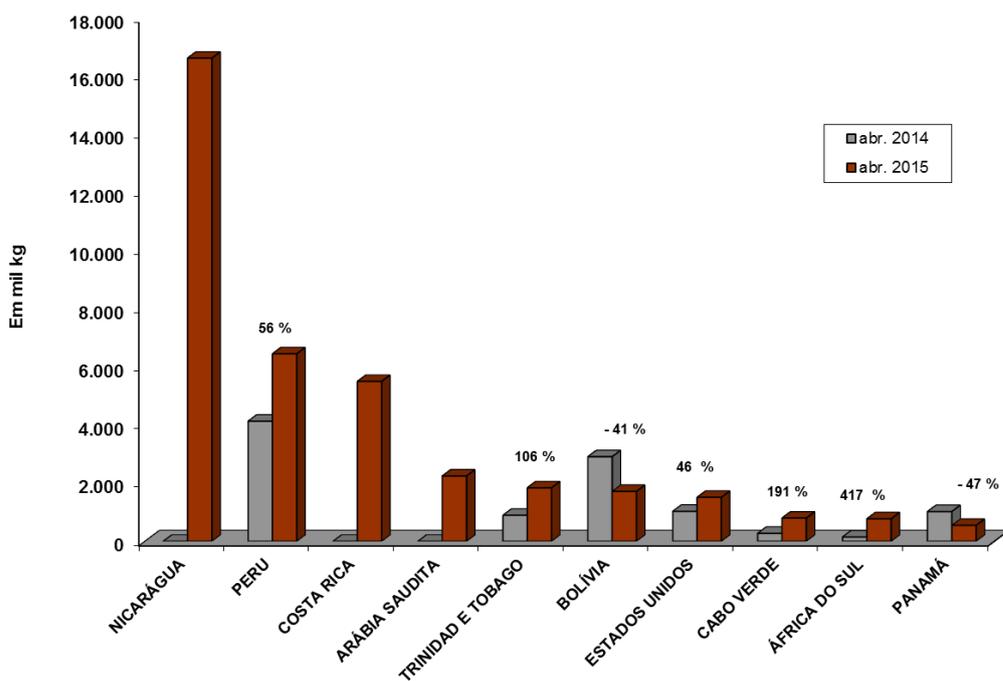
Gráfico 7 – Câmbio dólar – Compra



Fonte: Banco Central do Brasil.

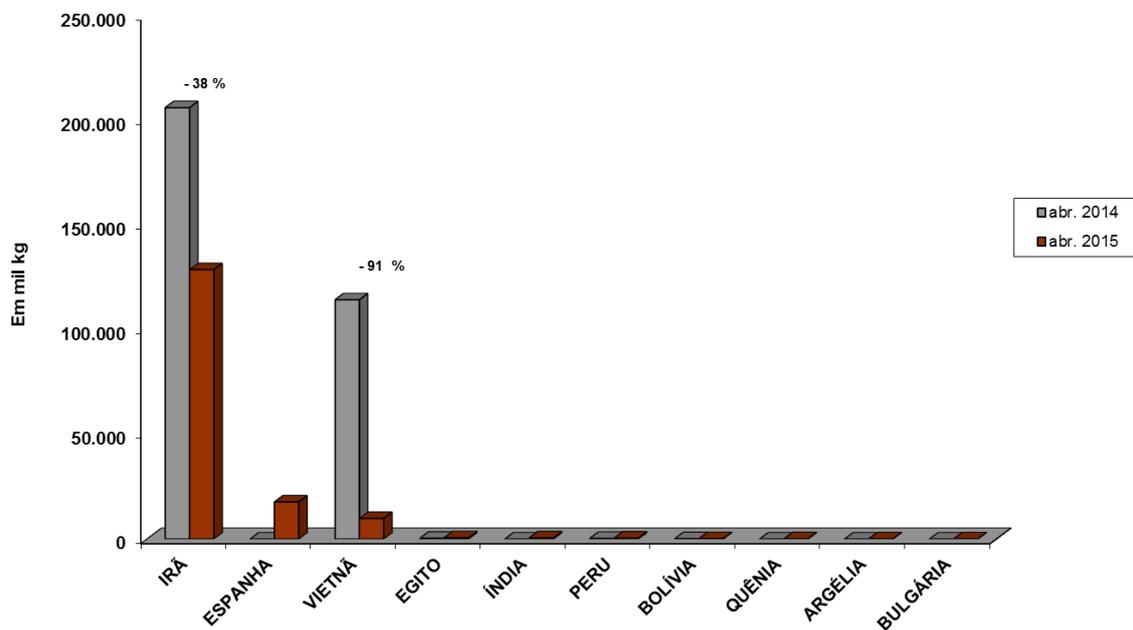
8. Exportações de arroz, milho, complexo soja e importação de trigo

Gráfico 8 – Exportação brasileira de arroz – Principais países importadores



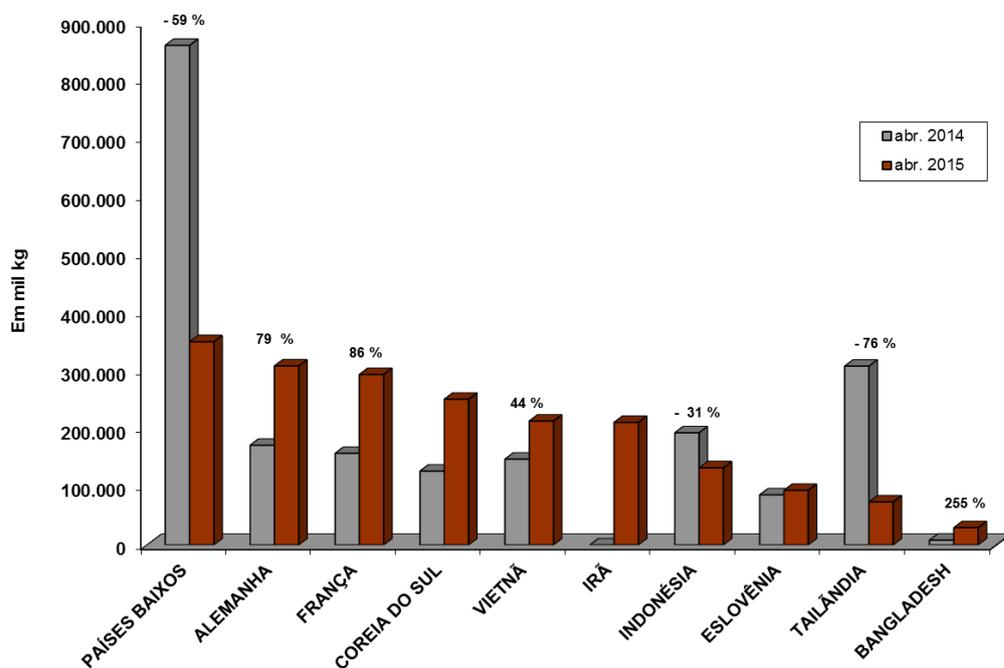
Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.
Elaboração: MAPA/SRI/DPI.

Gráfico 9 - Exportação brasileira de milho – Principais países importadores



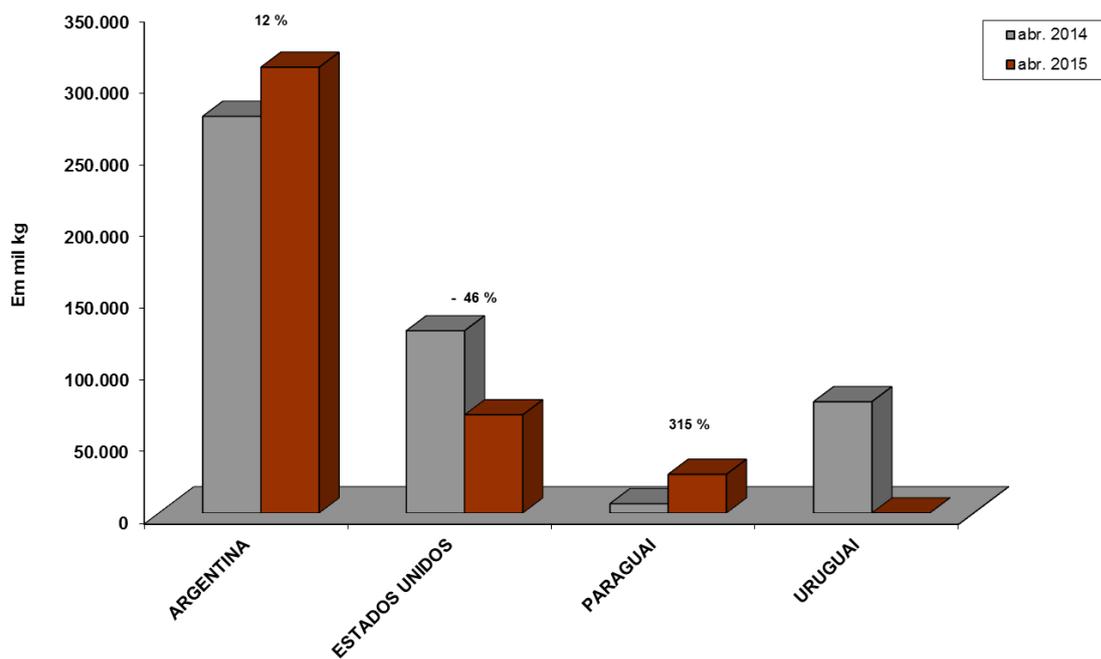
Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.
Elaboração: MAPA/SRI/DPI.

Gráfico 10 - Exportação brasileira do complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.
Elaboração: MAPA/SRI/DPI.

Gráfico 11 - Importação brasileira de trigo – Principais países exportadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir de dados da SECEX/MDIC.
Elaboração: MAPA/SRI/DPI.

9. Monitoramento agrícola: culturas de verão, de segunda safra e de inverno (safra 2014/15) – Maio de 2015

O monitoramento agrícola realizado quinzenalmente pela Conab e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas através de monitoramentos complementares: agrometeorológico e espectral, e os resultados são apresentados nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, dos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e às condições hídricas gerais (BMA). Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)¹ das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, amendoim, feijão, milho, soja, sorgo, girassol e trigo.

9.1. Condições meteorológicas recentes²

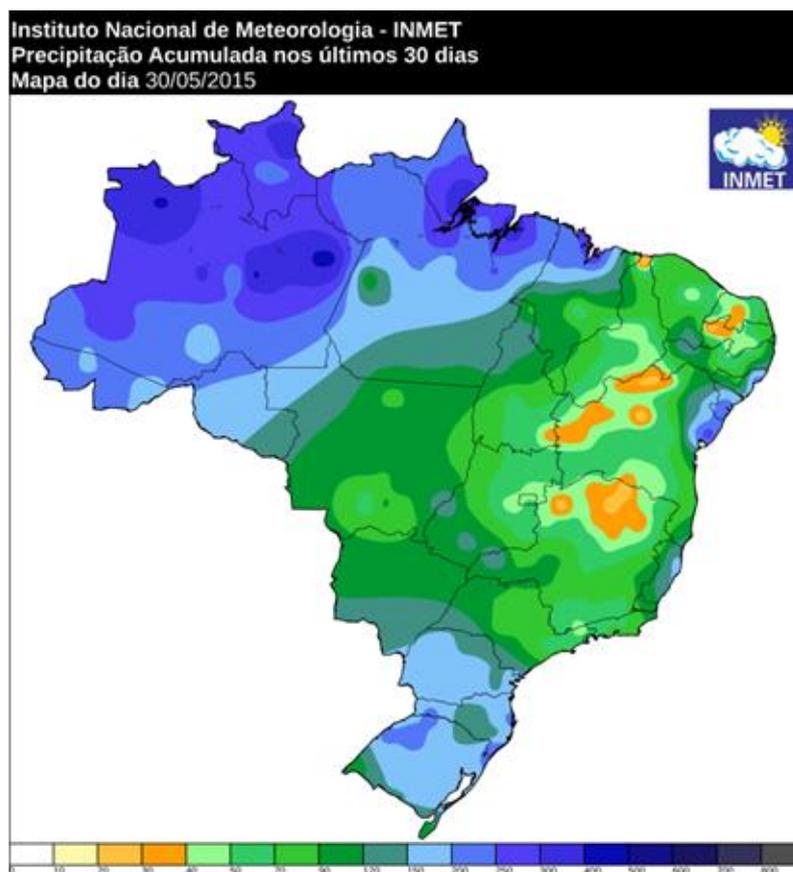
O volume de chuvas em maio foi próximo ou acima da média histórica do mês na maior parte das localidades do centro-sul do Brasil e na Região do MATOPIBA, seguindo a regularidade da precipitação de abril e contribuindo para a normalidade nos campos com cultivo de milho segunda safra durante os períodos de desenvolvimento e enchimento de grãos. Nessas regiões os maiores volumes ficaram entre 90 e 150 mm, como no norte do Tocantins e no sul de Goiás, enquanto os menores ficaram abaixo de 50 mm, principalmente no norte de Minas Gerais e oeste da Bahia (Figura 2).

Durante o mês de maio, com volumes entre 100 e 200 mm, a Região Sul do Brasil apresentou uma frequência e um acumulado de precipitação mais regular que nos dois meses anteriores na maioria das localidades, principalmente no Paraná (Figura 2).

¹ Índice que retrata as condições atuais da vegetação, integrando os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota técnica ao final do BMA).

² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP – Inmet – Brasília.

Figura 2 - Precipitação acumulada (em mm) em maio de 2015

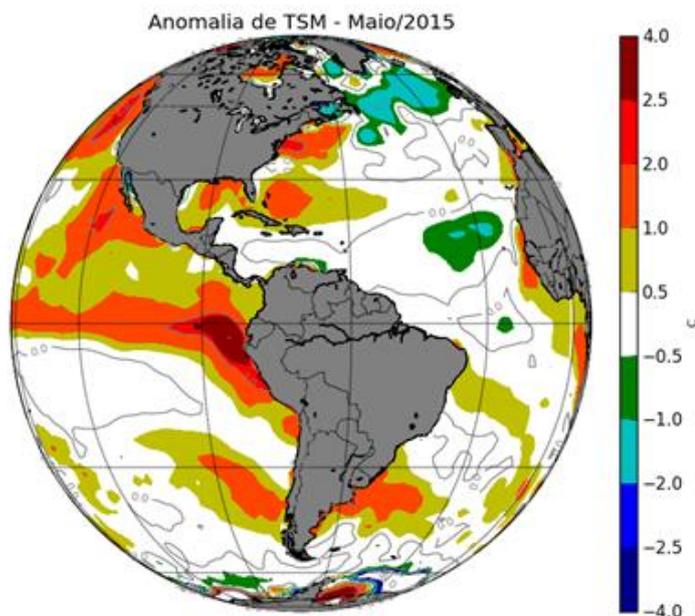


9.2. Fenômeno El Niño²

As atuais condições atmosféricas e oceânicas na região do Pacífico Tropical indicam que desde março está se formando uma nova ocorrência do fenômeno El Niño. Podem ser observadas anomalias positivas de temperatura da superfície do mar (TSM) na faixa equatorial em quase toda a sua extensão, indicando um padrão típico de El Niño. Em maio, os desvios positivos dessa faixa ficaram entre 0,5 e 3°C (Figura 1.2.1). Segundo os modelos de previsão de TSM, esse padrão típico pode persistir até o início do próximo verão do hemisfério sul de 2015, porém, os modelos divergem quanto ao grau de intensidade do fenômeno, sendo pouco provável que fique além da categoria de moderado.

² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP – Inmet – Brasília.

Figura 3 – Anomalia de TSM em maio de 2015



Fonte: CPC/NOAA.

Os impactos típicos no clima do Brasil são a diminuição da precipitação em áreas do Norte e do Nordeste e tendência de aumento de precipitação no Sul. Além disso, as temperaturas em geral ficam um pouco mais elevadas e, conseqüentemente, diminuindo o risco de geadas durante o inverno.

9.3. Prognóstico climático para o trimestre junho-julho-agosto/2015²

Para o norte das Regiões Norte e Nordeste a maioria dos modelos climáticos, como o estatístico do Inmet, indicam maior probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre deve ficar dentro da faixa normal ou abaixo, inclusive na faixa leste do Nordeste que está no seu período chuvoso.

Ainda segundo os modelos climáticos, para a Região Sul há uma maior probabilidade de que a precipitação acumulada fique acima ou dentro da faixa normal do período. Porém, o mês de junho pode ocorrer alguma irregularidade temporal e espacial na distribuição das chuvas, com maior concentração de chuvas no Rio Grande do Sul.

As temperaturas médias devem ficar um pouco acima da média do período, mas isso não descarta a ocorrência de períodos de baixa temperatura por efeito da chegada de massas de ar frio de origem polar, especialmente na Região Sul.

9.4. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou na fase de preparação para o plantio. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação

² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP – Inmet – Brasília.

acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura, e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais de baixa intensidade;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

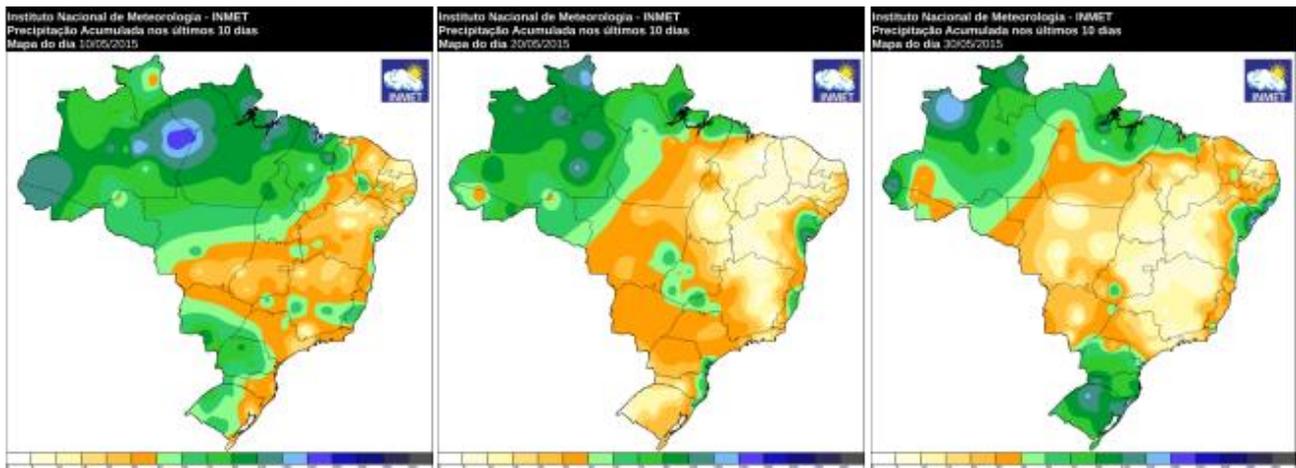
Nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil as chuvas em maio foram suficientes para o desenvolvimento das culturas de segunda safra em frutificação. As chuvas apresentaram maior intensidade no primeiro e segundo decêndio e a maior parte dessas regiões apresentou temperaturas máximas dentro ou abaixo da normal.

No Paraná a regularidade das chuvas favoreceu as lavouras de milho segunda safra em frutificação e culturas de inverno em germinação e desenvolvimento vegetativo. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul as condições foram favoráveis às culturas de inverno em germinação. Após chuvas reduzidas, principalmente no noroeste do Rio Grande do Sul no segundo decêndio, as chuvas ocorreram com maior intensidade no decêndio seguinte.

Na região do MATOPIBA (sul do Maranhão, leste do Tocantins, sudoeste do Piauí e oeste da Bahia), chuvas reduzidas favoreceram a colheita do milho primeira safra e o algodão em maturação e início de colheita.

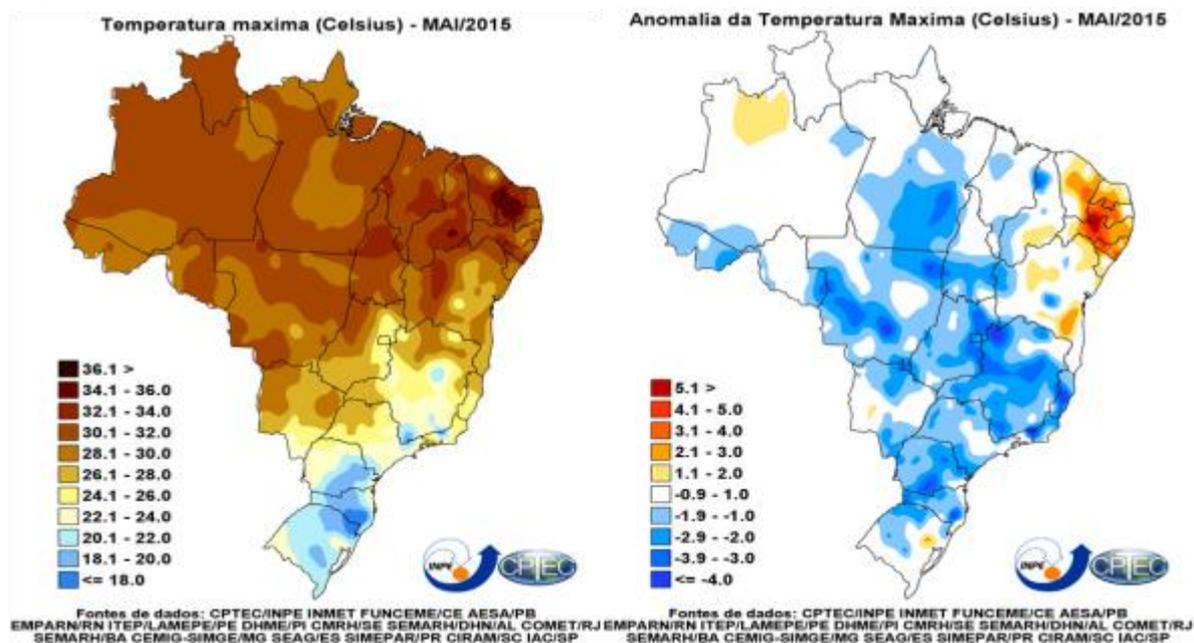
Nas regiões produtoras do sudeste do Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Agreste de Pernambuco, baixos volumes de chuva e altas temperaturas prejudicaram o milho primeira safra em fases críticas. Já em relação ao milho segunda safra de Sergipe, nordeste da Bahia, Leste e Agreste de Alagoas, as chuvas intensas principalmente no terceiro decêndio favoreceram as lavouras em desenvolvimento.

Figura 4 – Precipitação pluviométrica acumulada decendial em maio/15



Fonte: Inmet.

Figura 5 – Temperatura máxima e anomalia em maio/15



Fonte: Cptec.

9.5. Monitoramento espectral

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de eventuais ataques de pragas e doenças, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento o foco são os cultivos de segunda safra que, em grande parte, estão nas fases de enchimento de grãos e maturação, em especial o milho. Adicionalmente, o monitoramento cobre algumas regiões, onde os cultivos de inverno encontram-se em desenvolvimento.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à média histórica (2000-2015); b) gráficos da quantificação de unidades de área pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média dos 6 últimos anos safra nas faixas de baixos,

médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos safra.

Nota: Linhas tracejadas nos gráficos de evolução temporal correspondem aos períodos em que o excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados de satélite suficientes para o cálculo ponderado do IV e, nestas condições, podem não ser adequados para comparações entre anos safra nestes períodos.

No total, são monitoradas seis mesorregiões produtoras que cobrem juntas 67,5% da área nacional do milho segunda safra e 14,1% do trigo. Os resultados cobrindo uma maior extensão do ambiente agrícola, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, que são divulgados mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal do site da Companhia. A seguir são apresentadas as informações e análises mais recentes dessas seis mesorregiões.

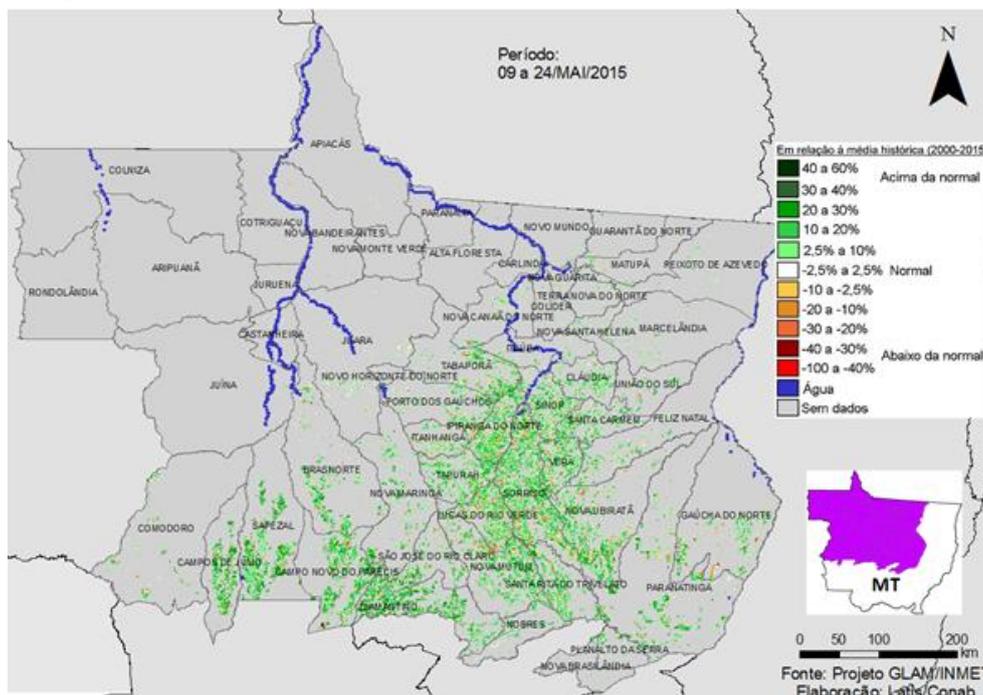
Tabela 6 – Mesorregiões cobertas pelo monitoramento espectral

Mesorregião	Área em hectares					
	Milho 2ª (a)	% (a) / TotalBrasil (a)	Trigo (b)	% (b) / Total Brasil (b)	(a+b)	% (a+b) / Total Brasil (a+b)
1 Norte Mato-grossense - MT	2.399.474	26,4%			2.399.474	20,5%
2 Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	1.114.968	12,3%	10.792	0,4%	1.125.760	9,6%
3 Oeste Paranaense - PR	771.866	8,5%	132.857	5,1%	904.723	7,7%
4 Sul Goiano - GO	794.854	8,8%	1.107	0,0%	795.961	6,8%
5 Norte Central Paranaense - PR	532.024	5,9%	222.372	8,5%	754.396	6,5%
6 Sudeste Mato-grossense - MT	519.740	5,7%			519.740	4,4%
Total 6 mesorregiões	6.132.926	67,5%	367.128	14,1%	6.500.054	55,6%
Total Brasil	9.082.800	100,0%	2.612.000	100,0%	11.694.800	100,0%

Fonte: IBGE/Conab (maio/2015).

9.5.1. Norte Mato-Grossense

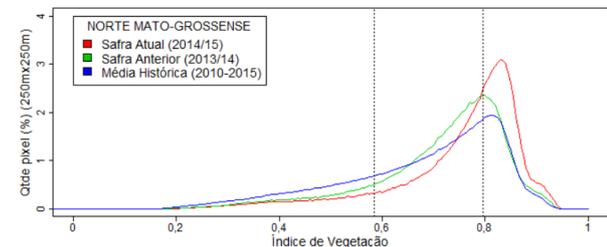
Figura 6 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



O predomínio das áreas em cor verde indica que a safra atual tem padrão de desenvolvimento superior ao da média histórica. As condições climáticas têm sido

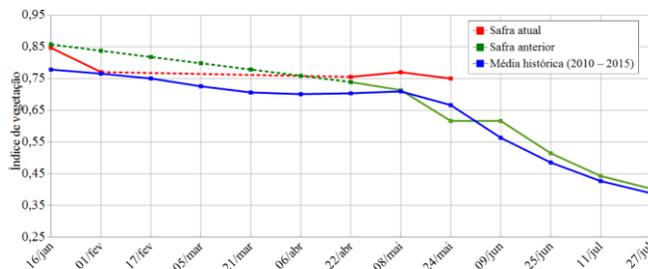
favoráveis, por isso os dados de satélite mostram os altos valores do IV destacados no mapa pelas áreas em verde. Bom potencial de produtividade dos cultivos de segunda safra é esperado para a região em 2015.

Gráfico 12 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de I.V.	0 - 0,5848	0,5848 - 0,7968	0,7968 - 1
Safra Atual (2014/15)	11,28 %	43,75 %	44,97 %
Safra Anterior (2013/14)	15,08 %	57,69 %	27,23 %
Média Histórica (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safra Atual-Média)	-13,72 %	-6,25 %	19,97 %

Gráfico 13 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



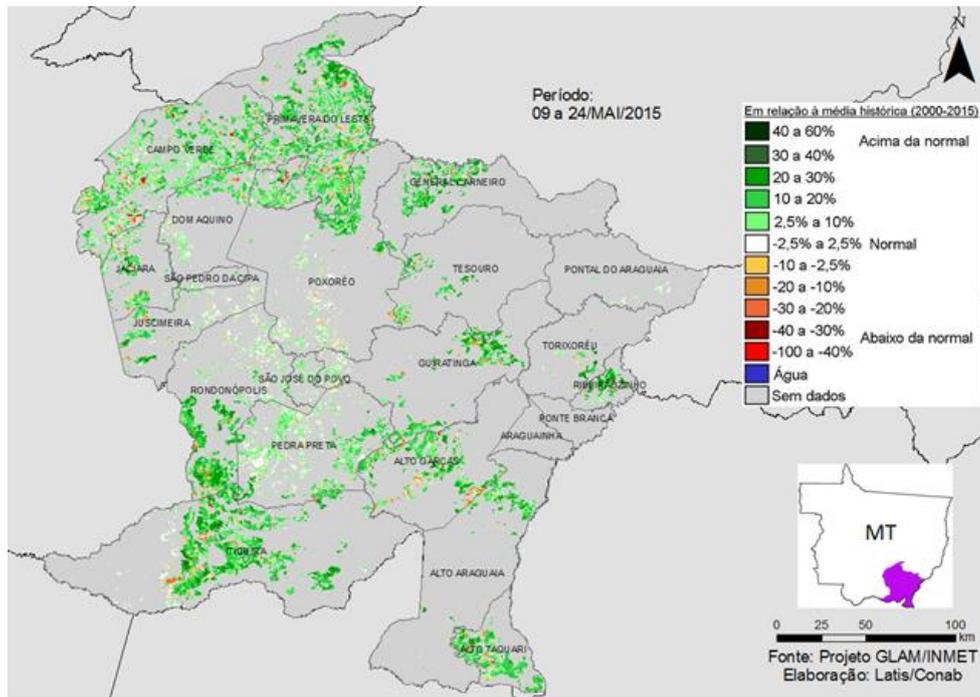
Quinzena	Alterações percentuais no desenvolvimento das lavouras												
	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar	06/abr	22/abr	08/mai	24/mai	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul
% Relat média histórica	9						7	9	13				
% Relat safra anterior							2	8	22				
Fases – 1ªsafra	F	F	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 89% de suas lavouras com médio e alto padrões de desenvolvimento e apenas 11% com baixas resposta de IV. Esses números caracterizam bem a situação atual dos cultivos de segunda safra inclusive quando comparada à safra passada que teve, nesse mesmo período, 85% das lavouras com médio e alto padrões. Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 9 a 24 de maio, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 13% acima da média dos seis últimos anos safra e 22% acima da safra anterior.

A linha vermelha, no gráfico de evolução temporal, pontilhada de fevereiro até início de abril, significa que a cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados suficientes para aquele trecho da linha. Entretanto, no período de 7 de abril a 24 de maio os dados de satélite foram suficientes para os cálculos e indicam bom padrão de desenvolvimento. O pico alcançado no início de maio indica que uma maior quantidade das lavouras estava na fase de enchimento de grãos. O leve declínio do último trecho indica o início da maturação.

9.5.2. Sudeste do Mato-Grossense

Figura 7 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à média histórica



O mapa mostra, em verde, cultivos de segunda safra em plenas fases reprodutivas e resposta de IV superior à média histórica. As condições climáticas têm sido favoráveis, por isso os dados de satélite mostram os altos valores do IV destacados no mapa neste padrão de cor. As poucas áreas em amarelo e marrom são normalmente de soja de ciclo longo colhida, que podem ter recebido recentemente plantio de sorgo ou milho. Em branco, condições normais. Expectativa de bom rendimento agrícola.

Gráfico 14 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

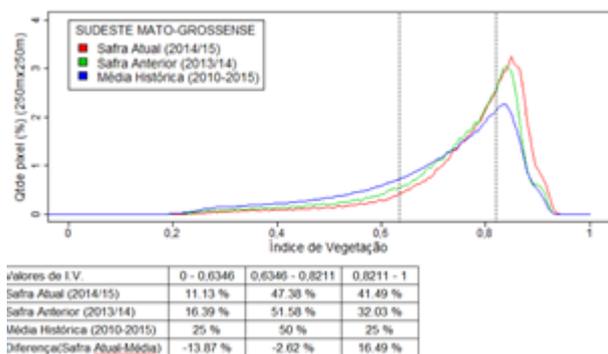
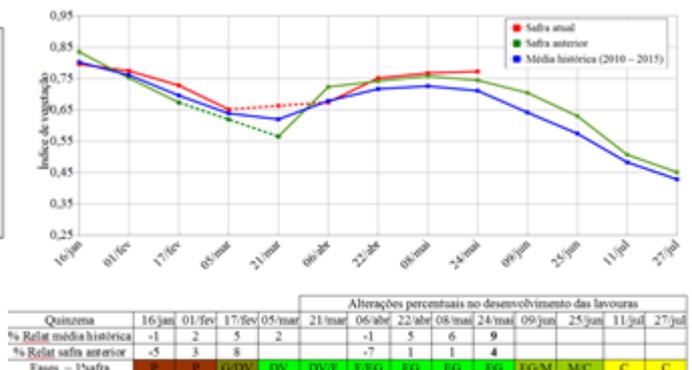


Gráfico 15 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

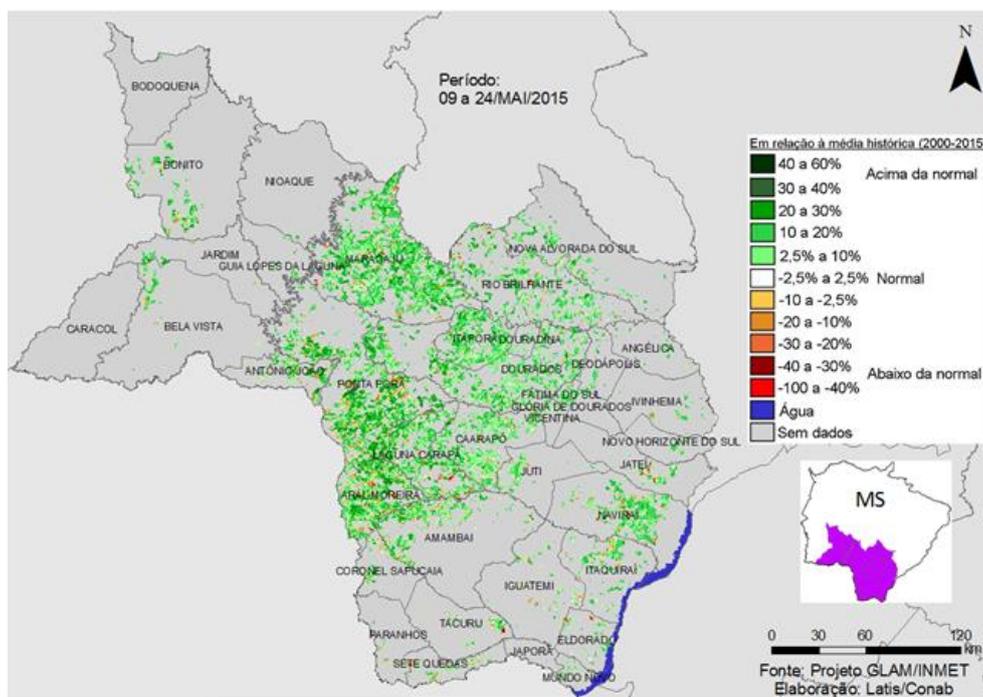


A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 89% de suas lavouras com médio e alto padrões de desenvolvimento e 11% com baixas resposta de IV. Esses números caracterizam bem a situação atual dos cultivos de segunda safra, bem próximo à safra passada, que teve, nesse mesmo período, 88% das lavouras com médio e alto padrões, no entanto, mais de 16% dos cultivos com baixos valores de IV. Em síntese, o cálculo ponderado com dados do período de 9 a 24 de maio, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 9% acima da média dos seis últimos anos safra e 4% acima da safra anterior.

A linha vermelha no gráfico de evolução temporal, pontilhada de 6 de março a 6 de abril, significa que a cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados suficientes para aquele trecho da linha. Entretanto, no período de 7 de abril a 24 de maio os dados de satélite foram suficientes para os cálculos e indicam bom padrão de desenvolvimento. O pico alcançado agora no final de maio indica que uma maior quantidade das lavouras está na fase de enchimento de grãos.

9.5.3. Sudoeste do Mato Grosso do Sul

Figura 8 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à média histórica



O predomínio das áreas em cor verde indica padrão de desenvolvimento da safra atual, superior ao da média histórica. As condições climáticas têm sido favoráveis, por isso os dados de satélite mostram os altos valores do IV destacados no mapa pelas áreas em verde. Bom potencial de produtividade dos cultivos de segunda safra é esperado para a região em 2015.

Gráfico 16 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

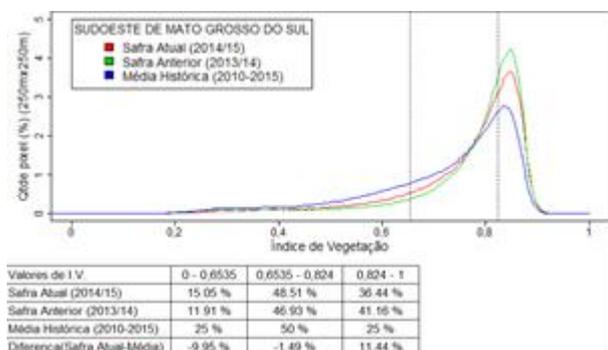
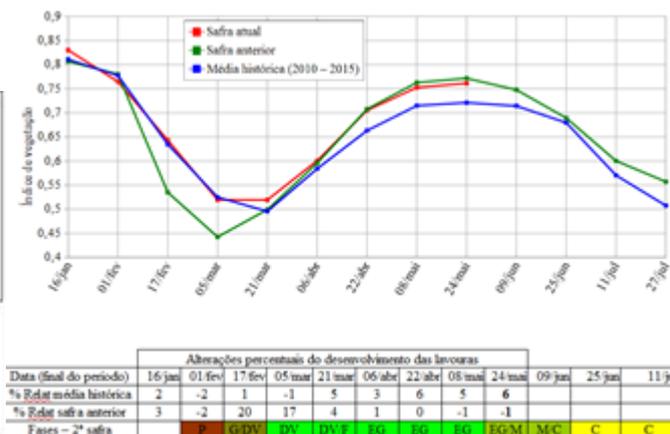


Gráfico 17 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

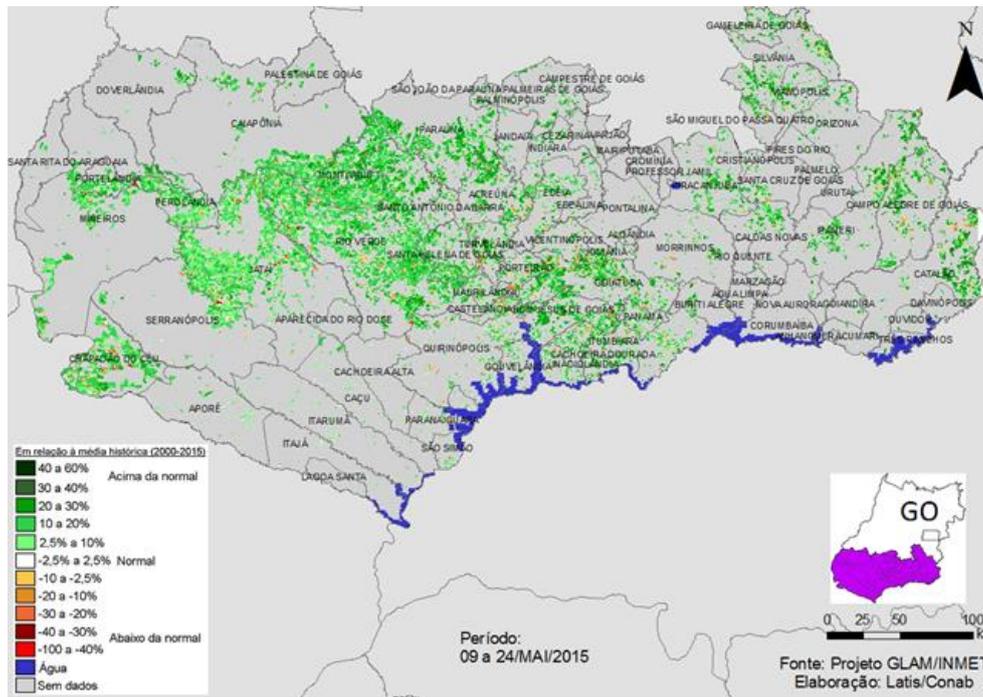


A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 85% de suas lavouras com médio e alto padrões de desenvolvimento e 15% com baixas resposta de IV. Esses percentuais estão bem próximos aos de 2014. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 6% acima da média dos seis últimos anos safra e 1% abaixo da safra anterior.

No gráfico da evolução temporal, o trecho da linha vermelha até 5 de março corresponde à primeira safra, principalmente soja. A queda acentuada do IV no final de janeiro e início de fevereiro ocorreu principalmente pela maturação, dessecagem e colheita. O trecho da linha a partir de 5 de março corresponde aos cultivos de segunda safra, principalmente milho. O trecho em ascensão corresponde às fases de desenvolvimento e reprodutivas e, pelo traçado da linha, segue de forma parecida ao ano passado. O pico agora no final de maio indica predomínio da fase de enchimento de grãos. Os dados de satélite indicam normalidade nesta segunda safra a ser colhida em 2015.

9.5.4. Sul Goiano

Figura 9 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à média histórica



O predomínio das áreas em verde no mapa mostra que a atual safra responde com padrão superior ao da média histórica. As poucas áreas em amarelo e marrom, são de soja já colhida onde provavelmente não houve cultivos do milho segunda safra. Expectativa de bom potencial de rendimento do milho segunda na safra 2014/15.

Gráfico 18 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

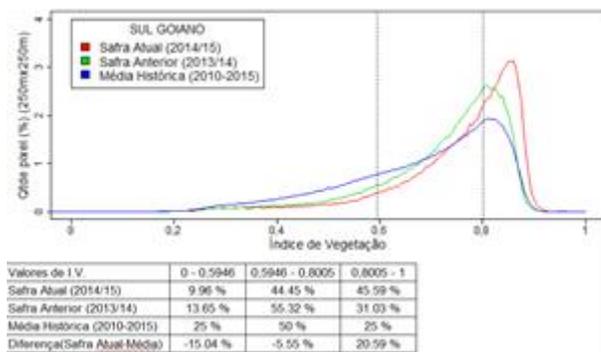
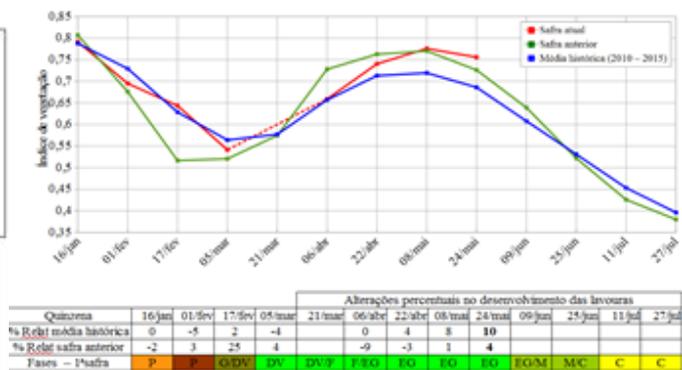


Gráfico 19 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



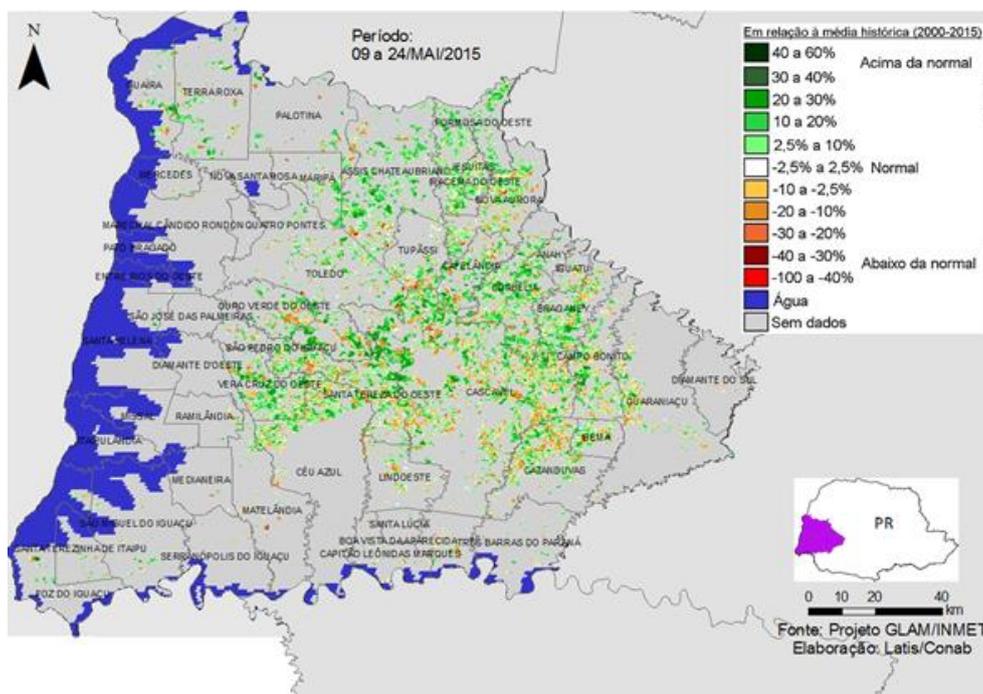
A tabela no gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem mais de 90% de suas lavouras com médio e alto padrões de desenvolvimento e menos de 10% com baixas resposta de IV. Pelo fato de que a safra passada já se encontrava com maturação relativamente adiantada no final de maio, as quantidades de lavouras pelo valor do IV são, neste período, inferiores aos de 2015. Em síntese, o cálculo ponderado

com dados do período de 9 a 24 de maio, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 10% acima da média dos seis últimos anos safra e 4% acima da safra passada.

O traçado da linha vermelha no gráfico de evolução temporal, deslocado para à direita, indica o atraso da atual safra em relação ao ano passado. De qualquer forma o traçado da linha, em boa ascensão desde o início de abril, caracteriza bom padrão nas fases reprodutivas. O último trecho em leve declínio mostra o início da maturação. Normalidade da segunda safra 2014/15, até o momento.

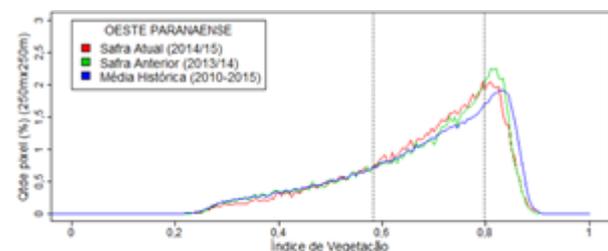
9.5.5. Oeste Paranaense

Figura 10 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à média histórica



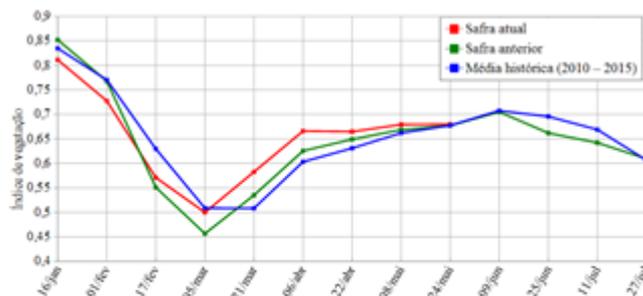
O mapa acima mostra um misto de fases dos cultivos de segunda safra e os de inverno. Parte das áreas em verde é de milho segunda safra em fases reprodutivas e outra parte é de cultivos de inverno com alguma cobertura foliar e boa resposta de IV. Em amarelo, laranja e marrom podem ser áreas de lavouras de segunda safra maduras ou colhidas e também de cultivos de inverno recém plantados, ainda com pouca cobertura foliar. Expectativa de bom potencial de rendimento agrícola na região para a segunda safra 2014/15.

Gráfico 20 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de IV	0 - 0,582	0,582 - 0,7979	0,7979 - 1
Safrá Atual (2014/15)	22,84 %	56,3 %	20,86 %
Safrá Anterior (2013/14)	24,41 %	52,44 %	23,15 %
Média Histórica (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença(Safrá Atual-Média)	-2,16 %	6,3 %	-4,14 %

Gráfico 21 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



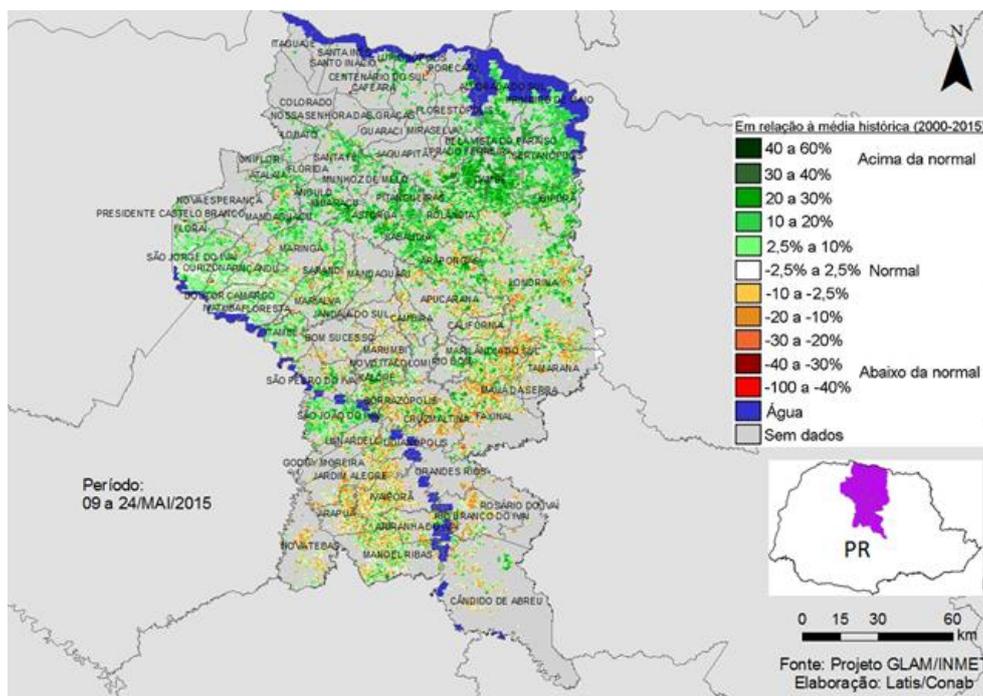
Data (final do período)	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras											
	16/12	01/12	17/12	05/12	21/12	06/12	22/12	08/12	24/12	09/12	25/12	11/12
% Relat média histórica	-3	-6	-9	-2	15	10	5	3	0			
% Relat safrá anterior	-5	-5	4	9	9	6	2	2	0			
Fases - 2ª safrá	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safrá tem mais de 77% de suas lavouras com médio e alto padrões de desenvolvimento e menos de 23% com baixas resposta de IV. Esses números indicam que a situação, dos atuais cultivos de segunda safrá e de inverno, é semelhante à da safrá passada, que teve, nesse mesmo período, 76% das lavouras com médio e alto padrões e mais de 24% dos cultivos com baixos valores de IV. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica equivalência tanto em relação à média dos 6 últimos anos-safrá quanto à safrá passada.

A linha vermelha no gráfico de evolução temporal mostra, no trecho descendente até 5 de março, o período de maturação e colheita da atual safrá de verão, soja e milho primeira safrá. O trecho em forte ascensão, do início de março ao início de abril, cobriu bom período das fases de desenvolvimento e reprodutiva do milho segunda safrá. A redução da inclinação positiva da linha, mas mantendo em altos valores de IV, a partir de 7 de abril é típica da região nesta época do ano quando se tem a continuidade das fases reprodutivas do milho e o início da cobertura foliar dos cultivos de inverno. Lavouras maduras e em colheita também contribuem para esta redução no incremento do IV. Os dados de satélite indicam bom potencial de produtividade do milho segunda safrá nesta região.

9.5.6. Norte Central Paranaense

Figura 11 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à média histórica



As áreas em verde, no mapa acima, são principalmente lavouras de milho segunda safra em fases reprodutivas e parcela de trigo que já apresenta alguma cobertura foliar e boa resposta de IV. Parte das áreas em amarelo, laranja e marrom são de cultivos de inverno recém plantados e ainda com pouca cobertura e até mesmo lavouras de milho segunda safra maduras ou colhidas. Em média, os dados de satélite indicam, até o momento, boa perspectiva de produtividade em 2015, nesta região.

Gráfico 22 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

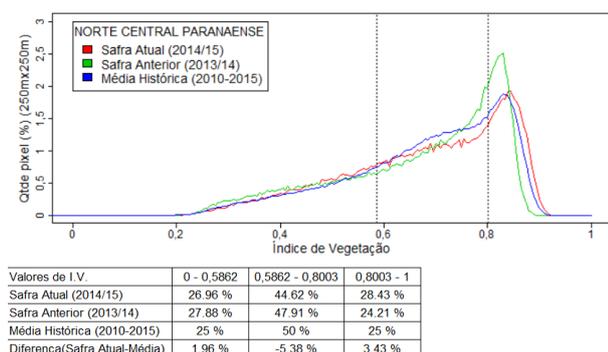
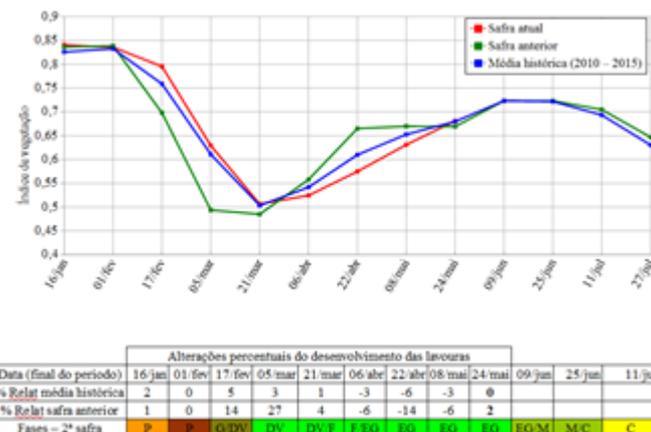


Gráfico 23 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 73% de suas lavouras com médio e alto padrões de desenvolvimento e 27% de cultivos com baixas resposta de IV. Na safra passada 72% das lavouras estavam com médio e alto padrões e 28% dos cultivos com baixos valores de IV. Em síntese, o cálculo

ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: equivalência em relação à média dos seis últimos anos safra e 2% acima da safra passada.

O traçado da linha vermelha no gráfico de evolução temporal, deslocado para a direita em relação ao ano passado, indica atraso na colheita da safra de verão (soja e milho primeira safra) e retardo também no plantio da segunda safra. No entanto, a ascensão continuada a partir de abril é indicativo de desenvolvimento normal principalmente do milho segunda safra que, no momento, encontra-se em fases reprodutivas.

10. Análise das culturas

10.1. Culturas de verão

10.1.1. Algodão

A produção brasileira de algodão nesta safra 2014/15 deve ocupar uma área de 977,7 mil hectares, 12,8% menor que a temporada passada, o que equivale a uma redução de quase 144 mil hectares. Entre os principais estados produtores, Goiás foi o que mais teve redução proporcionalmente à área, com 37%, seguindo de Mato Grosso com 12,5% e Bahia com 12%. A redução observada na área plantada foi influenciada pela conjuntura adversa, tanto interna quanto externa, com estoques elevados e queda no preço da pluma.

Com aproximadamente 65% da área, a Região Centro-Oeste é a maior produtora de algodão do país. Atualmente a cultura primeira e segunda safras encontram-se nas fases de frutificação e maturação.

O Mato Grosso, maior produtor, deve sofrer uma redução absoluta na área de aproximadamente 80,4 mil hectares ou 12,5%. Essa redução ocorre em função dos baixos preços alcançados na arroba da pluma. O algodão é uma cultura de custo bastante elevado e os produtores precisam trabalhar com um planejamento estratégico, de forma a estimar o custo de produção e vender antecipadamente o produto, com o intuito de obter uma margem de lucro razoável tendo em vista outras possibilidades de cultivo como a soja.

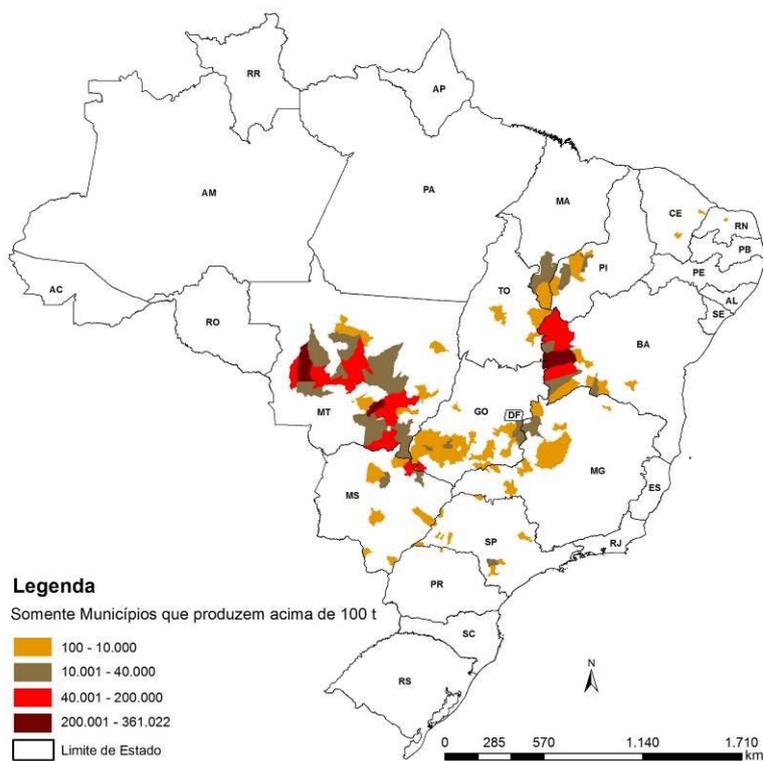
Em Goiás a cultura apresenta bom aspecto sanitário, com baixa incidência de pragas e doenças. Foram relatados ataques de bicudo (*Anthonomus grandis*) nas lavouras do sudoeste goiano, porém, os agricultores estão realizando pulverizações aéreas nas lavouras como medida preventiva e curativa. Chuvas alternadas com dias ensolarados têm favorecido o bom desenvolvimento da cultura no estado, isso também tem facilitado as atividades de pulverização e adubação em cobertura das lavouras, que por sua vez encontram-se na fase de frutificação e maturação. As lavouras apresentam um bom aspecto sanitário, com grandes áreas já entrando na fase reprodutiva e outras com áreas em fase de floração e algumas poucas já apresentando capulhos.

Em Mato Grosso do Sul a maioria do algodão é plantado na região dos Chapadões. É observado um bom aspecto da cultura, com bom desenvolvimento e esperando-se boa produtividade. Nas últimas semanas foi observada a redução da intensidade e frequência das chuvas, o que é benéfico nesta fase da cultura.

Na Região Sul e Central do estado as lavouras de algodão estão chegando em fase final de frutificação e a presença de percevejo marrom (*Euchistus heros*) requer atenção pelos produtores. Em alguns locais já foi feita aplicação de desfolhantes, visto que a colheita deve iniciar em breve. As precipitações, neste estágio, podem interferir diretamente no rendimento e qualidade da fibra, uma vez que na região as precipitações permanecem frequentes.

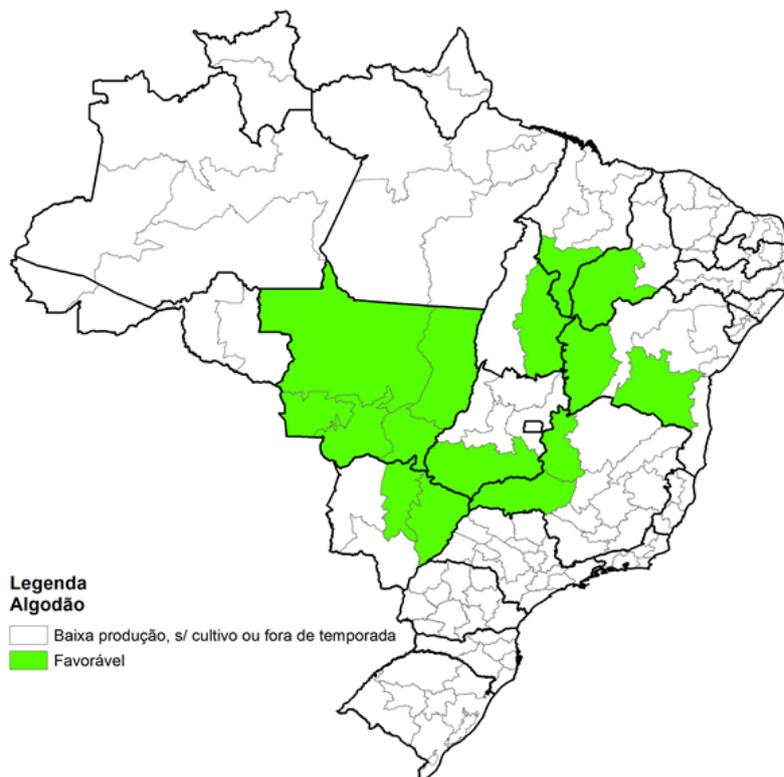
Na Região Nordeste a área de algodão deve sofrer redução, impulsionada pela redução na Bahia, segundo maior produtor nacional, onde se prevê uma diminuição de área plantada na ordem de 38,3 mil hectares. A justificativa da queda está relacionada ao alto volume dos estoques mundiais, que por consequência, impactou negativamente no preço da pluma. Estima-se um aumento de 2,1% na produtividade, sendo atribuída às boas condições climáticas. A cultura segue em plena frutificação, com maior parte no desenvolvimento de fruto (maçãs). A cultura não foi tão afetada pelo período de estiagem, por ser uma cultura mais resistente à falta de água. A tendência é que a produtividade alcance o patamar dos melhores anos da cultura.

Figura 12 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 13 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 7 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão	- todo estado do MT (2ª safra) (FR/M) - sul de GO (2ª safra) (FR/M)		- leste do TO (M/C) - sul do MA (M/C) - sudoeste do PI (M/C) - oeste e centro sul da BA (M/C) - oeste de MG (M/C) - centro norte e leste do MS (M) - todo estado do MT (1ª safra) (M) - sul de GO (1ª safra) (M/C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

No Maranhão metade dos financiamentos para a cultura do algodão é custeado pelos próprios produtores. O plantio foi iniciado em dezembro, com 85% plantado, e finalizado em janeiro. Cultura já nas fases finais de frutificação e maturação, enquanto que a colheita está prevista para ser iniciada em junho, com término em setembro. A cultura do algodão é explorada apenas nos municípios de Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso, todos localizados no extremo sul do Maranhão, sendo os dois últimos de maior representatividade.

No Sudeste deve ocorrer a maior redução percentual na área entre as regiões do país, cerca de 21,8%. Em Minas Gerais a área de cultivo de algodão está estimada em 18,8 mil hectares, sinalizando uma redução de 10% em relação à safra anterior, acompanhando a tendência baixista nos preços de comercialização de pluma, motivada pelo aumento da oferta mundial de algodão acima do crescimento do consumo. O plantio de algodão em Minas Gerais normalmente inicia-se a partir de 20 de novembro, quando se encerra o período de vazio sanitário de 60 dias, instituído pelo Instituto Mineiro de Algodão (IMA), como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicudo e para proteger a produção mineira dos prejuízos ocasionados pela praga. A isenção desta obrigatoriedade foi concedida, através da Portaria IMA nº 1.409 de 2014 às propriedades do Norte de Minas, localizadas abaixo de 600 metros de altitude, georreferenciadas pela Amipa e informadas ao IMA, e que puderam, portanto, manter suas áreas de soqueira. O plantio da safra de verão de algodão no estado concentrou-se em dezembro. Já foi iniciada a colheita das áreas de soqueira, do Norte de Minas. Estima-se uma produtividade média de 3.600 kg/ha, 3,8% maior do que a safra passada, em função do bom regime de chuvas ocorridos em março. A produção deverá ficar 6,6% abaixo do resultado obtido na safra passada, alcançando 67,7 mil toneladas de algodão em caroço.

A produção nacional de algodão em caroço está estimada em 3.830,9 mil toneladas, 13% menor que a safra passada. O Mato Grosso é responsável por 60% deste total da produção e a Bahia outros 26% da produção. A produção nacional do algodão em pluma está estimada atingir 1.507,7 mil toneladas, representando uma diminuição de 13,1% quando comparada com a produção do ano anterior, que totalizou 1.734 mil toneladas.

Quadro 1 – Calendário de plantio e colheita – Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte			P	P	P				C	C		
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste			P	P	P				C	C	C	C
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C				P	P	P	C	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste			P	P					C	C	C	C
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste		P	P	P			C	C	C	C	C	
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul	P	P	P			C	C	C				
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; PC - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	7,7	60,4	4.020	4.371	8,7	19,3	33,7	74,6
TO	4,8	7,7	61,1	4.020	4.371	8,7	19,3	33,7	74,6
NORDESTE	352,8	319,3	(9,5)	3.872	3.920	1,2	1.366,2	1.251,6	(8,4)
MA	18,6	21,4	14,9	4.140	3.994	(3,5)	77,0	85,5	11,0
PI	12,1	14,3	18,4	4.125	3.721	(9,8)	49,9	53,2	6,6
CE	1,8	1,8	-	780	651	(16,5)	1,4	1,2	(14,3)
RN	0,4	0,3	(22,0)	3.810	4.031	5,8	1,5	1,2	(20,0)
PB	0,1	0,2	100,0	660	692	4,8	0,1	0,1	-
PE	0,3	0,1	(60,0)	540	512	(5,2)	0,2	0,1	(50,0)
AL	0,1	0,1	-	480	490	2,1	-	-	-
BA	319,4	281,1	(12,0)	3.870	3.950	2,1	1.236,1	1.110,3	(10,2)
CENTRO-OESTE	734,2	627,5	(14,5)	3.974	3.927	(1,2)	2.917,6	2.463,9	(15,6)
MT	643,1	562,7	(12,5)	3.960	3.894	(1,7)	2.546,7	2.191,2	(14,0)
MS	37,5	31,0	(17,3)	4.275	4.400	2,9	160,3	136,4	(14,9)
GO	53,6	33,8	(37,0)	3.930	4.034	2,6	210,6	136,3	(35,3)
SUDESTE	28,9	22,3	(22,8)	3.443	3.572	3,7	99,5	79,7	(19,9)
MG	20,9	18,8	(10,0)	3.469	3.600	3,8	72,5	67,7	(6,6)
SP	8,0	3,5	(56,3)	3.375	3.422	1,4	27,0	12,0	(55,6)
SUL	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
PR	0,9	0,9	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	(4,8)
NORTE/NORDESTE	357,6	327,0	(8,6)	3.874	3.931	1,4	1.385,5	1.285,3	(7,2)
CENTRO-SUL	764,0	650,7	(14,8)	3.952	3.912	(1,0)	3.019,2	2.545,6	(15,7)
BRASIL	1.121,6	977,7	(12,8)	3.927	3.918	(0,2)	4.404,7	3.830,9	(13,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	7,7	60,4	1.548	1.688	9,1	7,4	13,0	75,7
TO	4,8	7,7	61,1	1.548	1.683	8,7	7,4	13,0	75,7
NORDESTE	352,8	319,3	(9,5)	1.515	1.534	1,3	534,6	489,8	(8,4)
MA	18,6	21,4	14,9	1.635	1.578	(3,5)	30,4	33,8	11,2
PI	12,1	14,3	18,4	1.629	1.470	(9,8)	19,7	21,0	6,6
CE	1,8	1,8	-	273	228	(16,5)	0,5	0,4	(20,0)
RN	0,4	0,3	(22,0)	1.448	1.532	5,8	0,6	0,5	(16,7)
PB	0,1	0,2	100,0	231	242	4,8	-	-	-
PE	0,3	0,1	(60,0)	189	179	(5,3)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	168	172	2,4	-	-	-
BA	319,4	281,1	(12,0)	1.513	1.544	2,0	483,3	434,1	(10,2)
CENTRO-OESTE	734,2	627,5	(14,5)	1.569	1.551	(1,1)	1.152,2	973,1	(15,5)
MT	643,1	562,7	(12,5)	1.564	1.538	(1,7)	1.005,9	865,5	(14,0)
MS	37,5	31,0	(17,3)	1.689	1.738	2,9	63,3	53,9	(14,8)
GO	53,6	33,8	(37,0)	1.548	1.589	2,6	83,0	53,7	(35,3)
SUDESTE	28,9	22,3	(22,8)	1.349	1.395	3,4	39,0	31,1	(20,3)
MG	20,9	18,8	(10,0)	1.353	1.404	3,8	28,3	26,4	(6,7)
SP	8,0	3,5	(56,3)	1.333	1.352	1,4	10,7	4,7	(56,1)
SUL	0,9	0,9	-	889	778	(12,5)	0,8	0,7	(12,5)
PR	0,9	0,9	-	903	828	(8,3)	0,8	0,7	(12,5)
NORTE/NORDESTE	357,6	327,0	(8,6)	1.516	1.538	1,5	542,0	502,8	(7,2)
CENTRO-SUL	764,0	650,7	(14,8)	1.560	1.544	(1,0)	1.192,0	1.004,9	(15,7)
BRASIL	1.121,6	977,7	(12,8)	1.546	1.542	(0,3)	1.734,0	1.507,7	(13,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	7,7	60,4	2.472	2.688	8,7	11,9	20,7	73,9
TO	4,8	7,7	61,1	2.472	2.688	8,7	11,9	20,7	73,9
NORDESTE	352,8	319,3	(9,5)	2.357	2.386	1,2	831,5	761,7	(8,4)
MA	18,6	21,4	14,9	2.505	2.416	(3,6)	46,6	51,7	10,9
PI	12,1	14,3	18,4	2.496	2.251	(9,8)	30,2	32,2	6,6
CE	1,8	1,8	-	507	423	(16,6)	0,9	0,8	(11,1)
RN	0,4	0,3	(22,0)	2.362	2.499	5,8	0,9	0,7	(22,2)
PB	0,1	0,2	100,0	429	450	4,9	-	0,1	-
PE	0,3	0,1	(60,0)	351	333	(5,1)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	312	319	2,2	-	-	-
BA	319,4	281,1	(12,0)	2.357	2.406	2,1	752,8	676,2	(10,2)
CENTRO-OESTE	734,2	627,5	(14,5)	2.404	2.376	(1,2)	1.765,4	1.490,7	(15,6)
MT	643,1	562,7	(12,5)	2.396	2.356	(1,7)	1.540,7	1.325,6	(14,0)
MS	37,5	31,0	(17,3)	2.586	2.662	2,9	97,0	82,5	(14,9)
GO	53,6	33,8	(37,0)	2.382	2.445	2,6	127,7	82,6	(35,3)
SUDESTE	28,9	22,3	(22,8)	2.096	2.176	3,9	60,5	48,5	(19,8)
MG	20,9	18,8	(10,0)	2.116	2.196	3,8	44,2	41,3	(6,6)
SP	8,0	3,5	(56,3)	2.042	2.070	1,4	16,3	7,2	(55,8)
SUL	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	357,6	327,0	(8,6)	2.359	2.393	1,4	843,4	782,4	(7,2)
CENTRO-SUL	764,0	650,7	(14,8)	2.392	2.368	(1,0)	1.827,2	1.540,4	(15,7)
BRASIL	1.121,6	977,7	(12,8)	2.381	2.376	(0,2)	2.670,6	2.322,8	(13,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

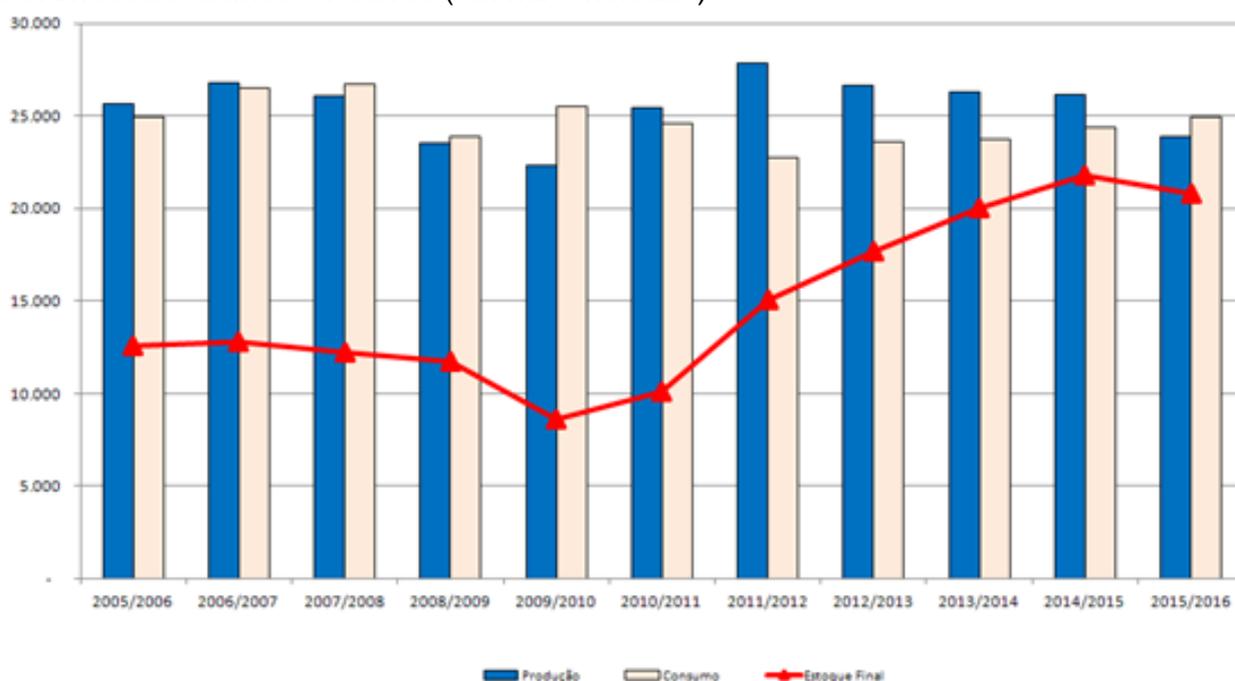
10.1.1.1. Oferta e demanda

Panorama mundial

O mercado mundial do Algodão segue com disponibilidade do produto bastante superior ao consumo. Os números revisados da produção mundial na safra 2014/15, já finalizada no Hemisfério Norte e em andamento no Sul, estimada pelo Comitê Consultivo do Algodão – Icac (sigla em inglês) é de 26,2 milhões de toneladas, enquanto que o consumo previsto é de 24,4 milhões toneladas. Quanto às projeções de produção para a safra 2015/16, aquela instituição avalia que haverá uma significativa retração de 8,7%, devendo totalizar cerca de 23,9 milhões de toneladas, e no caso do consumo, estima um crescimento moderado de 2,3%, perfazendo um montante de 24,9 milhões de toneladas.

Compete destacar que o menor volume de produção, segundo as estimativas revisadas em junho do Icac, contribuirá para uma redução de 4,7% nos estoques de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20,8 milhões de toneladas. Neste sentido, a relação estoque versus consumo, no citado período, passa a ser de 83,76% contra 89,6% na safra passada. Historicamente este índice oscila entre 35% e 40%, contudo, destaca-se que cerca de 56,6% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados na China.

Gráfico 24 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de algodão no mundo nas últimas nas últimas 11 safras (em mil toneladas)



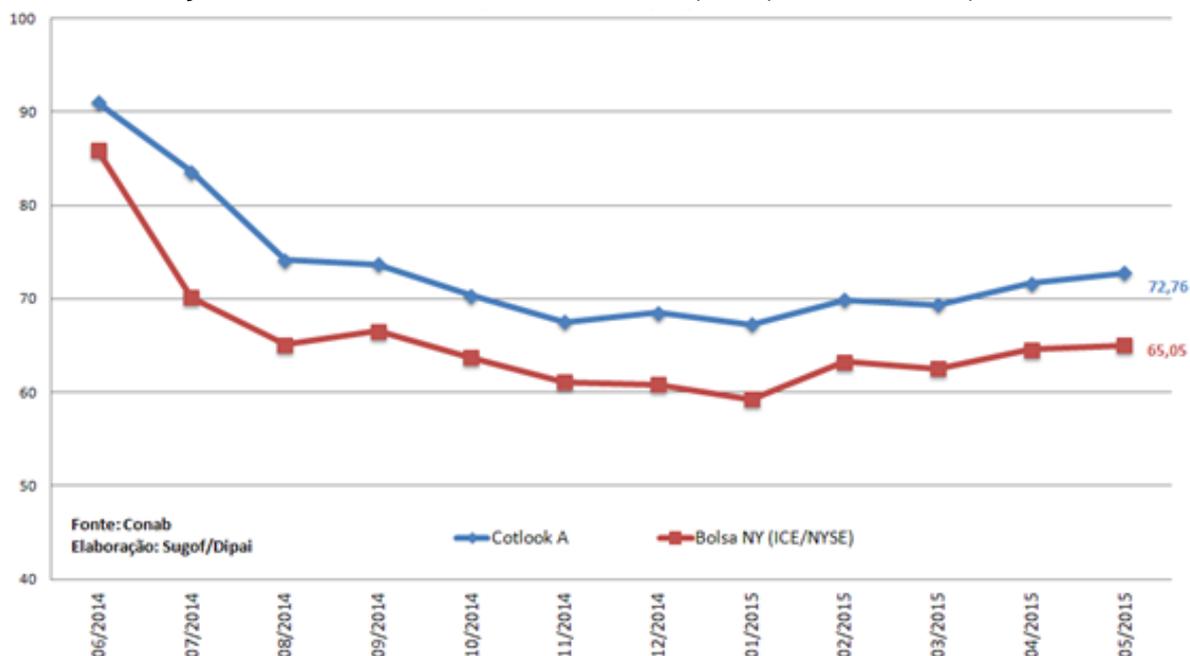
Fonte: Icac.
Elaboração: Sugof/Dipai.

Preços internacionais

Os preços internacionais da pluma apresentaram comportamentos mistos ao longo de maio, após uma significativa volatilidade presente na primeira quinzena do mês os preços seguiram em queda na segunda metade do mês. A demanda reduzida pelo produto por parte dos principais países consumidores, notadamente os asiáticos, acabaram dando base para que o mercado operasse com oferta de preços pouco atrativa para os fornecedores de pluma. Entretanto, é imperativo destacar que os relatórios climáticos e de progresso da lavoura do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos

(Usda) informam que um período de chuva excessiva no estado do Texas atrasou o plantio da safra 2015/16 naquela região, fato que motivou uma forte recuperação das cotações internacionais ao final do mês e, dessa maneira, sustentação da média mensal das cotações internacionais de algodão.

Gráfico 25 – Preços internacionais médios mensais (FOB) – 12 meses (em Cents US\$/lb)

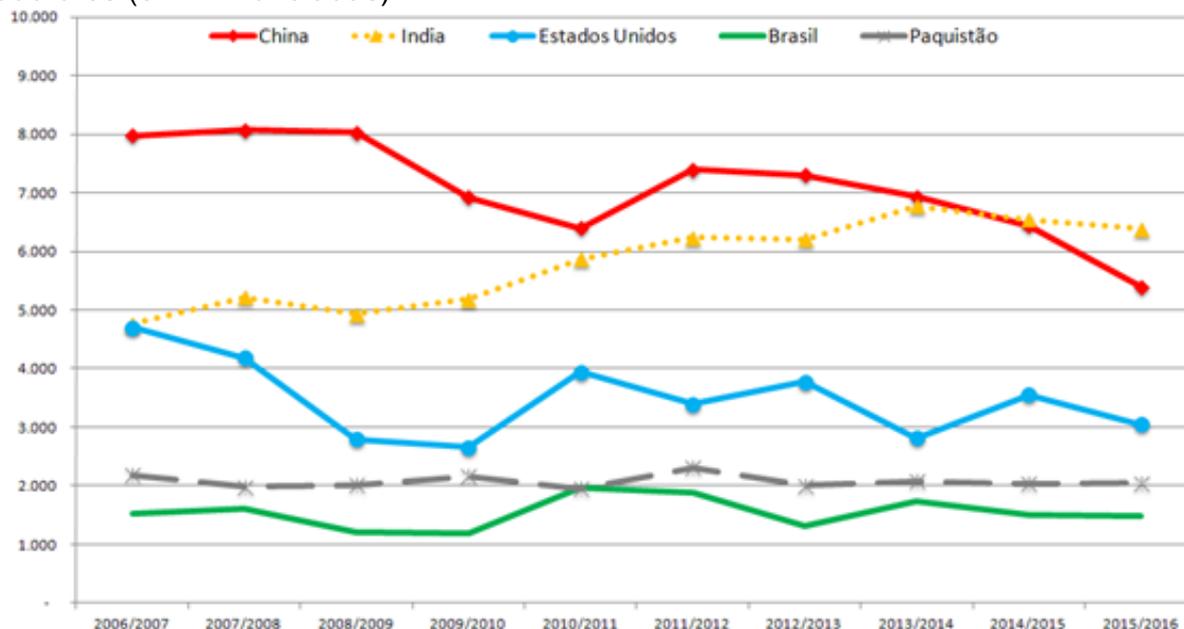


Panorama nacional

Caso as condições climáticas permaneçam favoráveis até o final do ciclo da cultura, o Brasil deverá colher cerca de 1.507,7 mil toneladas de pluma. Em valores absolutos a produção de pluma será inferior à da safra passada em 226,3 mil toneladas, aproximadamente, o que em termos percentuais equivale a 13,1%.

O declínio foi fundamentado, principalmente, pelo grande acúmulo dos estoques mundiais de passagem nos últimos anos que tem o poder de impactar negativamente os preços em nível mundial, especialmente aqui no Brasil onde os preparativos para o plantio da safra (compras de insumos, preparo do solo, entre outras atividades) começam em março e se estendem até ao princípio de novembro, quando efetivamente é iniciado os trabalhos de semeadura.

Gráfico 26 – Evolução da produção de algodão nas últimas dez safras – Principais produtores (em mil toneladas)

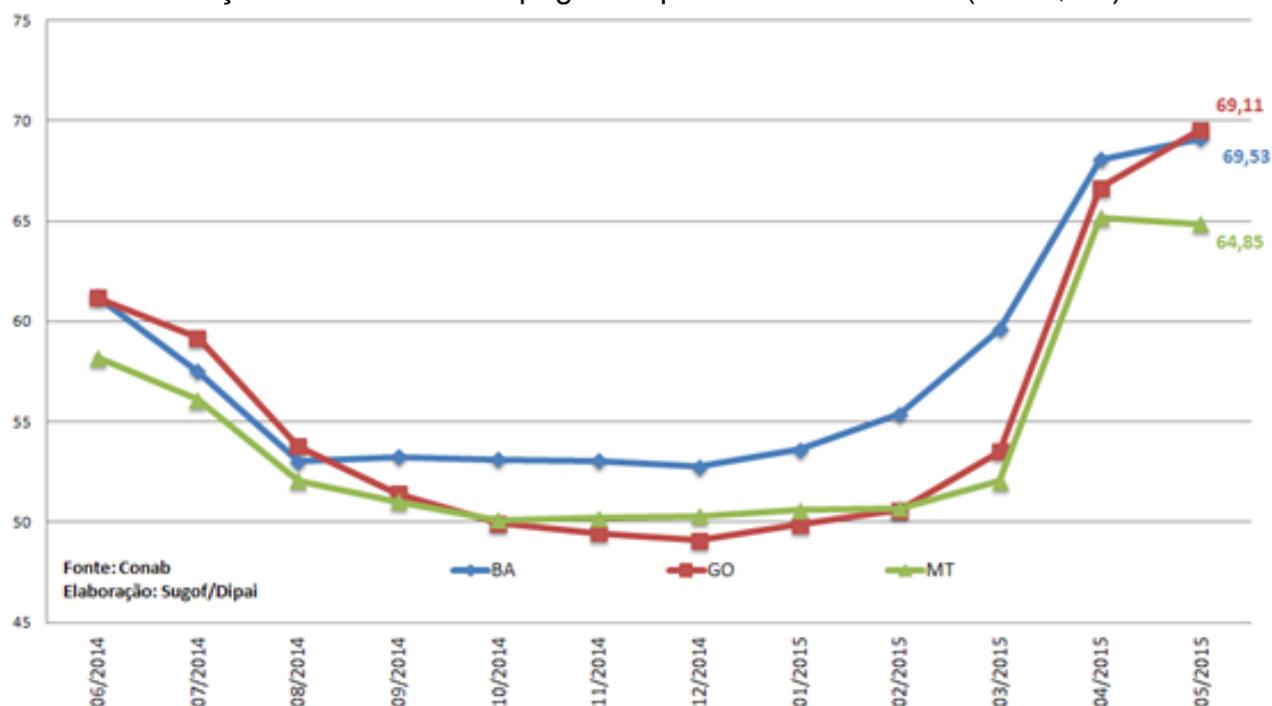


Fonte: Icac.
Elaboração: Sugof/Dipai.

Preços nacionais

Os preços domésticos do algodão são fortemente conectados às cotações internacionais e à variação cambial. Assim, torna-se oportuno relatar que a variação cambial foi decisiva na formação dos preços domésticos. As cotações nacionais do algodão seguiram em forte trajetória de alta ao longo de todo o mês de abril, em oposição à trajetória do dólar naquele período. Dessa feita, apesar de uma nova desvalorização do câmbio em maio, os preços internos passaram por um período de ajuste, motivado pela menor demanda interna e externa os preços nacionais se aproximaram dos valores negociados externamente e encontram suporte nas paridades de exportação e importação. Assim, a média mensal de maio dos preços pagos ao produtor apresentou desempenho misto, enquanto que na Bahia e Goiás o preço médio subiu 1,5% e 4,3%, respectivamente, em Mato Grosso a média encerrou o período com um leve recuo de 0,5%.

Gráfico 27 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses (em R\$/@)



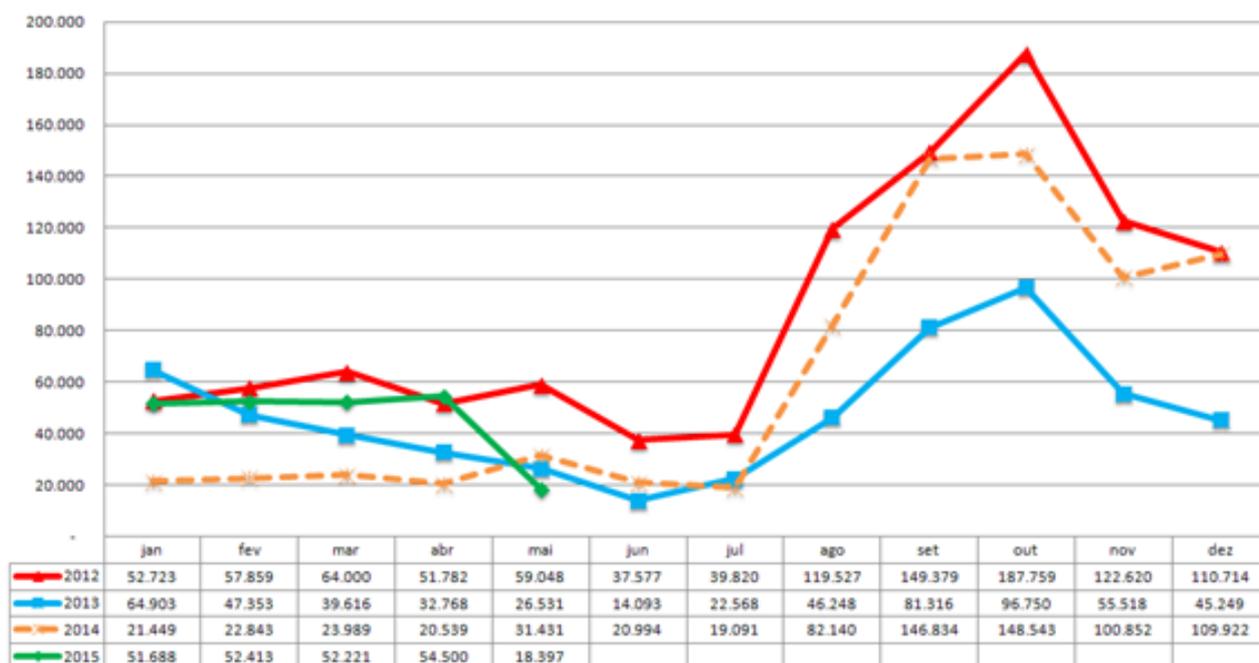
Informações sobre o consumo nacional

Em função de notícias sobre o fraco desempenho da indústria têxtil no ano de 2014, e levando em consideração as atuais previsões de baixo crescimento da economia brasileira no corrente ano, a Conab projeta um consumo de 800 mil toneladas para a safra em curso.

Análise de exportações líquidas brasileiras

O total das exportações brasileiras de algodão em 2014 foi de 748,6 mil toneladas, ou seja, 30,67% superior ao volume exportado em 2013, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Para 2015 a Conab procedeu a uma alteração nas estimativas, aumentando o número para 790 mil toneladas. Tal fato é motivado pela melhora dos volumes de negócios direcionados para o mercado externo em março e abril, período em que o real ficou mais valorizado e os produtores aproveitaram para fechar novos contratos de exportação.

Gráfico 28 –Exportações brasileiras de algodão de janeiro de 2012 a abril de 2015 (em mil toneladas)



Fonte: Secex.

Elaboração: Sugof/Dipai.

Oferta e demanda

Diante do cenário ora apresentado, a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 2.019,6 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.590 mil toneladas.

Com a redução da produção e demais ajustes, se comparados à safra precedente, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 passa a ser de 429,6 mil toneladas de pluma, significando, assim, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período aproximado de três meses.

10.1.2. Amendoim

10.1.2.1. Amendoim primeira safra

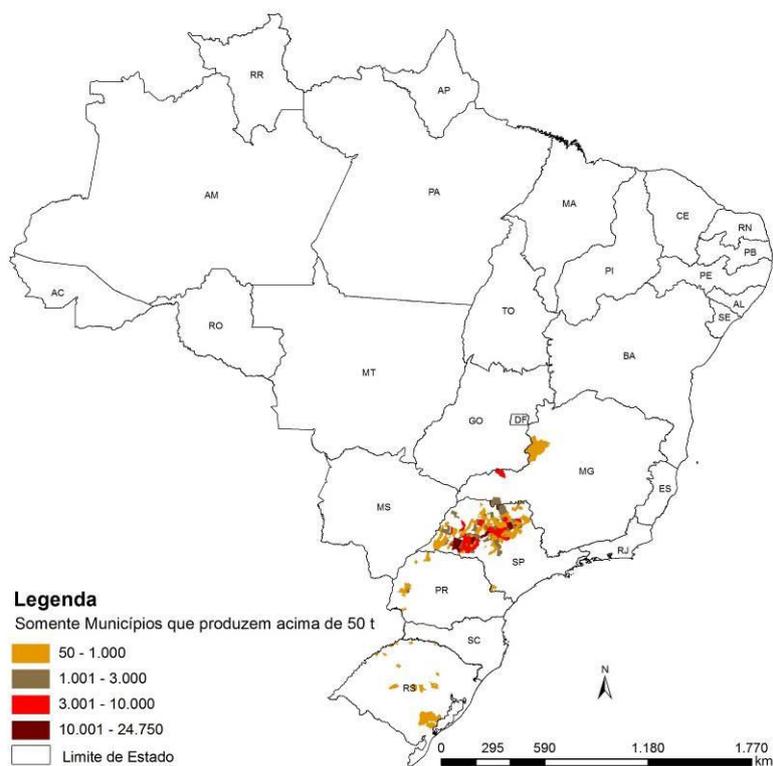
Quadro 2 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste			P	P	P	C	C	C				
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; PC - Rano e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 14 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim primeira safra

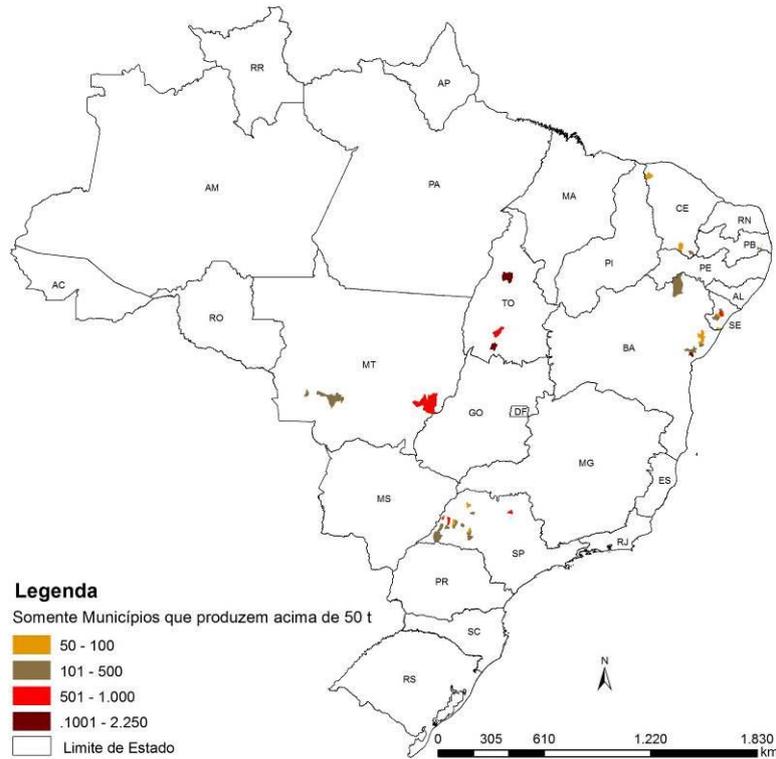
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	88,8	92,6	4,3	3.162	3.318	4,9	280,8	307,2	9,4
MG	2,6	2,7	3,8	3.680	3.445	(6,4)	9,6	9,3	(3,1)
SP	86,2	89,9	4,3	3.146	3.314	5,3	271,2	297,9	9,8
SUL	5,4	5,3	(1,9)	1.998	2.429	21,6	10,8	12,9	19,4
PR	2,2	2,3	5,5	2.408	2.402	(0,2)	5,3	5,5	3,8
RS	3,2	3,0	(7,7)	1.716	2.450	42,8	5,5	7,4	34,5
CENTRO-SUL	94,2	97,9	3,9	3.095	3.270	5,6	291,6	320,1	9,8
BRASIL	94,2	97,9	3,9	3.095	3.270	5,6	291,6	320,1	9,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.1.2.2. Amendoim segunda safra

Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 16 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 12 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Amendoim safra 2ª	oeste de SP (FR/M)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/08 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
TO	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
NORDESTE	3,9	6,4	64,1	1.215	966	(20,5)	4,8	6,1	27,1
CE	1,0	0,6	(40,0)	1.154	914	(20,8)	1,2	0,5	(58,3)
PB	0,3	0,5	66,6	319	800	150,8	0,1	0,4	300,0
SE	1,3	1,3	-	1.740	1.605	(7,8)	2,3	2,1	(8,7)
BA	1,3	4,0	207,7	945	787	(16,7)	1,2	3,1	158,3
CENTRO-OESTE	0,4	0,2	(50,0)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
MT	0,4	0,2	(61,3)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
SUDESTE	6,0	0,5	(91,7)	2.600	2.490	(4,2)	15,6	1,2	(92,3)
SP	6,0	0,5	(91,0)	2.600	2.490	(4,2)	15,6	1,2	(92,3)
NORTE/NORDESTE	4,7	8,8	87,2	1.708	1.759	3,0	7,6	15,4	102,6
CENTRO-SUL	6,4	0,7	(89,1)	2.594	2.307	(11,1)	16,6	1,6	(90,4)
BRASIL	11,1	9,5	(14,4)	2.179	1.799	(17,4)	24,2	17,0	(29,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.1.2.3. Amendoim total

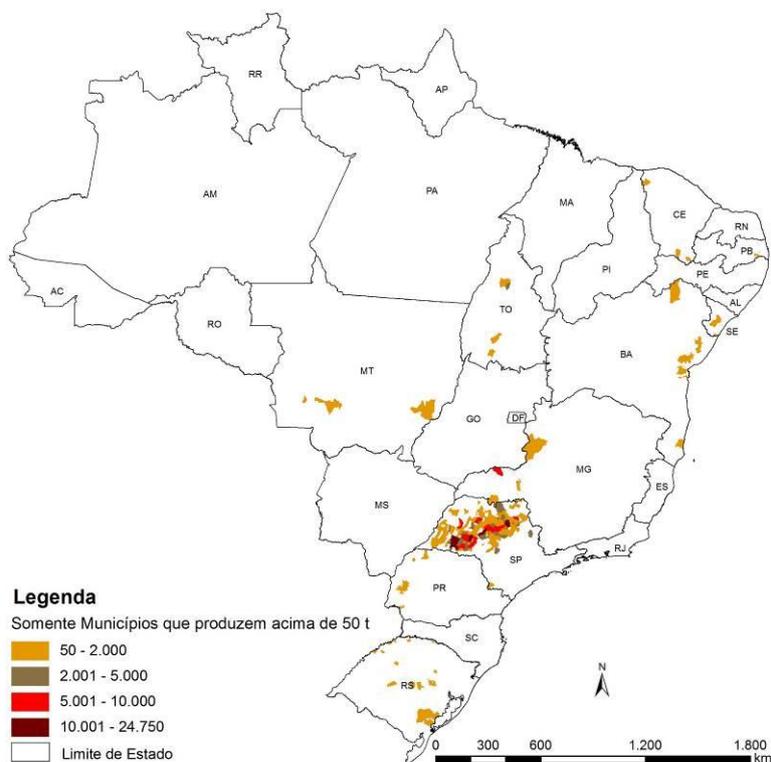
O amendoim (*Arachis hypogaea* L.) da primeira e segunda safras terão incremento significativo. A produtividade, por exemplo, ficará em 3.140 kg/ha e a produção total estimada é 337,1 mil toneladas, aumento de 4,7% e 6,7% em relação à safra 2013/14, respectivamente.

Em São Paulo, principal estado produtor, a produção total será de 299,1 mil toneladas, aumento de 4,3% em relação à safra anterior. Os dados coletados indicam que aproximadamente 80% do amendoim paulista é destinado para a exportação e devido à valorização do câmbio, o segmento produtivo investiu na cultura na expectativa de uma maior lucratividade.

Em Minas Gerais a área cultivada com amendoim está estimada em 2,7 mil hectares, acréscimo de 3,8%, quando comparada com a safra anterior. Os dados do nono levantamento não se alteraram em relação ao oitavo levantamento, onde se previu redução de 6,4% na produtividade em relação à safra 2013/14, porém permanecendo em 3.445 kg/ha, a segunda maior média dos estados produtores.

O estado com melhor média de produtividade é o Tocantins, onde colhe-se 3.873 kg/ha, e conforme o levantamento, haverá um incremento significativo na área plantada, alcançando 2,4 mil hectares e uma produção total de 232,1 mil toneladas. A explicação para os dados positivos do amendoim naquele estado é que a cultura vem sendo explorada por produtores tecnificados que usam, por exemplo, de mecanização intensiva no cultivo.

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

No Nordeste cultiva-se 6,4 mil hectares. Na Bahia são plantados 4 mil hectares e produtividade de 787 kg/ha. A melhor produtividade da região está em Sergipe, 1.605 kg/ha.

No Rio Grande do Sul estima-se um significativo aumento na produtividade, 42,8%, chegando a 2.450 kg/ha e produção total de 7,4 mil toneladas.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
TO	0,8	2,4	200,0	3.556	3.873	8,9	2,8	9,3	232,1
NORDESTE	3,9	6,4	64,1	1.215	966	(20,5)	4,8	6,1	27,1
CE	1,0	0,6	(40,0)	1.154	914	(20,8)	1,2	0,5	(58,3)
PB	0,3	0,5	66,7	319	800	150,8	0,1	0,4	300,0
SE	1,3	1,3	-	1.740	1.605	(7,8)	2,3	2,1	(8,7)
BA	1,3	4,0	207,7	945	787	(16,7)	1,2	3,1	158,3
CENTRO-OESTE	0,4	0,2	(50,0)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
MT	0,4	0,2	(50,0)	2.500	1.848	(26,1)	1,0	0,4	(60,0)
SUDESTE	94,8	93,1	(1,8)	3.126	3.313	6,0	296,4	308,4	4,0
MG	2,6	2,7	3,8	3.680	3.445	(6,4)	9,6	9,3	(3,1)
SP	92,2	90,4	(2,0)	3.110	3.309	6,4	286,8	299,1	4,3
SUL	5,4	5,3	(1,9)	1.998	2.429	21,6	10,8	12,9	19,4
PR	2,2	2,3	4,5	2.408	2.402	(0,2)	5,3	5,5	3,8
RS	3,2	3,0	(6,3)	1.716	2.450	42,8	5,5	7,4	34,5
NORTE/NORDESTE	4,7	8,8	87,2	1.614	1.759	9,0	7,6	15,4	102,6
CENTRO-SUL	100,6	98,6	(2,0)	3.063	3.263	6,5	308,2	321,7	4,4
BRASIL	105,3	107,4	2,0	2.998	3.140	4,7	315,8	337,1	6,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.1.3. Arroz

Com a safra 2014/15 do arroz praticamente finalizada nos principais estados produtores, mesmo com a redução de área plantada, as boas expectativas de produção e produtividade no Brasil foram confirmadas, sendo respectivamente 3,5% e 6,2% maiores do que a safra anterior.

No Rio Grande do Sul, responsável por 68,8% da produção nacional do cereal, alcançou a maior média de produtividade da história, 7.700 kg/ha, 6,3% maior do que a safra 2013/14. Os problemas enfrentados no início da safra e o ataque de doenças (principalmente a brusone - *Pyricularia oryzae*) durante o ciclo da cultura, que eram apontados como problemas que poderiam prejudicar a lavoura, foram superados, principalmente pelas boas condições climáticas durante o terço final do ciclo produtivo, tais como: a amplitude térmica foi menor que na safra anterior, as temperaturas baixas não ocorreram como previsto, e a lavoura plantada mais tarde não foi prejudicada, demonstrando que a cultura do arroz possui uma grande capacidade de resiliência³. Os destaques de produtividade são região sul do estado 8.275 kg/ha e campanha 8.039 kg/ha. A fronteira oeste, que enfrentou diversas adversidades como enchente que atingiu

³ Segundo Sentelhas & Monteiro (2009, apud MAVI & TUPPER, 2004), resiliência não é um conceito criado para a agricultura, mas sim adaptado para a sua utilização nos estudos da capacidade dos sistemas agrícolas se recuperarem diante de um "estado de risco", proporcionado por condições adversas como clima desfavorável, ataque de pragas, doenças, por exemplo. (In: Instituto Nacional de Meteorologia - INMET. Agrometeorologia dos Cultivos: o fator meteorológico na produção agrícola. Org: MONTEIRO, José Eduardo B. A. Brasília, DF. 2009. p. 3-12.)

em torno de 30.000 hectares e ocasionou perda de aproximadamente 7.000 hectares; o ataque de doenças fúngicas (causado pelo excesso de chuvas) e o atraso na semeadura, alcançou uma produtividade média de 8.172 kg/ha. Com isso o Rio Grande do Sul colheu uma safra de 8,6 mil toneladas, superada apenas pela safra 2010/11 que atingiu 8,9 mil toneladas.

Em Santa Catarina, segundo maior produtor nacional do produto, as condições para o plantio da safra foram favoráveis. Contudo, no decorrer da safra ocorreram fatores climáticos adversos, destacando-se a presença do forte calor acima da média histórica na segunda quinzena de janeiro e a primeira semana de fevereiro, além da ocorrência de chuvas intensas nos municípios do vale do Itajaí e nos municípios do sul do estado. Devido às chuvas, excesso de umidade, temperaturas elevadas e sombreamento das lavouras houve muita incidência de brusone. As aplicações de fungicidas recomendadas por técnicos não tiveram o efeito esperado, pois diagnosticou-se que a brusone vem adquirindo resistência aos produtos disponíveis no mercado.

Conforme Sociedade Sul-Brasileira de Arroz Irrigado - SOSBAI (2014, p: 134)⁴ :

*"Na Região Sul do Brasil, a cultura do arroz irrigado é atacada por várias doenças, as quais podem prejudicar a produtividade e a qualidade dos grãos colhidos. Entre elas, destaca-se como principal a brusone (*Pyricularia oryzae* (CAVARA); *Magnaporthe oryzae* B. Couch - forma perfeita), cujo os danos podem comprometer até 100% da produção da lavoura, em anos em que as condições se mostram favoráveis à doença".*

Com a totalidade da safra colhida e mesmo com os problemas enfrentados, a produtividade média em Santa Catarina foi de 0,6% maior do que a safra anterior e, devido à redução de 1,5% na área plantada, a produção total de 1,1 mil toneladas foi 0,9% menor do que a safra 2013/14. Destaca-se que os grãos apresentam ótima qualidade.

No Paraná o cultivo do arroz ocorre no manejo irrigado e no sequeiro. A área plantada de sequeiro é de 8.931 hectares e a irrigada de 19.213 hectares, registrando recuo em relação à safra passada de 18% na de sequeiro e aumento de 3% na irrigada. No geral, a colheita encaminha-se para o final, uma vez que a produtividade média de 5.846 kg/ha é a maior já alcançada naquele estado, superando os 5.356 kg/ha da safra 2013/14, que era a maior da série histórica paranaense. Com isso, mesmo com a redução de 5,4% da área, a produção total será 3,3% maior em relação à safra anterior. Estima-se que os produtores já comercializaram 36% da produção do arroz de sequeiro e 56% da produção do arroz irrigado.

Em Tocantins o arroz também é cultivado em dois sistemas: sequeiro e irrigado. Com uma leve redução de 0,4% na produtividade média, provocada por condições climáticas adversas em quase todas as fases do ciclo da cultura, o significativo aumento de 11,9% na área plantada eleva a produção total naquele estado para 606 mil toneladas, 11,5% maior do que a safra passada.

Nos estados da Região Norte os dados indicam um redução de 2,1% na área plantada. O arroz nessa região é utilizado para a abertura de novas áreas ou após a utilização em pastagens, prática que tem diminuído no último período. Porém, o

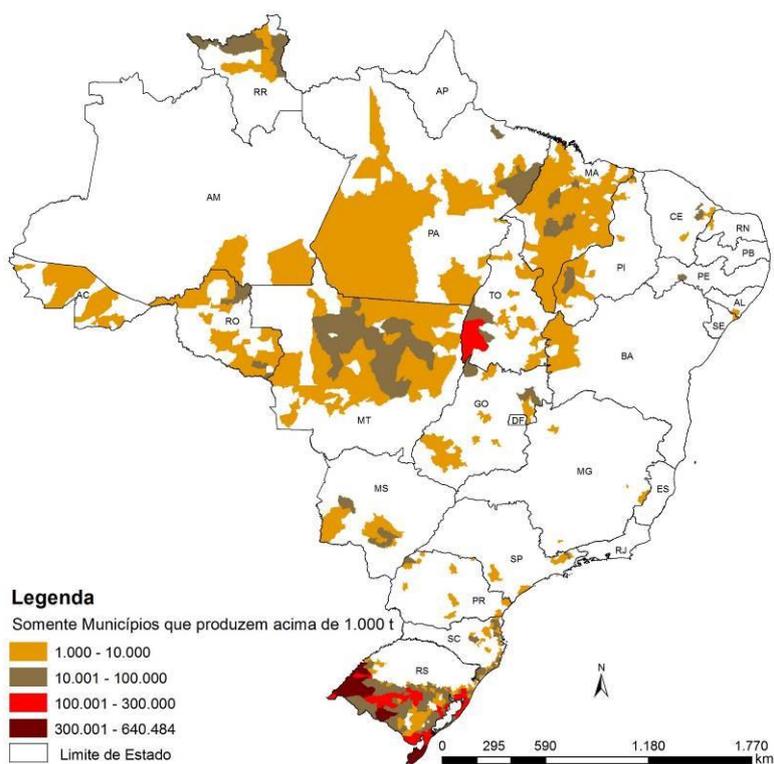
⁴ SOCIEDADE SUL-BRASILEIRA DE ARROZ IRRIGADO- SOSBAI: Reunião Técnica da Cultura do Arroz Irrigado (30. :2014 : Bento Gonçalves, RS) . Arroz Irrigado: recomendações técnicas da pesquisa para o Sul do Brasil / XXX Reunião Técnica da Cultura do Arroz Irrigado, 06 a 08 de agosto de 2014, Bento Gonçalves, RS, Brasil. - Santa Maria: Sociedade Sul-Brasileira de Arroz Irrigado. Santa Maria, 2014. 192p.

acréscimo na produtividade eleva a produção para 995,5 mil toneladas, 2,9% maior do que a safra 2013/14. Em Rondônia, onde no levantamento passado houve redução nos três itens analisados, a estimativa da produtividade é na elevação de 1,4% a mais do que na safra passada, onde se prevê colher 2.859 kg/ha. A mesma tendência é seguida no Pará, onde a produtividade será 8,1% maior, compensando parcialmente a redução de 20,2% na área plantada.

No Maranhão, estado que responde por 69,4% do arroz produzido na Região Nordeste, a produção, área e produtividade sofrerão reduções. Os relatos afirmam que a opção de se substituir o arroz pelo cultivo do milho ocorreu por conta dos custos elevados, da oferta de produto de maior qualidade vindo de outros estados produtivos e da falta de sementes fiscalizadas de arroz. Na região produtora de arroz no Piauí observou-se comportamento similar ao do Maranhão. A diferença é que se prevê um aumento de 6,9% na produtividade que compensa parcialmente a redução de área.

Nos demais estados do Nordeste a área plantada e a produção é pouco significativa e com vistas ao atendimento do mercado local. A baixa competitividade frente ao arroz vindo de outros estados produtores, o alto custo de implantação da lavoura, a necessidade de condições hídricas favoráveis para atingir-se bons índices de produtividade que compensem o investimento, reduzem as áreas em estados como Pernambuco (52,6%), Ceará (42,5%), Paraíba (16,7%), Bahia (3,4%) e Alagoas (3,2%).

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Na Região Centro-Oeste houve uma redução de 2,1% da área plantada, mesmo com o aumento de 16,8% no Mato Grosso do Sul. Neste estado a safra está finalizada e a produção total e a produtividade tiveram acréscimo de 17% e 0,2%, respectivamente. No Mato Grosso, embora com produtividade 0,3% menor, o destaque é dado para a qualidade do produto. Há relatos de rendimento de 56, 58 e até mesmo 60% de grãos inteiros, o que demonstra uma excelente qualidade da lavoura.

Na Região Sudeste, São Paulo apresentou aumento em todos os índices analisados. Nos demais estados houve redução de área e da produção total, embora a produtividade média da região tenha sido 13,5% superior, com destaque para São Paulo que atingiu uma produtividade média 10,8% superior à safra anterior.

No Rio de Janeiro o motivo para a redução da área plantada está relacionado com a substituição da lavoura de arroz, que cede espaço para o cultivo do tomate e de outras olerícolas, além da escassez de chuvas no início do plantio.

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Ma	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P			C	C	C	
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P			C	C	C	
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	268,9	263,2	(2,1)	3.597	3.782	5,1	967,2	995,5	2,9
RR	12,0	12,0	-	6.500	6.500	-	78,0	78,0	-
RO	48,5	44,3	(8,7)	2.819	2.859	1,4	136,7	126,7	(7,3)
AC	7,5	6,7	(10,6)	1.201	1.143	(4,8)	9,0	7,7	(14,4)
AM	3,4	5,7	67,0	2.261	1.995	(11,8)	7,7	11,4	48,1
AP	2,0	1,9	(5,0)	1.218	1.038	(14,8)	2,4	2,0	(16,7)
PA	81,6	65,1	(20,2)	2.326	2.515	8,1	189,8	163,7	(13,8)
TO	113,9	127,5	11,9	4.773	4.753	(0,4)	543,6	606,0	11,5
NORDESTE	539,5	500,6	(7,2)	1.695	1.652	(2,5)	914,6	827,3	(9,5)
MA	389,1	368,5	(5,3)	1.692	1.557	(8,0)	658,4	573,8	(12,8)
PI	105,9	97,9	(7,6)	1.400	1.497	6,9	148,3	146,6	(1,1)
CE	22,1	12,7	(42,5)	1.436	2.417	68,3	31,7	30,7	(3,2)
RN	1,5	1,6	6,7	3.074	3.031	(1,4)	4,6	4,8	4,3
PB	1,2	1,0	(16,7)	817	89	(89,1)	1,0	0,1	(90,0)
PE	0,7	0,3	(52,6)	6.923	4.500	(35,0)	4,8	1,4	(70,8)
AL	3,1	3,0	(3,2)	5.858	5.715	(2,4)	18,2	17,1	(6,0)
SE	7,1	7,1	-	5.570	5.701	2,4	39,5	40,5	2,5
BA	8,8	8,5	(3,4)	920	1.447	57,3	8,1	12,3	51,9
CENTRO-OESTE	229,8	224,9	(2,1)	3.543	3.546	0,1	814,1	797,4	(2,1)
MT	176,3	175,1	(0,7)	3.285	3.274	(0,3)	579,1	573,3	(1,0)
MS	15,5	18,1	16,8	6.150	6.160	0,2	95,3	111,5	17,0
GO	38,0	31,7	(16,6)	3.677	3.553	(3,4)	139,7	112,6	(19,4)
SUDESTE	34,8	27,4	(21,3)	2.485	2.821	13,5	86,5	77,2	(10,8)
MG	19,4	12,0	(38,1)	2.020	2.100	4,0	39,2	25,2	(35,7)
ES	0,5	0,3	(40,0)	2.557	2.664	4,2	1,3	0,8	(38,5)
RJ	0,9	0,5	(40,0)	3.476	3.492	0,5	3,1	1,7	(45,2)
SP	14,0	14,6	4,2	3.063	3.393	10,8	42,9	49,5	15,4
SUL	1.299,9	1.296,1	(0,3)	7.185	7.597	5,7	9.339,2	9.846,6	5,4
PR	29,7	28,1	(5,4)	5.356	5.846	9,1	159,1	164,3	3,3
SC	150,1	147,9	(1,5)	7.110	7.150	0,6	1.067,2	1.057,5	(0,9)
RS	1.120,1	1.120,1	-	7.243	7.700	6,3	8.112,9	8.624,8	6,3
NORTE/NORDESTE	808,4	763,8	(5,5)	2.328	2.386	2,5	1.881,8	1.822,8	(3,1)
CENTRO-SUL	1.564,5	1.548,4	(1,0)	6.545	6.924	5,8	10.239,8	10.721,2	4,7
BRASIL	2.372,9	2.312,2	(2,6)	5.108	5.425	6,2	12.121,6	12.544,0	3,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.1.3.1. Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em abril de 2015, foram importadas 47 mil toneladas de arroz, com apenas 1,5 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data não foram disponibilizados os dados referentes ao mês de maio e por esse motivo, o mês de abril é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram retração e expansão do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em abril de 2014 essas aquisições foram de 85,3 mil toneladas, sendo 29,8 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Sobre as exportações, estas também tiveram uma retração, passando de 129,5 mil toneladas em abril/2014 para 49,7 toneladas em abril/2015.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/15 obteve-se um superavit de 381,1 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. Para o período de negociação da safra 2014/15, de março/15 a janeiro/16, são estimadas exportações de

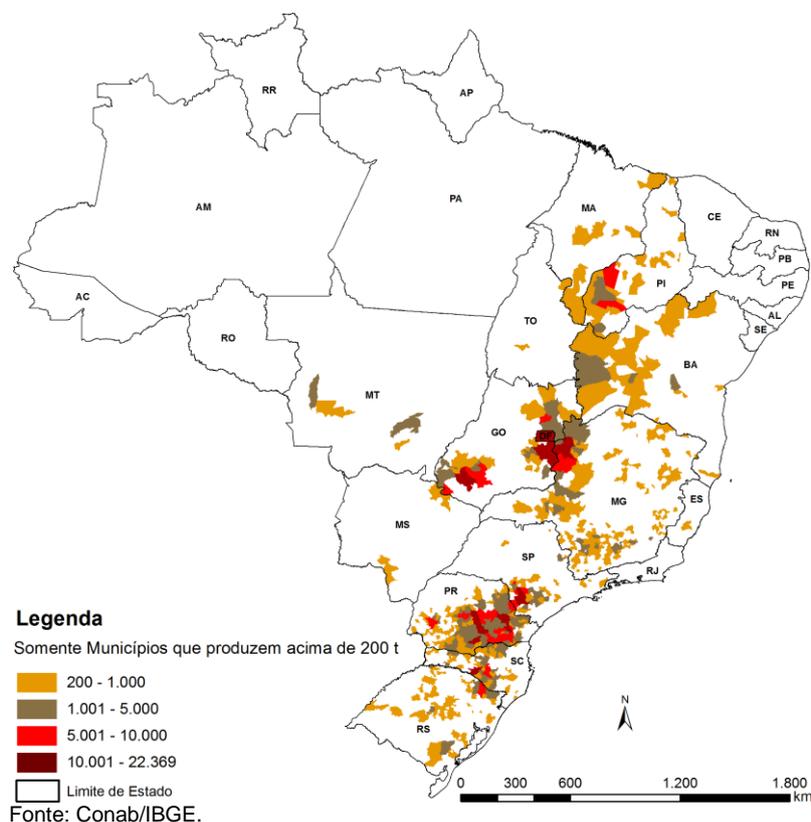
1.250 mil toneladas e importações de 850 mil toneladas.

Para a atual safra brasileira 2014/15 de arroz a produção média deverá ser 3,5% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.544 mil toneladas em função da recuperação da produtividade no Rio Grande do Sul. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/13, o volume consolidado em 28 de fevereiro de 2014 fechou em 1082,1 mil toneladas, em face do baixo volume apurado no levantamento de estoques privados (496,1 mil toneladas) e do reduzido estoque em poder do governo federal (586 mil toneladas). Com esses resultados o consumo da safra 2012/13 é estimado em 12,6 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2013/14 e 2014/15 o consumo é estimado em 12 milhões de toneladas, o que, em conjunto com um expressivo aumento do superavit em relação aos períodos anteriores, resultará em uma amena redução do estoque de passagem.

10.1.4. Feijão

10.1.4.1. Feijão primeira safra

Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,0	4,8	20,0	629	706	12,2	2,5	3,4	36,0
TO	4,0	4,8	20,0	629	706	12,2	2,5	3,4	36,0
NORDESTE	518,2	485,2	(6,4)	326	518	59,1	168,8	251,3	48,9
MA	40,8	38,6	(5,3)	430	464	7,9	17,5	17,9	2,3
PI	209,0	212,0	1,4	242	476	96,7	50,6	100,9	99,4
BA	268,4	234,6	(12,6)	375	565	50,7	100,7	132,5	31,6
CENTRO-OESTE	81,8	62,8	(23,2)	2.225	1.863	(16,3)	182,1	117,1	(35,7)
MT	11,9	10,8	(9,4)	1.590	1.570	(1,3)	18,9	17,0	(10,1)
MS	2,1	0,7	(66,7)	930	2.000	115,1	2,0	1,4	(30,0)
GO	55,8	39,3	(29,5)	2.315	1.915	(17,3)	129,2	75,3	(41,7)
DF	12,0	12,0	-	2.665	1.949	(26,9)	32,0	23,4	(26,9)
SUDESTE	234,6	207,0	(11,8)	1.389	1.357	(2,3)	325,8	281,0	(13,8)
MG	178,8	159,1	(11,0)	1.170	1.033	(11,7)	209,2	164,4	(21,4)
ES	6,5	4,7	(27,7)	777	784	0,9	5,1	3,7	(27,5)
RJ	1,1	0,9	(18,2)	895	843	(5,8)	1,0	0,8	(20,0)
SP	48,2	42,3	(12,2)	2.293	2.651	15,6	110,5	112,1	1,4
SUL	341,3	280,9	(17,7)	1.698	1.728	1,8	579,5	485,5	(16,2)
PR	238,2	192,7	(19,1)	1.689	1.695	0,4	402,3	326,6	(18,8)
SC	62,0	52,7	(15,0)	1.800	1.950	8,3	111,6	102,8	(7,9)
RS	41,1	35,5	(13,6)	1.596	1.580	(1,0)	65,6	56,1	(14,5)
NORTE/NORDESTE	522,2	490,0	(6,2)	328	520	58,5	171,3	254,7	48,7
CENTRO-SUL	657,7	550,7	(16,3)	1.653	1.604	(3,0)	1.087,4	883,6	(18,7)
BRASIL	1.179,9	1.040,7	(11,8)	1.067	1.094	2,5	1.258,7	1.138,3	(9,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.1.4.2. Feijão segunda safra

Está estimada para este nono levantamento em 1,36 milhão de hectares, o que configura um decréscimo de 9,4% em relação à safra passada. A maior parte de sua produção encontra-se na Região Centro-Sul, assim como o feijão primeira safra. Considerando a safra 2014/15, este volume da região vem se mantendo em quase 80% da produção total. Destaque para o Paraná com 30%, Mato Grosso 25%, Minas Gerais 12% e Ceará com 8% das áreas cultivadas com a cultura.

No Paraná a área plantada na segunda safra é de 213,8 mil hectares, 21,5% inferior à registrada no ano anterior, plantio encerrado no segundo decêndio de março com atraso devido ao excesso de chuvas. Em 76% da área já ocorreu a colheita, nas demais, a cultura atravessa as fases de frutificação (11%) e maturação (89%). A previsão de produção é de 400,9 mil toneladas. No levantamento anterior o volume produzido praticamente foi idêntico ao registrado na safra anterior, maior em 1,8%, porém, neste levantamento a previsão ficou em 0,2% menor do que a safra anterior e do que o inicialmente previsto.

O Mato Grosso, com a segunda maior área de feijão segunda safra, devido, principalmente, pelo avanço do feijão caupi no estado, onde apresenta queda de 15,2% na área. A produção também caminha para obter a segunda posição com 328,1 mil toneladas. A cultura está em fase de colheita.

Em Goiás poucos produtores optaram pelo plantio do feijão de segunda safra. As atenções até então estavam voltadas para o plantio da soja, uma vez que a rentabilidade e riscos da soja para o produtor foram menores em relação ao feijão. A cultura está recebendo em algumas áreas combate contra pragas e doenças de forma mais intensiva.

Em Minas Gerais as estimativas apontam para uma redução de 10,2% na área a ser cultivada com feijão segunda safra, passando de 121,2 mil hectares em 2014, para 108,8 mil hectares na safra atual. Apesar dos bons preços de mercado, o oneroso e difícil controle da mosca branca tem sido uma das principais causas da retração da área de plantio. O plantio se estendeu de fevereiro a abril, e as lavouras encontram-se em diferentes estádios de desenvolvimento. Estimando-se uma produtividade média de 1.530 kg/ha e produção de 166,5 mil toneladas.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

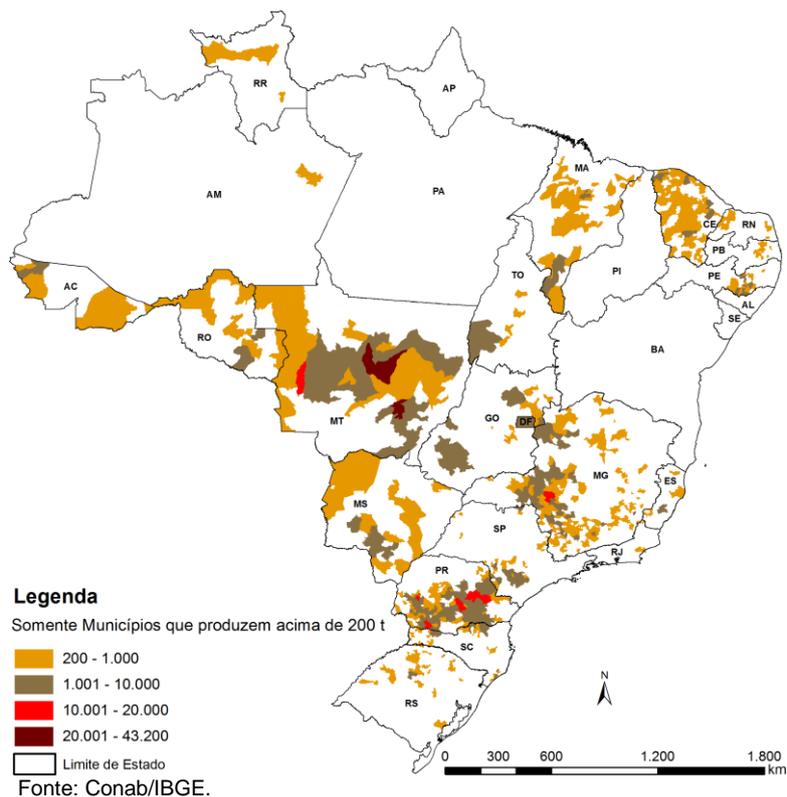


Figura 21 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

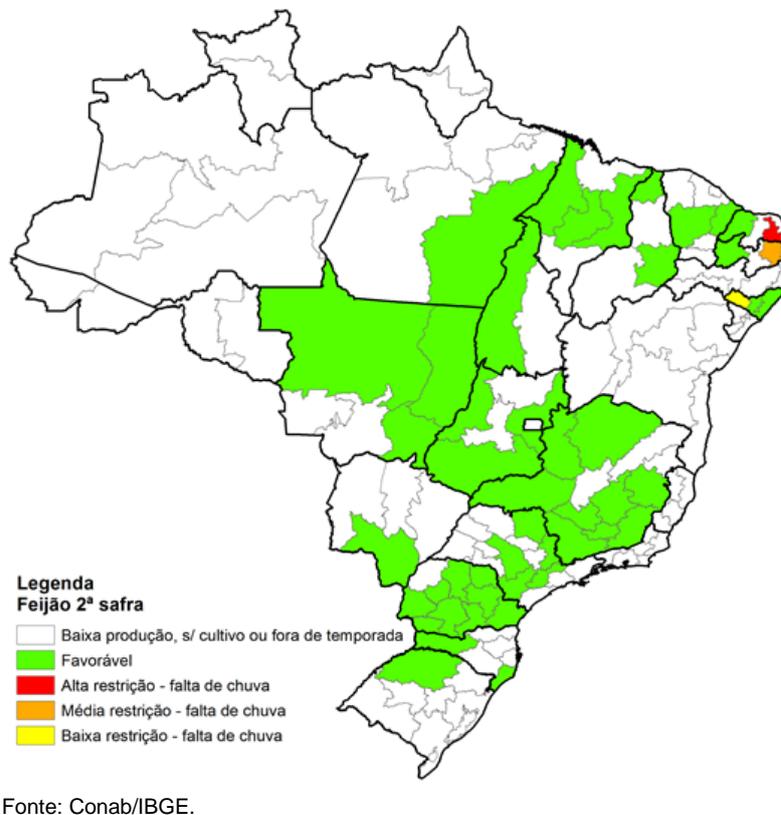


Tabela 17 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão safra 2ª	- oeste do TO (FR) - oeste e centro do MA (FR) - leste do MA (DV/F) - todo estado de AL, exceto Sertão (FR/M)		- centro do CE (M/C) - norte e sudeste do PI (M/C) - Oeste de RN (M/C) - Sertão da PB (M/C) - todo estado de MG (M/C) - norte e sul de SP (C) - todo estado do PR (C) - noroeste do RS (C) - oeste e sul de SC (M/C) - sudoeste do MS (C) - todo estado do MT (M/C) - leste, oeste e sul de GO (M/C)	- Agreste de RN (FR) - Agreste da PB (FR) - Sertão de AL (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Nota: O período monitorado corresponde às condições hídricas para as fases do desenvolvimento no mês de maio. Não considera impactos ocorridos anteriormente por falta de chuva na Região Nordeste.

Fonte: Conab.

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	67,1	54,6	(18,6)	747	774	3,6	50,1	42,2	(15,8)
RR	3,0	3,0	-	667	685	2,7	2,0	2,1	5,0
RO	33,0	22,0	(33,3)	722	746	3,3	23,8	16,4	(31,1)
AC	10,3	7,7	(25,1)	582	548	(5,8)	6,0	4,2	(30,0)
AM	5,3	5,4	2,2	1.027	972	(5,4)	5,4	5,2	(3,7)
AP	1,3	1,2	(6,9)	902	956	6,0	1,2	1,1	(8,3)
TO	14,2	15,3	7,7	825	862	4,5	11,7	13,2	12,8
NORDESTE	700,2	693,4	(1,0)	326	313	(4,1)	228,5	217,0	(5,0)
MA	52,0	46,9	(9,8)	549	559	1,8	28,5	26,2	(8,1)
PI	20,4	3,9	(81,0)	756	818	8,2	15,4	3,2	(79,2)
CE	393,8	393,8	-	309	284	(8,1)	121,7	111,8	(8,1)
RN	33,5	38,2	14,0	333	396	18,9	11,2	15,1	34,8
PB	76,9	80,1	4,2	277	251	(9,4)	21,3	20,1	(5,6)
PE	123,6	130,5	5,6	246	311	26,4	30,4	40,6	33,6
CENTRO-OESTE	269,3	229,1	(14,9)	1.405	1.666	18,5	378,5	381,7	0,8
MT	234,9	199,2	(15,2)	1.358	1.647	21,3	319,0	328,1	2,9
MS	17,6	16,0	(9,1)	1.600	1.600	-	28,2	25,6	(9,2)
GO	15,9	13,2	(16,8)	1.857	2.013	8,4	29,5	26,6	(9,8)
DF	0,9	0,7	(22,2)	2.000	2.000	-	1,8	1,4	(22,2)
SUDESTE	150,5	134,1	(10,9)	1.351	1.567	16,0	203,3	210,1	3,3
MG	121,2	108,8	(10,2)	1.355	1.530	12,9	164,2	166,5	1,4
ES	8,8	8,7	(1,4)	813	846	4,1	7,2	7,4	2,8
RJ	1,6	0,9	(45,6)	951	1.012	6,4	1,5	0,9	(40,0)
SP	18,9	15,7	(16,9)	1.606	2.251	40,2	30,4	35,3	16,1
SUL	319,6	254,3	(20,4)	1.475	1.853	25,6	471,5	471,2	(0,1)
PR	272,3	213,8	(21,5)	1.475	1.875	27,1	401,6	400,9	(0,2)
SC	22,5	20,2	(10,2)	1.450	1.800	24,1	32,6	36,4	11,7
RS	24,8	20,3	(18,1)	1.503	1.669	11,0	37,3	33,9	(9,1)
NORTE/NORDESTE	767,3	748,0	(2,5)	363	347	(4,5)	278,6	259,2	(7,0)
CENTRO-SUL	739,4	617,5	(16,5)	1.425	1.721	20,8	1.053,3	1.063,0	0,9
BRASIL	1.506,7	1.365,5	(9,4)	884	968	9,5	1.331,9	1.322,2	(0,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C		
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P	C	C	C			
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio, C - Colheita, P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

10.1.4.3. Feijão terceira safra

O feijão considerado terceira safra deverá apresentar uma área de produção muito próxima da cultivada na última temporada, conforme indica os números apresentados. Minas Gerais, Mato Grosso, Bahia e Goiás são os estados mais representativos nesta oferta do feijão da terceira safra.

Em Minas Gerais os bons preços de mercado podem suplantar o receio pelo risco e alto custo de controle de pragas e doenças da cultura, notadamente, a mosca branca, e estimular o plantio do feijão terceira safra. Até o momento não existem informações consistentes para estimar a área de cultivo do feijão terceira safra, visto que grande parte dos produtores ainda não definiu sua intenção de plantio, que se concentra em maio, junho e julho. Desta forma foram mantidos os mesmos dados da safra anterior, produtividade média esperada é de 2.500 kg/ha e produção de 203,5 mil toneladas, que serão reavaliados nos próximos levantamentos. Registra-se, entretanto, que o clima encontra-se extremamente favorável ao desenvolvimento da lavoura.

Em Mato Grosso, segundo fornecedor do feijão terceira safra, a área apresenta uma redução de 17,5% e a produção deve alcançar 166,5 mil toneladas. Com o feijão Caupi predominando na segunda safra, nesta terceira, as variedades mais cultivadas é do feijão cores. O plantio deve ocorrer agora entre maio e junho em áreas irrigadas, principalmente, nos municípios de Sorriso e Lucas do Rio Verde.

Em Goiás as maiores áreas irrigadas encontram-se nos municípios de Cristalina, Luziânia e Jussara, onde predominam o cultivo e o fornecimento do feijão de terceira safra. Algumas áreas já iniciaram o plantio, que acontece entre maio e junho, predominando o feijão cores. Estas áreas plantadas encontram-se em desenvolvimento vegetativo, onde, até o presente momento, não foi constatado ataque de pragas e/ou doenças significativos.

A estimativa para a área plantada na terceira safra no Paraná é de 5,2 hectares, dos quais já foram semeados 96%. A cultura se encontra 11% em germinação,

desenvolvimento vegetativo 46%, floração 25%, frutificação 8% e maturação 10%. Estima-se uma produção de 6,1 mil toneladas, 22% superior à colhida na safra 2013/14.

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

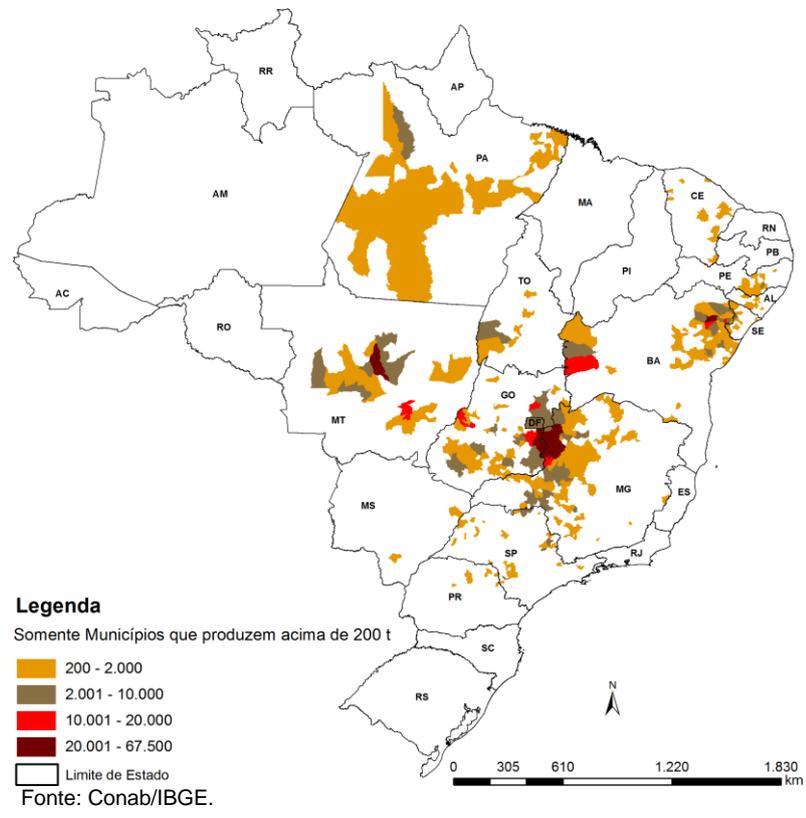
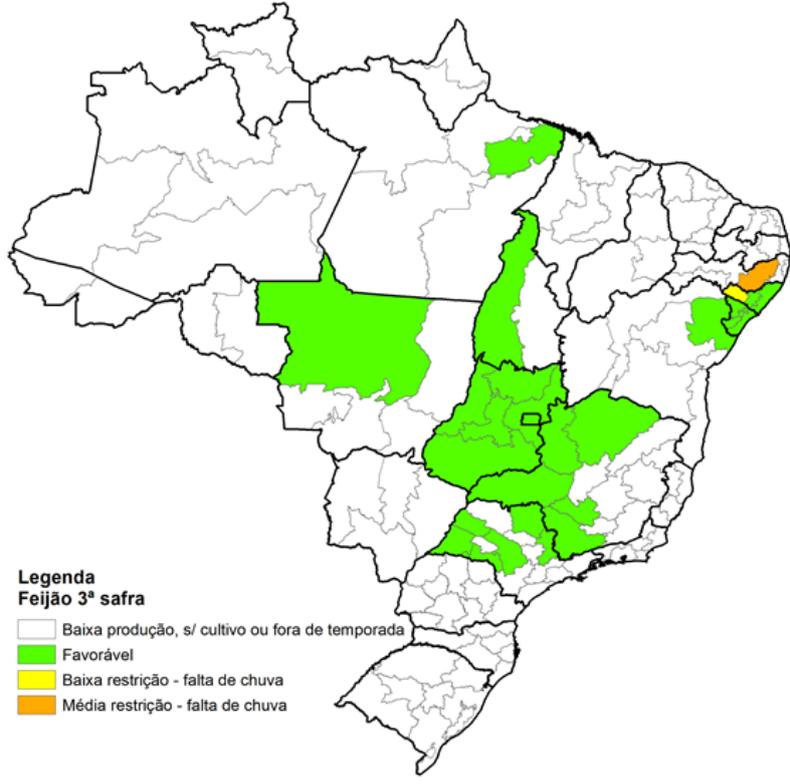


Figura 23 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 19 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão safra 3ª	- nordeste do PA (F) - oeste do TO - irrigado (G) - todo estado de SE (DV/F) - todo estado de AL, exceto Sertão (DV/F) - nordeste da BA (DV/F) - norte, oeste e sul de MG - irrigado (DV/F) - norte, sul, centro e oeste de SP - irrigado (DV) - norte do MT - irrigado (DV) - todo estado de GO - irrigado (G/DV) - DF - irrigado (G/DV)			- Agreste de PE (F/FR) - Sertão de AL (DV/F)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	43,2	39,8	809	761	(5,9)	25,0	32,8	31,2
PA	28,0	40,3	43,9	760	713	(6,2)	21,3	28,7	34,7
TO	2,9	2,9	-	1.281	1.425	11,2	3,7	4,1	10,8
NORDESTE	423,5	450,4	6,4	654	641	(1,9)	276,8	288,7	4,3
CE	10,3	10,3	-	1.054	1.109	5,2	10,9	11,4	4,6
PE	122,1	122,1	-	467	467	-	57,0	57,0	-
AL	47,0	45,7	(2,8)	458	482	5,2	21,5	22,0	2,3
SE	31,5	31,5	-	746	785	5,2	23,5	24,7	5,1
BA	212,6	240,8	13,3	771	721	(6,5)	163,9	173,6	5,9
CENTRO-OESTE	116,9	101,3	(13,3)	2.672	2.736	2,4	312,4	277,3	(11,2)
MT	76,8	63,4	(17,5)	2.566	2.626	2,3	197,1	166,5	(15,5)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,4	(0,3)	2.868	2.930	2,2	104,7	106,7	1,9
DF	3,2	1,1	(65,6)	3.159	3.159	-	10,1	3,5	(65,3)
SUDESTE	103,1	86,6	(16,0)	2.368	2.420	2,2	244,2	209,6	(14,2)
MG	85,0	81,4	(4,2)	2.370	2.500	5,5	201,5	203,5	1,0
SP	18,1	5,2	(71,2)	2.359	1.168	(50,5)	42,7	6,1	(85,7)
SUL	4,9	5,2	6,1	1.013	1.168	15,3	5,0	6,1	22,0
PR	4,9	5,2	6,1	1.013	1.168	15,3	5,0	6,1	22,0
NORTE/NORDESTE	454,4	493,6	8,6	664	652	(1,9)	301,8	321,5	6,5
CENTRO-SUL	224,9	193,1	(14,1)	2.497	2.552	2,2	561,6	493,0	(12,2)
BRASIL	679,3	686,7	1,1	1.271	1.186	(6,7)	863,4	814,5	(5,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Ma	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
Nordeste												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

10.1.4.4. Feijão total

Considerando as três safras estima-se para esse nono acompanhamento que a área total de feijão poderá chegar a 3.092,9 mil hectares, menor em 8,1% que a safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 3.274,8 mil toneladas e 5,2% menor que a última temporada. As previsões destas três safras ainda são passíveis de alterações nos próximos levantamentos.

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

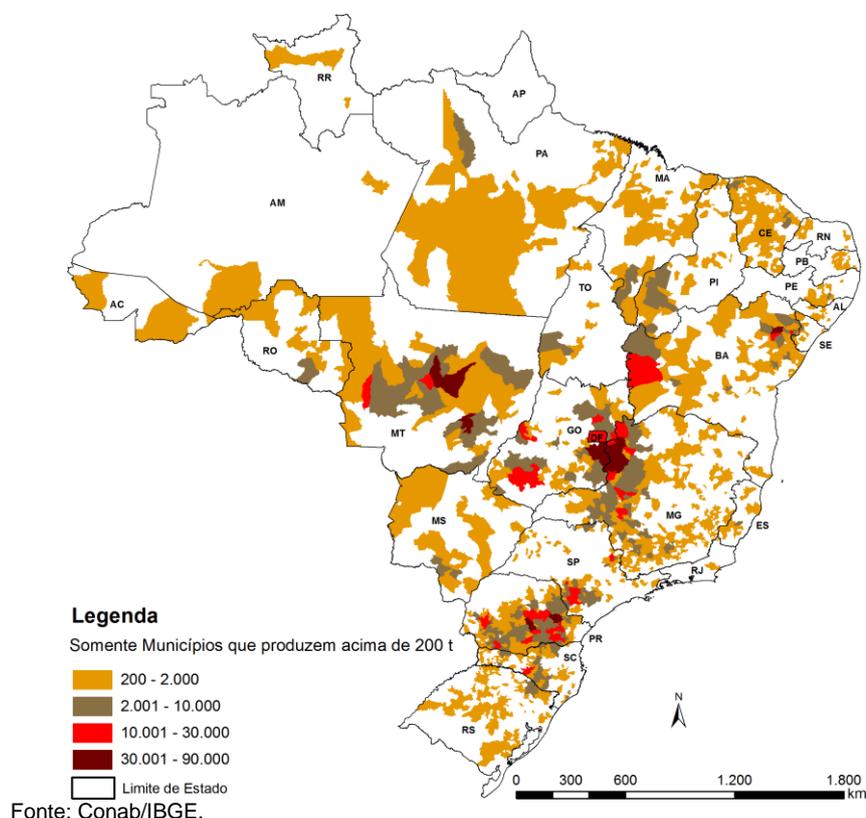


Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	102,0	102,6	0,6	761	765	0,5	77,6	78,4	1,0
RR	3,0	3,0	-	667	700	5,0	2,0	2,1	5,0
RO	33,0	22,0	(33,3)	721	745	3,4	23,8	16,4	(31,1)
AC	10,3	7,7	(25,2)	583	545	(6,4)	6,0	4,2	(30,0)
AM	5,3	5,4	1,9	1.019	963	(5,5)	5,4	5,2	(3,7)
AP	1,3	1,2	(7,7)	923	917	(0,7)	1,2	1,1	(8,3)
PA	28,0	40,3	43,9	761	712	(6,4)	21,3	28,7	34,7
TO	21,1	23,0	9,0	848	900	6,1	17,9	20,7	15,6
NORDESTE	1.641,9	1.629,0	(0,8)	411	465	13,2	674,1	757,2	12,3
MA	92,8	85,5	(7,9)	497	516	3,8	46,1	44,1	(4,3)
PI	229,4	215,9	(5,9)	288	482	67,6	66,0	104,1	57,7
CE	404,1	404,1	-	328	305	(6,9)	132,5	123,3	(6,9)
RN	33,5	38,2	14,0	334	395	18,2	11,2	15,1	34,8
PB	76,9	80,1	4,2	277	251	(9,4)	21,3	20,1	(5,6)
PE	245,7	252,6	2,8	356	386	8,6	87,4	97,6	11,7
AL	47,0	45,7	(2,8)	457	481	5,2	21,5	22,0	2,3
SE	31,5	31,5	-	746	784	5,1	23,5	24,7	5,1
BA	481,0	475,4	(1,2)	550	644	17,1	264,6	306,2	15,7
CENTRO-OESTE	468,0	393,2	(16,0)	1.865	1.973	5,8	872,9	775,9	(11,1)
MT	323,6	273,4	(15,5)	1.653	1.871	13,2	535,0	511,5	(4,4)
MS	20,1	17,1	(14,9)	1.522	1.614	6,0	30,6	27,6	(9,8)
GO	108,2	88,9	(17,8)	2.434	2.345	(3,7)	263,4	208,5	(20,8)
DF	16,1	13,8	(14,3)	2.727	2.051	(24,8)	43,9	28,3	(35,5)
SUDESTE	488,2	427,7	(12,4)	1.584	1.638	3,4	773,2	700,6	(9,4)
MG	385,0	349,3	(9,3)	1.493	1.530	2,4	574,9	534,3	(7,1)
ES	15,3	13,4	(12,4)	797	821	2,9	12,2	11,0	(9,8)
RJ	2,7	1,8	(33,3)	926	944	2,0	2,5	1,7	(32,0)
SP	85,2	63,2	(25,8)	2.155	2.430	12,8	183,6	153,6	(16,3)
SUL	665,8	540,4	(18,8)	1.586	1.781	12,3	1.056,0	962,7	(8,8)
PR	515,4	411,7	(20,1)	1.569	1.782	13,5	808,9	733,6	(9,3)
SC	84,5	72,9	(13,7)	1.707	1.908	11,8	144,2	139,1	(3,5)
RS	65,9	55,8	(15,3)	1.561	1.613	3,3	102,9	90,0	(12,5)
NORTE/NORDESTE	1.743,9	1.731,6	(0,7)	431	483	12,0	751,7	835,6	11,2
CENTRO-SUL	1.622,0	1.361,3	(16,1)	1.666	1.792	7,6	2.702,1	2.439,2	(9,7)
BRASIL	3.365,9	3.092,9	(8,1)	1.026	1.059	3,2	3.453,8	3.274,8	(5,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.1.4.5. Oferta e demanda

A entrada de produto recém-colhido, notadamente, proveniente de Minas Gerais e Paraná, intensificou a comercialização. Todavia, os preços mantiveram-se firmes frente ao equilíbrio entre oferta e demanda que se encontravam acumuladas à espera de produto de melhor qualidade.

Para as importações, os holofotes estão direcionados à safra argentina de feijão preto que, segundo consenso dos analistas, será robusta. Nas últimas semanas já houve embarques do produto, porém essa comercialização ainda está tímida, provavelmente pela estratégia dos argentinos de não pressionar demasiadamente o preço negativamente. A gradual confirmação da forte safra argentina e o resultado dela nos preços podem vir a estimular as importações e o consumo interno.

Já começam a aparecer preocupações com a terceira safra, que, em sua maioria, é

feita com irrigação. Os reservatórios de água das Regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste indicam volumes inferiores a 40%, o que traz apreensão quanto à disponibilidade de água para a utilização da irrigação.

10.1.5. Girassol

Líder na produção nacional, o Mato Grosso deverá registrar uma redução de 31,4% na produção da safra 2014/15, devendo atingir 139,5 mil toneladas. O estado era produtor do grão com destino à produção de ração para aves, mas atualmente há cultivo também para a produção de óleo. A área está estimada em 91,6 mil hectares, uma redução de 27,4% em relação à safra passada, que foi de 126,2 mil hectares. Entre os motivos que levaram o produtor a tomar essa decisão estão os custos elevados com a alta do dólar, retirando a competitividade do produto. Este fato, aliado à manutenção dos preços pagos pelas indústrias, fez com que a grande maioria dos agricultores que plantavam girassol migrassem para o milho segunda safra, onde os custos são menores e a lucratividade acaba compensando, visto que são culturas equivalentes, ou seja, o produtor pode optar pelo cultivo de ambas.

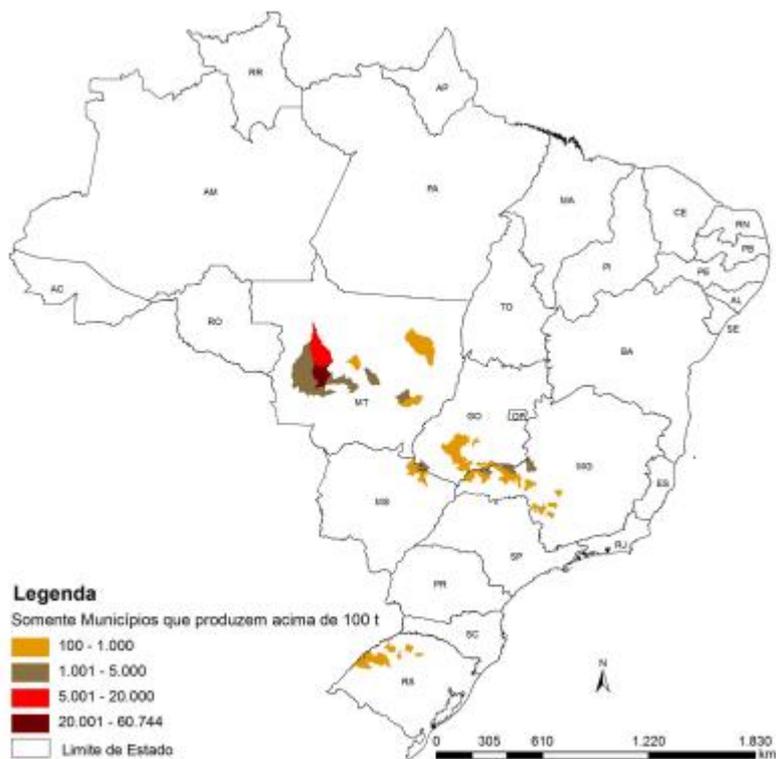
A queda de 5,5% na produtividade é reflexo do maior número de produtores cultivando o girassol que ainda possui pouca tecnologia e tratos culturais diferenciados de culturas tradicionais como soja, milho e algodão. Apesar disso, sabe-se do empenho dos produtores em difundir o conhecimento que alcançaram entre os demais que têm investido no cultivo desta cultura. Se confirmado, a produção deve corresponder a 82% da produção brasileira. O plantio se concentra em fevereiro (39,1%) e março (60,9%), com a colheita programada de junho a agosto.

A produção já foi praticamente toda negociada pelo agricultor. A comercialização antecipada foi compensatória, pois com o preço garantido o produtor ficou menos susceptível às oscilações do mercado. Com isso a lucratividade não fica tão impactada quando se compara com as despesas que os produtores têm com os insumos, visto que são adquiridos em dólar. Grande parte da produção dos subprodutos, óleo e farelo, seguem para São Paulo e Santa Catarina.

Em Goiás também houve redução na área plantada, uma vez que a cultura depende de contrato firmado com empresa que produz óleo de girassol. As áreas plantadas no estado encontram-se em desenvolvimento vegetativo.

Em Minas Gerais os levantamentos apontam para um acréscimo de 12,4% na área cultivada. O aumento na área de plantio ocorreu na região do Triângulo Mineiro. As lavouras encontram-se em fase de desenvolvimento vegetativo.

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab.

Figura 26 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 22 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Girassol	- sul de GO (F) - norte do MT (FR) - leste do MS (F) - Triângulo, centro e sul de MG (F)			

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	131,1	96,0	(26,8)	1.617	1.523	(5,8)	212,0	146,2	(31,0)
MT	126,2	91,6	(27,4)	1.611	1.523	(5,5)	203,3	139,5	(31,4)
MS	0,7	0,6	(14,3)	1.544	1.500	(2,8)	1,1	0,9	(18,2)
GO	4,2	3,8	(9,5)	1.815	1.516	(16,5)	7,6	5,8	(23,7)
SUDESTE	11,3	12,7	12,4	1.378	1.730	25,5	15,6	22,0	41,0
MG	11,3	12,7	12,4	1.378	1.730	25,5	15,6	22,0	41,0
SUL	3,3	1,2	(63,6)	1.557	1.617	3,9	5,1	1,9	(62,7)
RS	3,3	1,2	(63,6)	1.535	1.617	5,3	5,1	1,9	(62,7)
CENTRO-SUL	145,7	109,9	(24,6)	1.597	1.548	(3,1)	232,7	170,1	(26,9)
BRASIL	145,7	109,9	(24,6)	1.597	1.548	(3,1)	232,7	170,1	(26,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
CENTRO-OESTE												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
SUDESTE												
MG						P	P			C	C	
SUL												
RS	P			C	C	C					P	P
NORTE/NORDESTE												
CENTRO-SUL												
BRASIL												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

Fonte: Conab.

10.1.6. Mamona

A Bahia, Ceará e Minas Gerais participam com aproximadamente 97% da produção brasileira de mamona. A Bahia se destaca de forma isolada, participando com aproximadamente 86% dos 90,6 mil hectares previstos para serem plantados nesta temporada.

A produtividade desta cultura está fortemente relacionada com o comportamento do clima, essa é a causa da grande dispersão observada nas estimativas que variam de 306

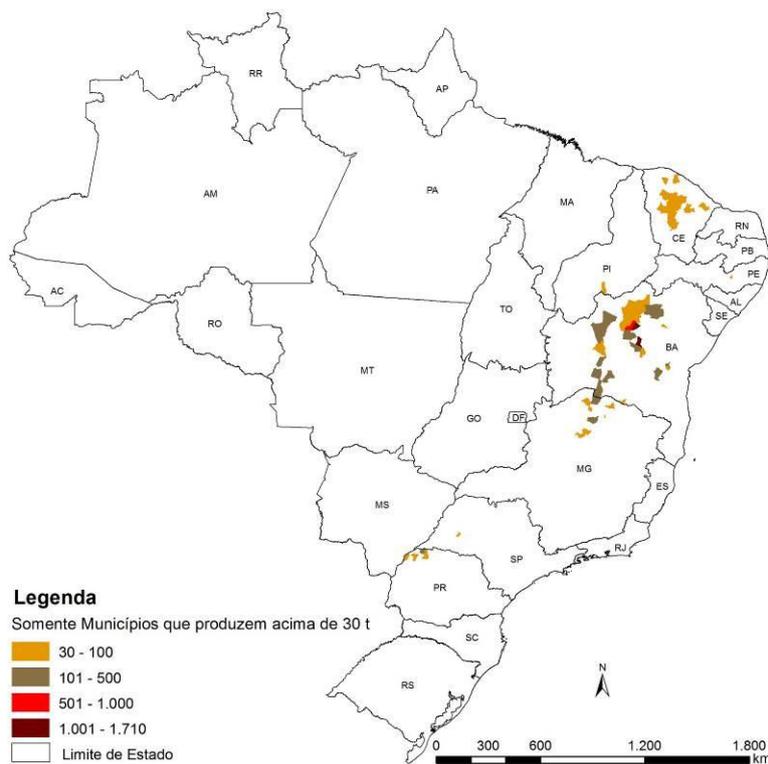
a 725 kg/ha, estimados para esta temporada. Na Bahia a mamona apresenta área total de 77,7 mil hectares, com produtividade média de 710 kg/ha. A produção concentra-se principalmente na região da jurisdição de Irecê, que produz 53.135 toneladas e representa mais de 95% da produção do estado, que é de 55,2 mil toneladas. Há previsão de uma boa safra, com pico em julho, estendendo até dezembro.

No Ceará, segundo maior produtor, a mamona aparece com uma área de 9,9 mil hectares, 11,5% menor que a safra anterior, com produção de 4,6 mil toneladas, um aumento de 43,8% em relação à safra 2013/14. O fator clima contribuiu para a expressiva elevação da produtividade para 468 kg/ha, ou seja, 64,8% a mais que a safra anterior, numa região fortemente castigada pela seca nos últimos anos.

Em Minas Gerais o plantio concentra-se basicamente na região norte e o plantio da mamona está estimado em 0,8 mil hectares, representando decréscimo de 66,7% na área em relação à safra anterior. A produtividade está 32% inferior à safra passada, em razão de mais um ano de acentuada escassez de chuvas. Devido a este fato, a produção prevista para o estado é de 0,2 mil toneladas.

Em decorrência dessa instabilidade na comercialização e da característica da cultura, a oferta brasileira da oleaginosa segue um comportamento errático, estando previsto para esta temporada uma produção de 61 mil toneladas, representando um acréscimo de 36,5% ao observado no ano passado.

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P				C	C	C	C		
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	98,6	89,8	(8,9)	439	678	54,3	43,3	60,8	40,4
PI	0,7	0,6	(18,0)	300	725	141,7	0,2	0,4	100,0
CE	11,2	9,9	(11,5)	284	468	64,8	3,2	4,6	43,8
PE	4,9	1,6	(67,3)	334	401	20,1	1,6	0,6	(62,5)
BA	81,8	77,7	(5,0)	468	710	51,7	38,3	55,2	44,1
SUDESTE	2,5	0,8	(68,0)	506	306	(39,5)	1,3	0,2	(84,6)
MG	2,4	0,8	(66,7)	450	306	(32,0)	1,1	0,2	(81,8)
SP	0,1	-	(100,0)	1.848	-	(100,0)	0,2	-	(100,0)
SUL	0,2	-	(100,0)	622	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
PR	0,2	-	(100,0)	622	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	98,6	89,8	(8,9)	439	678	54,3	43,3	60,8	40,4
CENTRO-SUL	2,7	0,8	(70,4)	515	306	(40,5)	1,4	0,2	(85,7)
BRASIL	101,3	90,6	(10,6)	441	675	52,9	44,7	61,0	36,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.1.7. Milho

10.1.7.1. Milho primeira safra

A produção de milho da primeira safra no Brasil tem diminuído sua participação ao longo dos anos, representando na temporada 2014/15 39% em relação à oferta total. Na Região Sul a produção de 14.056,9 mil toneladas representou 18% do cereal plantado na temporada 2014/15. De uma maneira geral, a colheita encontra-se concluída, confirmando os bons índices de produtividade.

No Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, a lavoura de milho desta fase representa a oferta estadual do cereal e a sua colheita nesta temporada registrou excelentes níveis de produtividades, fruto da tecnologia empregada no cultivo e do clima favorável. A média alcançada atingiu 6.560 kg/ha e representa um acréscimo de 18,3% em relação à safra passada, constituindo-se num novo recorde.

No Paraná a colheita encontra-se concluída, confirmando-se a produtividade esperada no levantamento anterior, 8.654 kg/ha, superior em 6,1% ao observado na safra passada. O produto colhido é de boa qualidade e as informações prestadas dão conta de que cerca de 60% do total produzido já tenha sido comercializado. Em Santa Catarina a lavoura encontra-se praticamente colhida, restando poucas áreas, que devem servir para

suprir a necessidade da propriedade com alimentação animal (autoconsumo). O excesso de chuvas no estágio de germinação, bem como as falhas registradas no controle de lagartas e outras pragas, especialmente nas variedades super precoces, não chegaram a afetar a produtividade do cereal, que atingiu 7.750 kg/ha, representando um incremento de 4,9% em relação ao exercício anterior.

Na Região Sudeste as condições climáticas predominantes, a partir de fevereiro, foram responsáveis pela boa recuperação das lavouras, possibilitando um incremento na produtividade de 5,8% em relação à safra passada. Em Minas Gerais, segundo produtor nacional, foi constatado uma redução de 3,8% na produção estadual, fruto da queda de 6,9% na área plantada. A produtividade média constatada a partir do avanço da colheita atingiu 5.405 kg/ha, superior à safra passada em 3,3%, fruto do bom desempenho do clima que favoreceu as áreas plantadas tardiamente e por essa razão, menos afetadas pela estiagem. A produção deverá atingir 5.526 mil toneladas, representando uma queda de 3,8% em relação a 2014, diferença que vem sendo reduzida na medida em que a colheita encerra-se.

Na Região Centro-Oeste as chuvas de abril trouxeram alguns inconvenientes para os produtores durante a colheita, em termos de suspensão das operações como também no excesso de umidade do cereal colhido. Em Goiás, principal produtor regional, a maior parte da área com milho da primeira safra encontra-se em fase de maturação, estimando-se que aproximadamente 35% dos 250,7 mil hectares plantados, neste ano, já tenham sido colhidos e os reflexos citados em relação às irregularidades das chuvas ainda não se refletiram na produtividade obtida.

Na região do MATOPIBA, as chuvas observadas em fevereiro contribuíram para a recuperação das lavouras, exceto aquelas situadas no oeste da Bahia. Em fevereiro, com a normalização das chuvas, as plantações que estavam nas fases de floração e enchimento de grãos, ocasionou recuperações relevantes no potencial produtivo das plantas. Na medida em que a colheita está aproximando-se do encerramento, destacam-se os números alcançados no Maranhão, Piauí e Tocantins, que apresentaram nesta temporada níveis recordes.

Essas informações consolidadas geram uma produção nacional para o cereal produzidos na primeira safra de 30.637,6 mil toneladas, representando uma redução de 2,6% em relação ao verificado no exercício passado – 30.831 mil toneladas.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

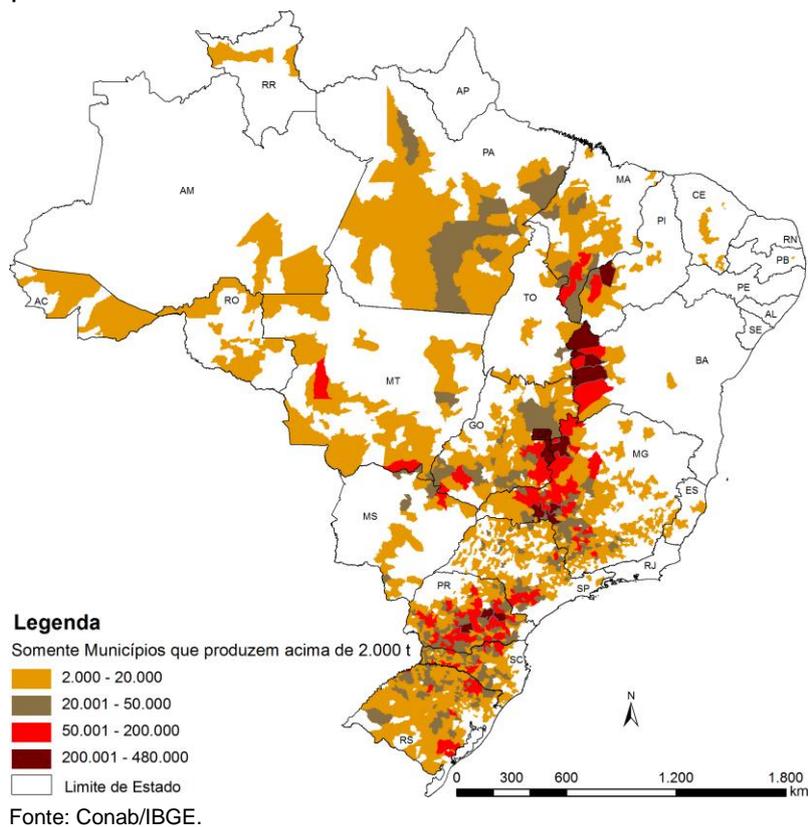
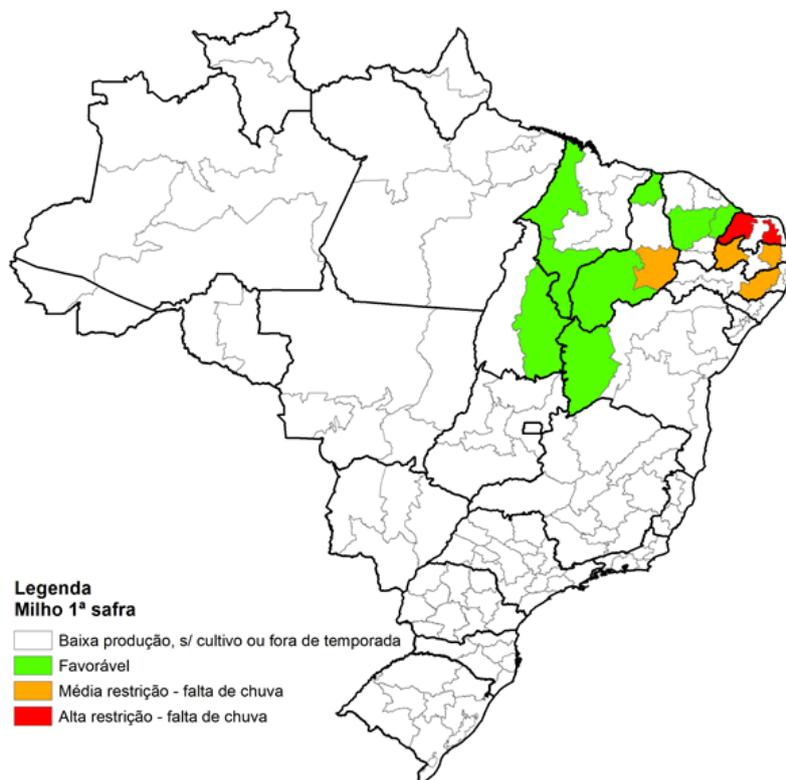


Figura 29 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 25 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho safra 1ª	- norte do PI (FR)		- oeste do MA (C) - centro do CE (C) - leste do TO (C) - sul do MA (C) - sudoeste do PI (C) - oeste da BA (C)	- sudeste do PI (FR) - Agreste de RN (F/FR) - Oeste de RN (FR) - Agreste da PB (F/FR) - Sertão da PB (FR) - Agreste da PE (F/FR)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Nota: O período monitorado corresponde às condições hídricas para as fases do desenvolvimento no mês de maio. Não considera impactos ocorridos anteriormente por falta de chuva na Região Nordeste.

Fonte: Conab.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	362,2	385,2	6,4	2.843	3.201	12,6	1.029,7	1.233,0	19,7
RR	6,5	6,5	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	26,7
RO	60,9	45,9	(24,6)	2.035	2.174	6,8	123,9	99,8	(19,5)
AC	46,5	41,3	(11,2)	2.340	2.402	2,6	108,8	99,2	(8,8)
AM	11,0	10,8	(1,8)	2.627	2.709	3,1	28,9	29,3	1,4
AP	2,2	1,7	(21,4)	921	979	6,3	2,0	1,7	(15,0)
PA	184,1	214,7	16,6	2.916	3.176	8,9	536,8	681,9	27,0
TO	51,0	64,3	26,0	4.378	4.875	11,4	223,3	313,5	40,4
NORDESTE	2.113,3	2.082,5	(1,5)	2.248	2.386	6,2	4.750,0	4.969,2	4,6
MA	379,0	350,6	(7,5)	2.266	2.791	23,2	858,8	978,5	13,9
PI	371,6	388,7	4,6	2.321	2.900	24,9	862,5	1.127,2	30,7
CE	480,6	480,6	-	835	892	6,8	401,3	428,7	6,8
RN	32,4	38,9	20,0	633	531	(16,1)	20,5	20,7	1,0
PB	76,6	83,3	8,7	462	392	(15,2)	35,4	32,7	(7,6)
PE	228,6	228,6	-	411	331	(19,5)	94,0	75,7	(19,5)
BA	544,5	511,8	(6,0)	4.550	4.505	(1,0)	2.477,5	2.305,7	(6,9)
CENTRO-OESTE	422,2	361,6	(14,4)	7.544	7.492	(0,7)	3.184,9	2.709,1	(14,9)
MT	68,0	63,6	(6,4)	6.209	7.205	16,0	422,2	458,2	8,5
MS	27,0	20,5	(24,1)	8.350	8.500	1,8	225,5	174,3	(22,7)
GO	288,2	250,7	(13,0)	7.500	7.500	-	2.161,5	1.880,3	(13,0)
DF	39,0	26,8	(31,3)	9.634	7.326	(24,0)	375,7	196,3	(47,8)
SUDESTE	1.552,0	1.430,5	(7,8)	5.194	5.497	5,8	8.060,9	7.862,8	(2,5)
MG	1.098,0	1.022,4	(6,9)	5.230	5.405	3,3	5.742,5	5.526,1	(3,8)
ES	22,3	13,5	(39,5)	2.711	2.177	(19,7)	60,5	29,4	(51,4)
RJ	4,4	2,0	(54,5)	2.332	2.171	(6,9)	10,3	4,3	(58,3)
SP	427,3	392,6	(8,1)	5.260	5.866	11,5	2.247,6	2.303,0	2,5
SUL	2.168,3	1.895,0	(12,6)	6.746	7.418	10,0	14.627,4	14.056,9	(3,9)
PR	665,2	542,5	(18,4)	8.156	8.654	6,1	5.425,4	4.694,8	(13,5)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.750	4,9	3.485,0	3.189,1	(8,5)
RS	1.031,2	941,0	(8,8)	5.544	6.560	18,3	5.717,0	6.173,0	8,0
NORTE/NORDESTE	2.475,5	2.467,7	(0,3)	2.335	2.513	7,6	5.779,7	6.202,2	7,3
CENTRO-SUL	4.142,5	3.687,1	(11,0)	6.246	6.680	6,9	25.873,2	24.628,8	(4,8)
BRASIL	6.618,0	6.154,8	(7,0)	4.783	5.009	4,7	31.652,9	30.831,0	(2,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO		P	P		C	C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

10.1.7.2. Milho segunda safra

Na Região Centro-Oeste, maior produtora do cereal de segunda safra, a área plantada nesta temporada apresentou um incremento de 1,9% em relação à verificada na passada – 5.780 mil hectares. O bom regime de chuvas em abril trouxe boa expectativa para os produtores, particularmente, no momento em que a maior parte das lavouras encontrava-se nos estágios de pendoamento e enchimento de grãos.

Em Mato Grosso, que representa nesta temporada 36% da produção nacional, ocorreu uma combinação de ações que repercutiu positivamente na produção estadual. O incremento observado na área plantada, 1,4% em relação ao período anterior e as chuvas de março e abril criaram um excelente suporte para as produtividades esperadas. Em Mato Grosso do Sul as áreas semeadas apresentam bom desenvolvimento vegetativo e bom aspecto fitossanitário. As lavouras na sua grande maioria encontram-se na fase de maturação. As últimas chuvas ocorridas no estado têm animado os produtores, que aguardam boa produção nesta safra.

Na Região Sul o Paraná se apresenta como o segundo maior produtor nacional do cereal na segunda safra. A área plantada nesta temporada apresentou uma pequena redução de 0,4%, mas as chuvas favoráveis ocorridas em todo o estado atingiram as lavouras nas diversas fases do desenvolvimento vegetativo, criando uma expectativa positiva para o cereal. Com este cenário, acredita-se que a produção poderá atingir níveis recordes. A colheita que já foi iniciada deverá se estender até agosto. A consolidação da produção brasileira do milho, reunindo as duas safras, deverá atingir nesta temporada 80.204,4 mil toneladas, representando um acréscimo de 0,2% em relação à produção passada, que atingiu 80.052 mil toneladas.

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

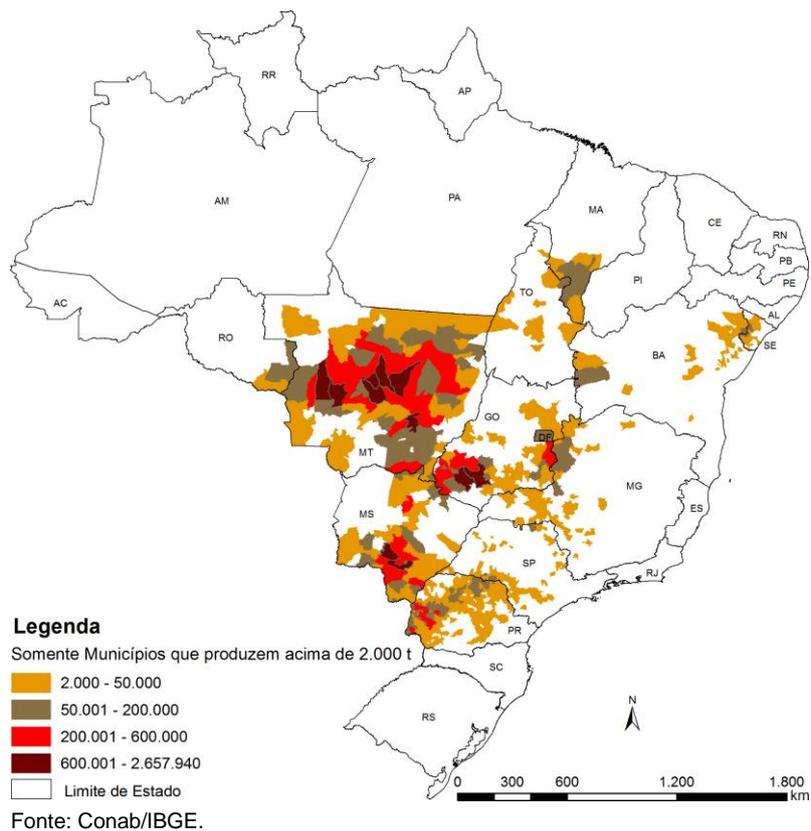
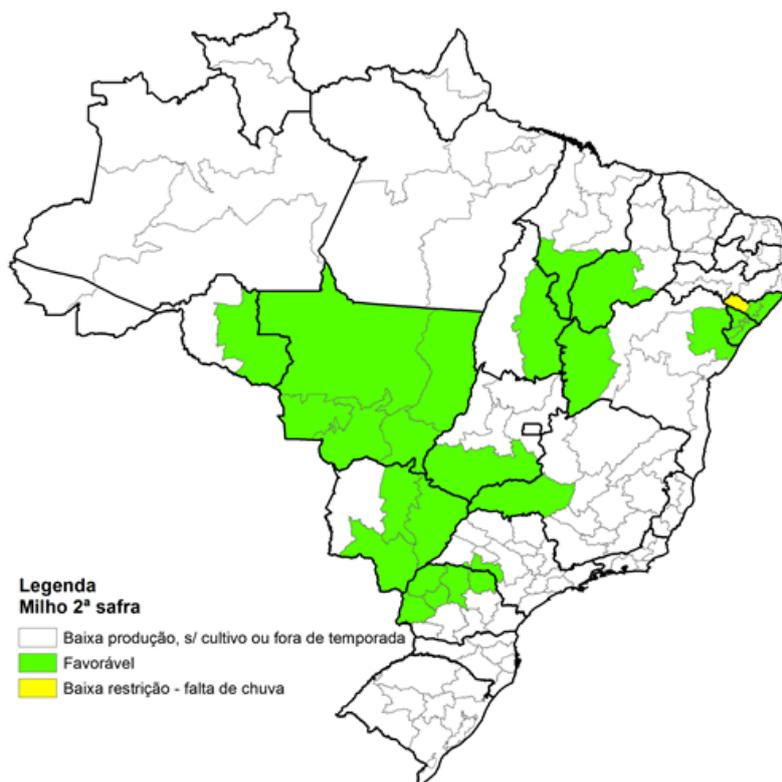


Figura 31 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	189,3	249,7	31,9	4.183	4.708	12,6	791,8	1.175,6	48,5
RO	88,4	119,5	35,2	3.751	4.613	23,0	331,6	551,3	66,3
TO	100,9	130,2	29,0	4.561	4.795	5,1	460,2	624,3	35,7
NORDESTE	786,4	701,8	(10,8)	3.592	3.175	(11,6)	2.824,5	2.228,1	(21,1)
MA	227,4	137,3	(39,6)	3.813	4.191	9,9	867,1	575,4	(33,6)
PI	33,4	17,7	(47,1)	4.998	4.927	(1,4)	166,9	87,2	(47,8)
AL	31,0	34,6	11,6	887	887	-	27,5	30,7	11,6
SE	226,6	226,0	(0,3)	4.670	4.670	-	1.058,2	1.055,4	(0,3)
BA	268,0	286,2	6,8	2.630	1.675	(36,3)	704,8	479,4	(32,0)
CENTRO-OESTE	5.780,0	5.888,0	1,9	5.514	5.524	0,2	31.869,0	32.525,6	2,1
MT	3.230,2	3.275,4	1,4	5.457	5.461	0,1	17.627,2	17.887,0	1,5
MS	1.547,5	1.560,0	0,8	5.140	5.160	0,4	7.954,2	8.049,6	1,2
GO	952,3	1.014,2	6,5	6.130	6.156	0,4	5.837,6	6.243,4	7,0
DF	50,0	38,4	(23,2)	9.000	9.000	-	450,0	345,6	(23,2)
SUDESTE	554,5	594,1	7,1	4.810	5.149	7,0	2.667,4	3.059,3	14,7
MG	228,0	249,6	9,5	5.265	5.455	3,6	1.200,4	1.361,6	13,4
SP	326,5	344,5	5,5	4.493	4.928	9,7	1.467,0	1.697,7	15,7
SUL	1.901,0	1.893,4	(0,4)	5.390	5.487	1,8	10.246,4	10.389,1	1,4
PR	1.901,0	1.893,4	(0,4)	5.390	5.487	1,8	10.246,4	10.389,1	1,4
NORTE/NORDESTE	975,7	951,5	(2,5)	3.706	3.577	(3,5)	3.616,3	3.403,7	(5,9)
CENTRO-SUL	8.235,5	8.375,5	1,7	5.438	5.489	0,9	44.782,8	45.973,9	2,7
BRASIL	9.211,2	9.327,0	1,3	5.254	5.294	0,8	48.399,1	49.377,6	2,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Tabela 28 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho safra 2ª	<ul style="list-style-type: none"> - leste do TO (FR) - leste de RO (FR/M) - sudoeste do PI (FR/M) - oeste da BA - irrigado (FR) - nordeste da BA (G/DV) - sul do MA (FR/M) - todo estado de AL, exceto Sertão (DV/F/FR) - todo estado de SE (G/DV) - todo estado do MS (FR/M) - todo estado do MT (FR/M) - sul de GO (FR/M) - Triângulo MG (FR/M) - sul de SP (FR/M) - norte e oeste do PR (FR/M) 			- Sertão de AL (F/FR)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12 Primavera			21/12 a 20/03 Verão			20/03 a 21/06 Outono			21/06 a 22/09 Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

10.1.7.3. Milho total

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)

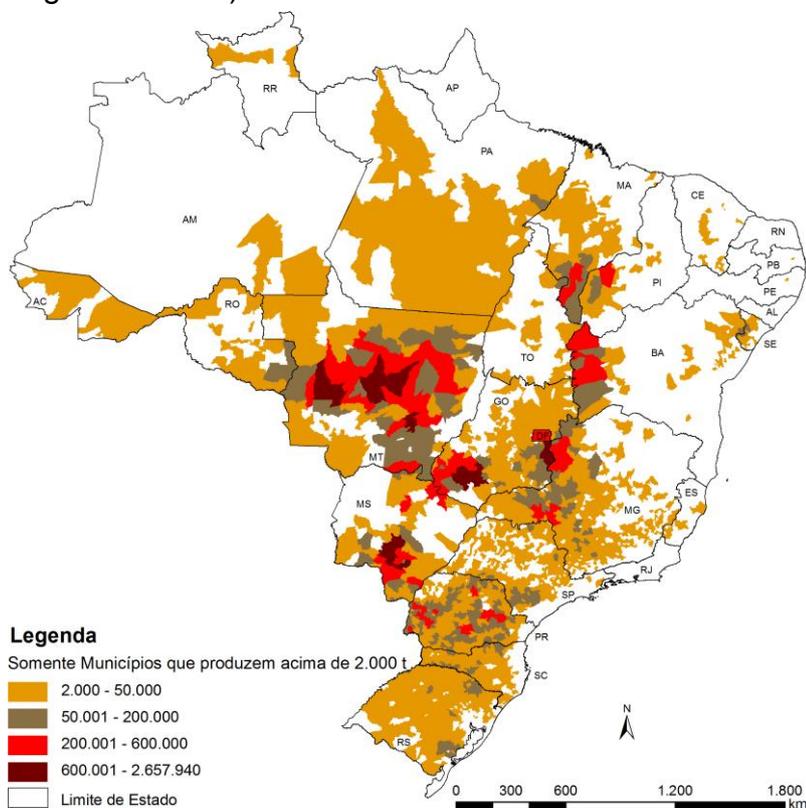


Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	551,5	634,9	15,1	3.303	3.793	14,9	1.821,5	2.408,5	32,2
RR	6,5	6,5	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	26,7
RO	149,3	165,4	10,8	3.051	3.936	29,0	455,5	651,0	42,9
AC	46,5	41,3	(11,2)	2.340	2.402	2,6	108,8	99,2	(8,8)
AM	11,0	10,8	(1,8)	2.627	2.709	3,1	28,9	29,3	1,4
AP	2,2	1,7	(22,7)	921	979	6,3	2,0	1,7	(15,0)
PA	184,1	214,7	16,6	2.916	3.176	8,9	536,8	681,9	27,0
TO	151,9	194,5	28,0	4.500	4.821	7,2	683,5	937,8	37,2
NORDESTE	2.899,7	2.784,3	(4,0)	2.612	2.585	(1,0)	7.574,5	7.197,2	(5,0)
MA	606,4	487,9	(19,5)	2.846	3.185	11,9	1.725,9	1.553,9	(10,0)
PI	405,0	406,4	0,3	2.542	2.988	17,6	1.029,4	1.214,4	18,0
CE	480,6	480,6	-	835	892	6,8	401,3	428,7	6,8
RN	32,4	38,9	20,1	633	531	(16,1)	20,5	20,7	1,0
PB	76,6	83,3	8,7	462	392	(15,2)	35,4	32,7	(7,6)
PE	228,6	228,6	-	411	331	(19,5)	94,0	75,7	(19,5)
AL	31,0	34,6	11,6	887	887	-	27,5	30,7	11,6
SE	226,6	226,0	(0,3)	4.670	4.670	-	1.058,2	1.055,4	(0,3)
BA	812,5	798,0	(1,8)	3.917	3.490	(10,9)	3.182,3	2.785,0	(12,5)
CENTRO-OESTE	6.202,2	6.249,6	0,8	5.652	5.638	(0,2)	35.053,8	35.234,7	0,5
MT	3.298,2	3.339,0	1,2	5.473	5.494	0,4	18.049,4	18.345,2	1,6
MS	1.574,5	1.580,5	0,4	5.195	5.203	0,2	8.179,6	8.223,9	0,5
GO	1.240,5	1.264,9	2,0	6.448	6.422	(0,4)	7.999,1	8.123,7	1,6
DF	89,0	65,2	(26,7)	9.278	8.312	(10,4)	825,7	541,9	(34,4)
SUDESTE	2.106,5	2.024,6	(3,9)	5.093	5.395	5,9	10.728,4	10.922,0	1,8
MG	1.326,0	1.272,0	(4,1)	5.236	5.415	3,4	6.943,0	6.887,6	(0,8)
ES	22,3	13,5	(39,5)	2.711	2.177	(19,7)	60,5	29,4	(51,4)
RJ	4,4	2,0	(54,5)	2.332	2.171	(6,9)	10,3	4,3	(58,3)
SP	753,8	737,1	(2,2)	4.928	5.428	10,1	3.714,6	4.000,7	7,7
SUL	4.069,3	3.788,4	(6,9)	6.113	6.453	5,6	24.873,8	24.446,0	(1,7)
PR	2.566,2	2.435,9	(5,1)	6.107	6.192	1,4	15.671,8	15.083,9	(3,8)
SC	471,9	411,5	(12,8)	7.385	7.750	4,9	3.485,0	3.189,1	(8,5)
RS	1.031,2	941,0	(8,7)	5.544	6.560	18,3	5.717,0	6.173,0	8,0
NORTE/NORDESTE	3.451,2	3.419,2	(0,9)	2.723	2.809	3,2	9.396,0	9.605,7	2,2
CENTRO-SUL	12.378,0	12.062,6	(2,5)	5.708	5.853	2,5	70.656,0	70.602,7	(0,1)
BRASIL	15.829,2	15.481,8	(2,2)	5.057	5.181	2,4	80.052,0	80.208,4	0,2

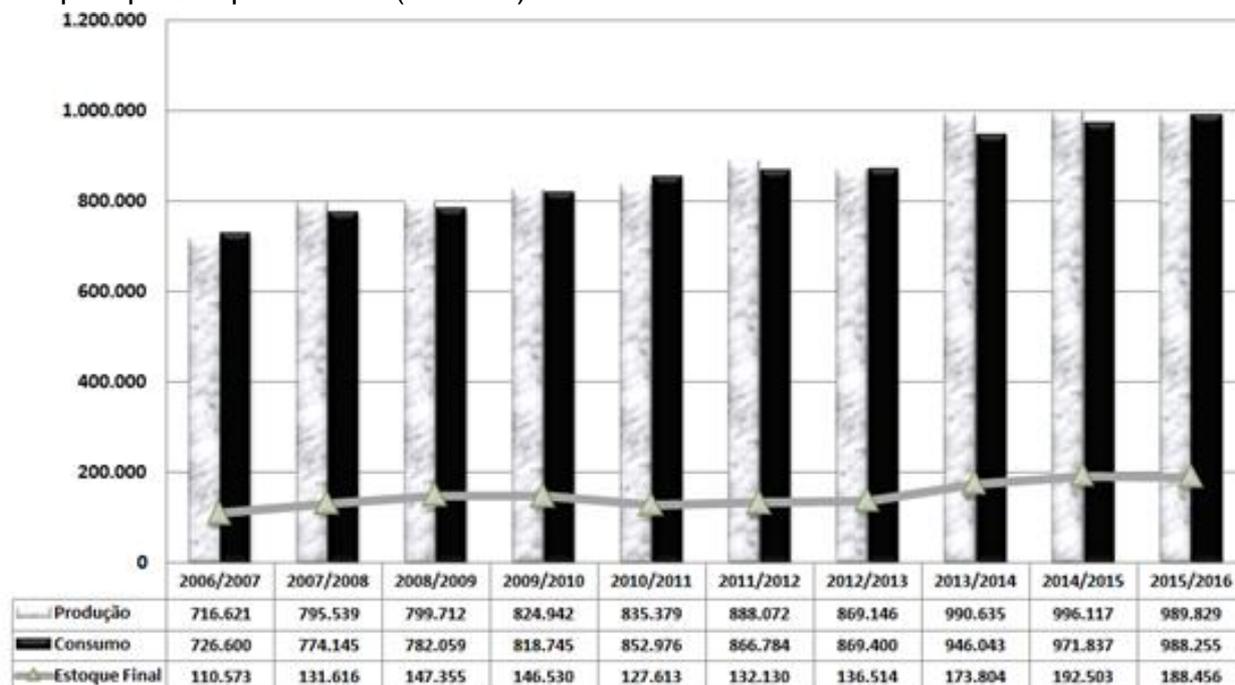
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.1.7.4. Oferta e demanda

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) publicou, no seu último relatório de oferta e demanda, as informações relacionadas à safra 2015/16, onde se projetou uma pequena redução na produção mundial do milho, bem como os estoques finais, dado que o consumo se eleva, ficando próximo à produção mundial.

Gráfico 29 – Comparativo da produção mundial de milho nas últimas dez safras – Principais países produtores (em mil t)



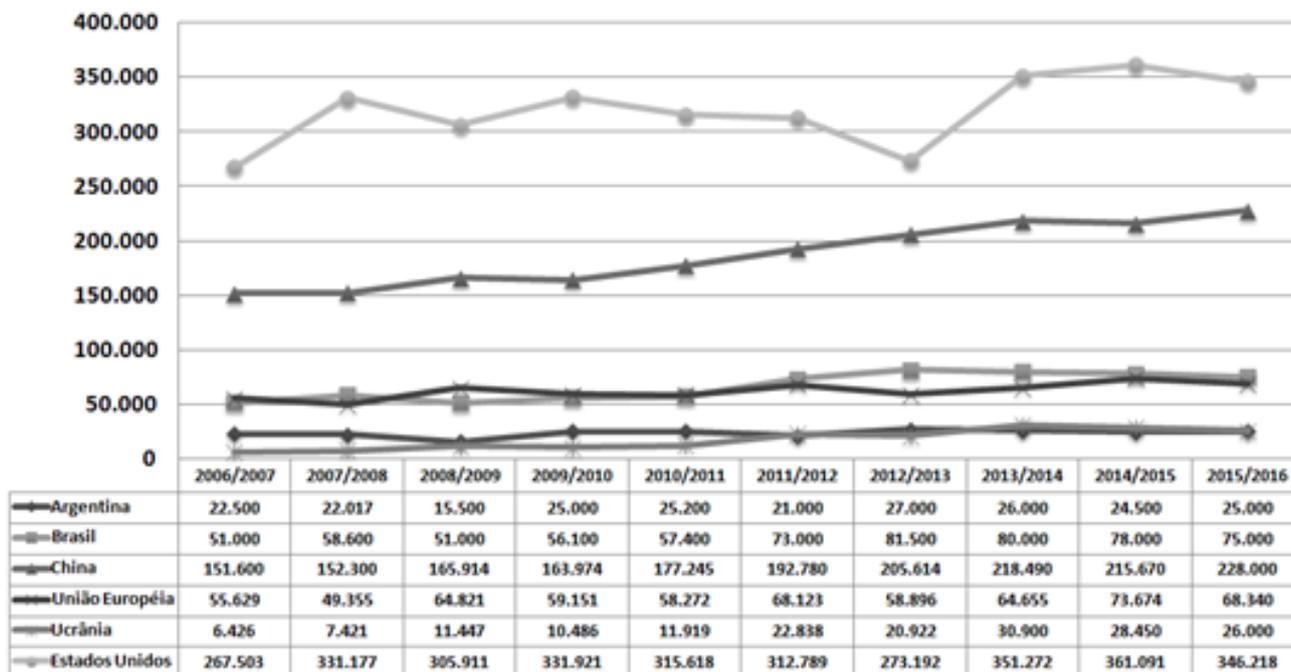
Fonte: Usda.

Elaboração: Sugof /Dipai.

Esta redução na produção deve-se à expectativa de diminuição do montante final a ser produzido pelos Estados Unidos, que caiu de 361,1 milhões para 346,2 milhões de toneladas. Contudo, a safra estadunidense já foi praticamente toda semeada e, de acordo com os analistas ligados à análise climática, não há nenhum indício de forte interferência climática negativa no desenvolvimento das lavouras, pelo contrário, acredita-se que nesta safra o clima seja benéfico.

Assim, é possível que a produção do grão seja maior do que a inicialmente projetada, afetando a produção mundial e, por consequência, incrementando a disponibilidade do grão no cenário externo.

Gráfico 30 – Evolução da produção mundial de milho nas últimas dez safras – principais países produtores (mil toneladas)

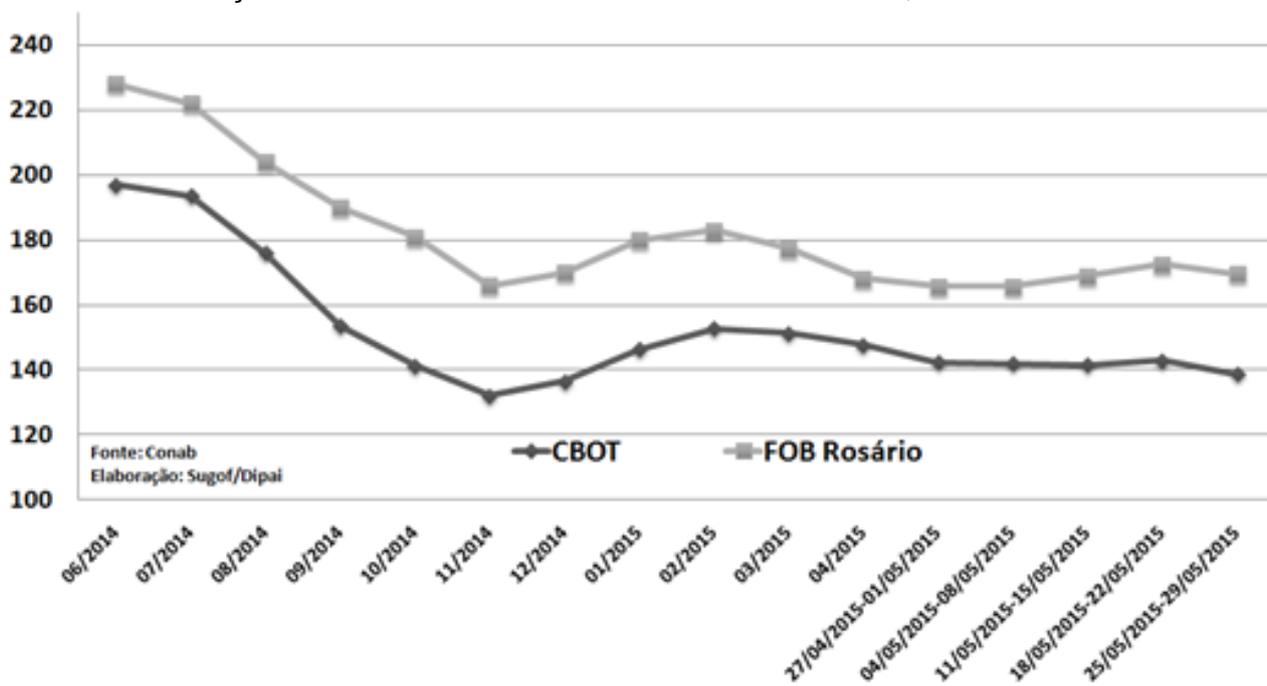


Fonte: Usda.

Elaboração: Sugof/Dipai.

Desta feita, os preços internacionais sofreram, novamente, uma pressão baixista, sendo que em Chicago, as cotações chegaram a ficar abaixo de US\$ 140,00/ton e os preços FOB Rosário ficaram um bom tempo com cotações próximas de US\$ 160,00/ton.

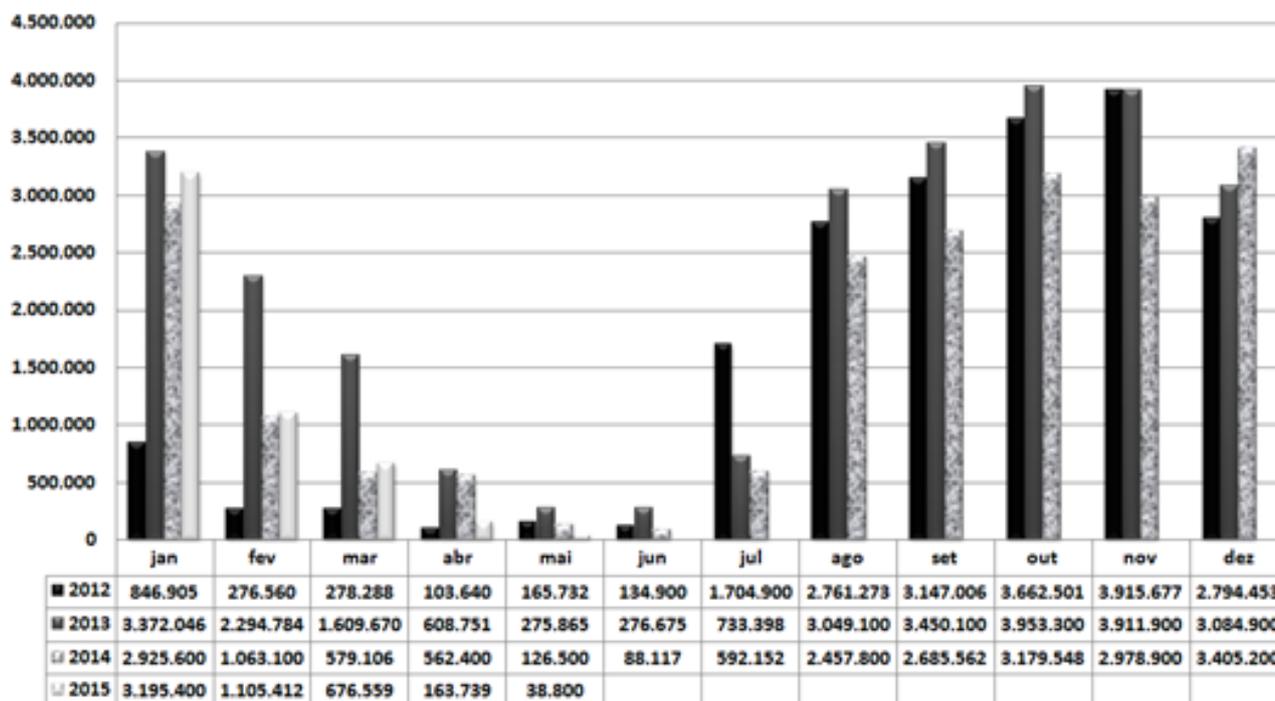
Gráfico 31 – Preços internacionais médios mensais – 12 meses, em US\$/ton



O que surpreendeu no último quadro de oferta e demanda do Usda foi a estimativa de produção recorde na China, em 228 milhões de toneladas, o que pode frear a importação do milho pelos chineses.

Este cenário baixista de preços internacionais, a moeda americana menos valorizada, quando comparada às cotações do início do ano e a preferência pela exportação de soja, por parte dos produtores, foram os fatores que provocaram uma forte redução nas exportações brasileiras de milho, de pouco mais de 38 mil toneladas.

Gráfico 32 – Exportações brasileiras de milho de jan/12 a mai/15 (em toneladas)

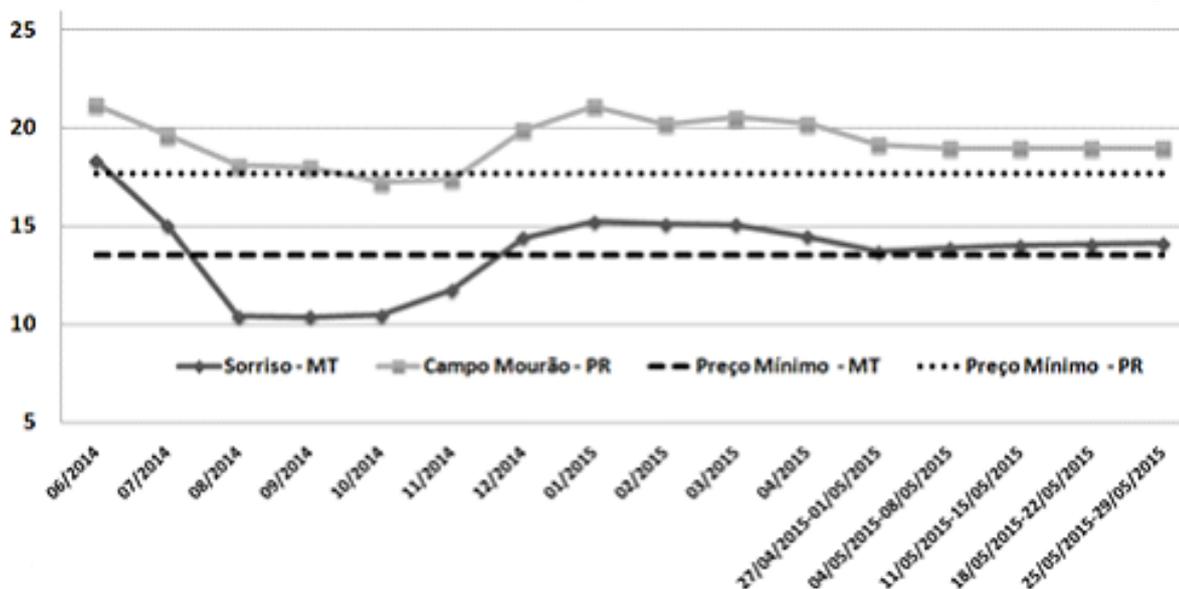


Fonte: Secex.

Elaboração: Sugof/Dipai.

Portanto, o enfraquecimento das exportações, o cenário mundial baixista, uma paridade de exportação mais baixa e a possibilidade de uma excelente safra no Brasil, provocando um carry over de 15,8 milhões de toneladas, são fundamentos que exercem uma forte pressão de baixa para os preços domésticos de milho.

Gráfico 33 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses, em R\$/60kg



Fonte: Conab.

Elaboração: Sugof/Dipai.

Apesar disso, sabe-se que uma boa parte do milho 2ª safra já foi comercializado, cerca de 55% do volume de produção do Mato Grosso e mais de 70% em Goiás, segundo informações locais.

É provável que o restante a ser comercializado, bem como o excedente da 1ª safra que ainda não foi vendido, possa sofrer com cotações do milho abaixo do preço mínimo, exercendo uma pressão para que haja intervenções governamentais.

Cabe ressaltar que, neste mês, foram feitas algumas alterações no consumo de milho, no quadro de oferta e demanda. Tal alteração deve-se ao fato de que há um aumento no confinamento bovino, o qual demanda um volume maior de milho para alimentação animal, bem como uma demanda industrial de uso de milho para a produção de etanol, visto que já há indústrias no Mato Grosso utilizando o cereal para a produção do combustível.

Assim, houve alteração nos estoques finais, sobretudo em relação às duas últimas safras, sendo 11,9 milhões de toneladas para 2013/14 e 15,8 milhões para 2014/15. Ainda assim, estoques finais muito elevados.

10.1.8. Soja

Nas principais regiões produtoras do país, a colheita da oleaginosa está se aproximando da fase final. O clima, de uma forma geral tem sido bastante favorável neste período, permitindo que essa operação ao ser realizada sem a coincidência com as chuvas, se obtenha um produto limpo e com baixa umidade, caracterizando, de acordo com as informações obtidas na colheita, como produto de excelente qualidade.

Na Região Centro-Oeste, maior produtora nacional, a produtividade deverá apresentar um incremento de 1% em relação ao ocorrido na temporada anterior - 3.036 contra 3.005 kg/há - mesmo considerando o fraco desempenho das lavouras de ciclo precoce, especialmente em Goiás e Distrito Federal. Essas localidades apresentaram reduções de 7,4 e 12,5%, respectivamente, uma vez que foram severamente afetados pelo clima durante o desenvolvimento das lavouras. No Mato Grosso, especialmente nos municípios situados ao longo da BR – 163, a produtividade média vem aumentando a

cada levantamento realizado. Mesmo considerando os problemas iniciais, observados durante o plantio da safra de verão, quando o atraso das chuvas implicou no retardamento do plantio da oleaginosa, a média estadual superou em 2,8% os níveis alcançados na safra anterior.

A produção no maior estado produtor de grãos, segue estimulada pela movimentação cada vez crescente no escoamento da produção rumo ao norte do país, através dos portos de Miritituba e Santarém, no estado do Pará. Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo produtor de outras regiões para o financiamento das suas lavouras, relacionado, por exemplo, com a falta de documentação fundiária, tem sido relativizada no extremo norte do estado, graças às ações das empresas privadas, nacionais e multinacionais, que atuam compensando a atuação oficial através dos “pacotes de financiamentos”, não se detectando de maneira representativa, restrições ao estímulo da produção agrícola naquela área.

Na Região Sul a aproximação do final da colheita para as culturas de verão possibilita concluir a ocorrência de safras recordes de soja em todos os estados produtores. Os problemas ocorridos na implantação das lavouras, aparentemente não trouxeram consequências significativas para o resultado final das safras, uma vez que o clima favorável, ao longo do desenvolvimento vegetativo das lavouras possibilitou a ocorrência de boas produtividades.

No Rio Grande do Sul os acréscimos observados na área plantada (5,6%) e na produtividade (8,8%), possibilitaram ao estado alcançar, nesta temporada, o recorde de produção da oleaginosa (14,9% em relação ao recorde do período anterior). A lavoura gaúcha é bastante tecnificada, devido ao acesso do produtor ao maquinário moderno e também às tecnologias difundidas para os sistemas de plantio.

No Paraná, até setembro passado, o regime de chuvas foi favorável ao plantio das lavouras de verão. A partir de outubro ocorreram alternâncias do clima, com períodos de estiagem e chuvas mal distribuídas. Entretanto, essas ocorrências não trouxeram repercussões para a produtividade da oleaginosa. A área de plantio apresentou um crescimento em relação ao período anterior de 3,9%, enquanto que a produtividade superou em 11,6% a da safra passada. A produção de 17,1 milhões de toneladas não encontra paralelo na série estatística estadual.

Em Santa Catarina a menor incidência de chuvas em abril contribuiu para o avanço da colheita de soja. A despeito do registro de ocorrência de doenças, como a ferrugem asiática, a produtividade obtida superou em 5,6% a ocorrida no ano passado. A produção de 1,9 milhão de toneladas representa um novo recorde estadual.

Em Minas Gerais, principal produtor regional da Região Sudeste, as condições climáticas, de uma maneira geral, não se mostraram favoráveis ao plantio da safra de verão, predominando na ocasião um clima seco, com ocorrência de chuvas isoladas, temperaturas elevadas e baixos índices de umidade, que elevaram os riscos de implantação das lavouras de sequeiro. A partir de fevereiro as chuvas retornaram, beneficiando grande parte das lavouras, mas não foram suficientes para evitar reduções na produtividade da oleaginosa, especialmente as lavouras de variedade precoce em virtude do longo período seco em janeiro, coincidindo com as fases de floração e enchimento dos grãos. Em função desse quadro, a produtividade média está estimada em 2.658 kg/ha, cerca de 1,1% inferior ao observado na safra passada. Apesar dos prejuízos do clima, a produção estimada neste levantamento para esta safra – restam ainda 12% da área a ser colhida – será recorde. Em São Paulo o bom regime de chuvas a partir da segunda quinzena de fevereiro contribuiu para a obtenção do percentual recorde de produtividade nacional nessa safra, fazendo com que a produção atinja um recorde de 2,34 milhões de toneladas.

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – Soja

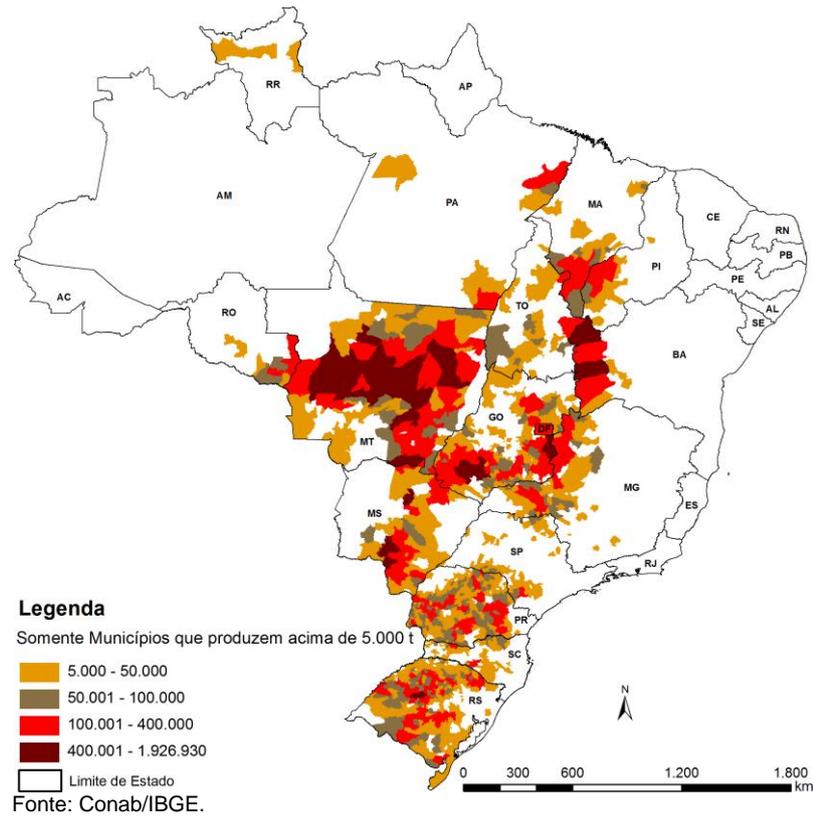


Figura 34 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Apesar da inconstância climática durante as fases iniciais da lavoura nas regiões que compõem o MATOPIBA, a posterior regularização das chuvas nas áreas produtoras, especialmente na Bahia, Piauí e Tocantins, contribuiu para que a produção regional ora estimada, apresente uma produção recorde de 10,5 milhões de toneladas, representando um incremento de 20,9% em relação ao exercício anterior.

O desempenho da soja nas diversas regiões produtoras do país aponta para uma expectativa de produção na temporada 2014/15 de 96.044,5 mil toneladas, representando um incremento de 11,5% em relação ao produzido no ano passado.

Tabela 30 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- leste do MA (FR) - norte de RR (G/DV)			

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 13/14 (c)	Safra 14/15 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 13/14 (e)	Safra 14/15 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	1.178,9	1.406,1	19,3	2.877	2.995	4,1	3.391,3	4.211,9	24,2
RR	18,0	25,0	38,9	3.120	3.000	(3,8)	56,2	75,0	33,5
RO	191,1	230,2	20,5	3.180	3.210	0,9	607,7	738,9	21,6
PA	221,4	321,7	45,3	3.020	3.018	(0,1)	668,6	970,9	45,2
TO	748,4	829,2	10,8	2.751	2.927	6,4	2.058,8	2.427,1	17,9
NORDESTE	2.602,2	2.843,6	9,3	2.544	2.837	11,5	6.620,9	8.067,2	21,8
MA	662,2	749,6	13,2	2.754	2.745	(0,3)	1.823,7	2.057,7	12,8
PI	627,3	673,7	7,4	2.374	2.722	14,7	1.489,2	1.833,8	23,1
BA	1.312,7	1.420,3	8,2	2.520	2.940	16,7	3.308,0	4.175,7	26,2
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.514,1	4,3	3.005	3.036	1,0	41.800,5	44.063,0	5,4
MT	8.615,7	8.917,2	3,5	3.069	3.155	2,8	26.441,6	28.133,8	6,4
MS	2.120,0	2.300,5	8,5	2.900	3.060	5,5	6.148,0	7.039,5	14,5
GO	3.101,7	3.241,3	4,5	2.900	2.698	(7,0)	8.994,9	8.745,0	(2,8)
DF	72,0	55,1	(23,5)	3.000	2.626	(12,5)	216,0	144,7	(33,0)
SUDESTE	1.989,9	2.116,2	6,3	2.520	2.765	9,7	5.015,3	5.850,4	16,7
MG	1.238,2	1.319,4	6,6	2.687	2.658	(1,1)	3.327,0	3.507,0	5,4
SP	751,7	796,8	6,0	2.246	2.941	30,9	1.688,3	2.343,4	38,8
SUL	10.492,7	11.022,4	5,0	2.792	3.071	10,0	29.292,8	33.852,0	15,6
PR	5.010,4	5.206,3	3,9	2.950	3.293	11,6	14.780,7	17.144,3	16,0
SC	542,7	600,1	10,6	3.030	3.200	5,6	1.644,4	1.920,3	16,8
RS	4.939,6	5.216,0	5,6	2.605	2.835	8,8	12.867,7	14.787,4	14,9
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.249,7	12,4	2.648	2.889	9,1	10.012,2	12.279,1	22,6
CENTRO-SUL	26.392,0	27.652,7	4,8	2.884	3.029	5,0	76.108,6	83.765,4	10,1
BRASIL	30.173,1	31.902,4	5,7	2.854	3.011	5,5	86.120,8	96.044,5	11,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P			C	C	C	C		
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P			C	C	C	C		
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

10.1.8.1. Oferta e demanda

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) até o dia 31 de maio de 2015 os agricultores americanos já haviam plantado aproximadamente 71% de toda área estimada de plantio para os Estado Unidos, maior produtor mundial de soja. Ainda que este valor seja inferior aos 75% da área plantada no mesmo período de 2014, ainda é superior aos 61% da média dos cinco anos. Referido departamento divulgou, ainda, que 49% das plantas estão em estágio de emergência (VE).

Tabela 32 – Porcentagem de plantas e plantas em emergência

Porcentagem de plantas (em 18 Estados Americano*)			
31/mai/14	24/mai/15	31/mai/15	Média dos últimos 5 anos
75%	61%	71%	70%

*Estes 18 estados equivalem a 92% da área de 2014

Porcentagem de plantas em emergência- VE (em 18 Estados Americano*)			
31/mai/14	24/mai/15	31/mai/15	Média dos últimos 5 anos
46%	62%	49%	45%

*Estes 18 estados equivalem a 92% da área de 2014

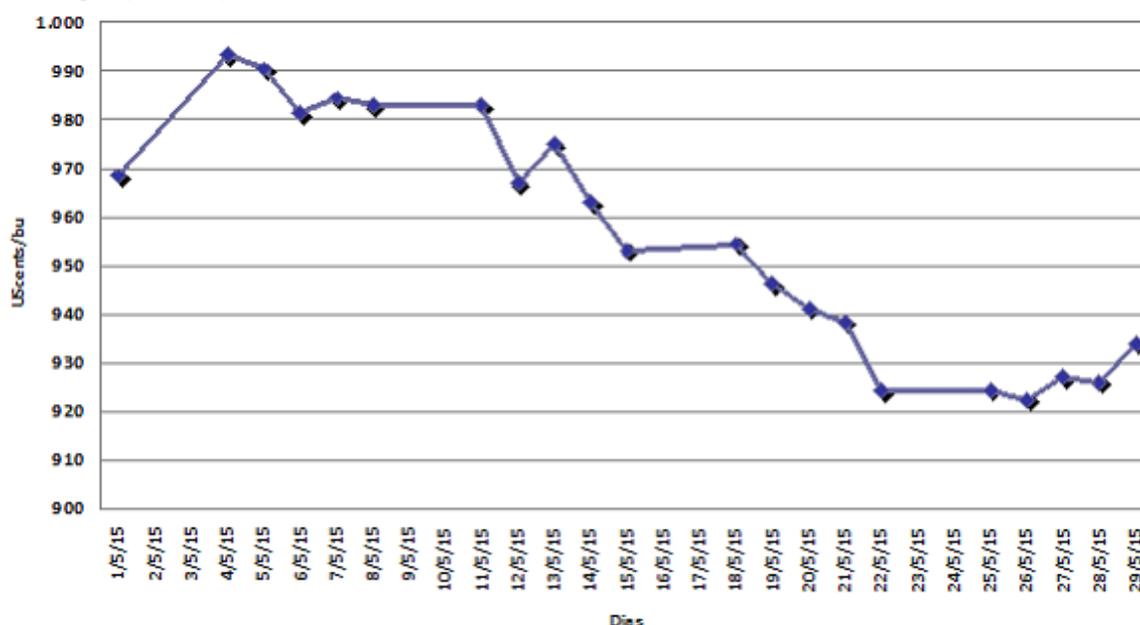
Na última divulgação de safra de maio o Usda estima que a produção americana da safra 2015/16 será de apenas 104,78 milhões de toneladas. Apesar disso, o mercado acredita que, com o clima favorável para o desenvolvimento da safra americana vigente este valor possa alcançar, ou mesmo superar, os 108,37 milhões produzidas na safra anterior.

Assim, os estoques de passagem americanos que estão estimados em 13,61 milhões de toneladas, os mais altos historicamente, podem ser superiores a esse valor, afetando, assim, o já alto estoque de passagem mundial.

Devido a esses fatores e somados à elevada produção da safra 2014/15, que está sendo colhida no Brasil e Argentina, segundo e terceiro maior produtor mundial, respectivamente, os preços internacionais continuam em queda e em de maio foram cotados em média a US\$ 9,60/bu.

Mesmo com o volume recorde de esmagamento e exportações americana, não há qualquer sintoma, em curto prazo, para que os preços internacionais voltem a subir.

Gráfico 34 – Preços internacionais – Maio/2015 (FOB) – Bolsa de mercadorias de Chicago (CBOT)



Fonte: CME Group.
Elaboração: Sugot/Dipai.

Mercado nacional

As exportações totais para safra 2014/15 foram estimadas em aproximadamente 46,22 milhões de toneladas. Segundo a Secretaria de Comercio Exterior (Secex) de janeiro a abril de 2015 o Brasil exportou, aproximadamente, 13,1 milhões de toneladas de soja, valor 4,2 milhões de toneladas a menos que no mesmo período do ano anterior. Em maio as exportações brasileiras chegaram a 9,34 milhões de toneladas, o maio valor histórico de exportação mensal, somando, assim, 22,44 milhões em exportações no período de janeiro a maio de 2015. Porém, esse valor exportado em 2015 ainda é insuficiente para chegar aos mesmos patamares de exportações dos cinco primeiros meses de 2014, que foram de 24,91 milhões de toneladas.

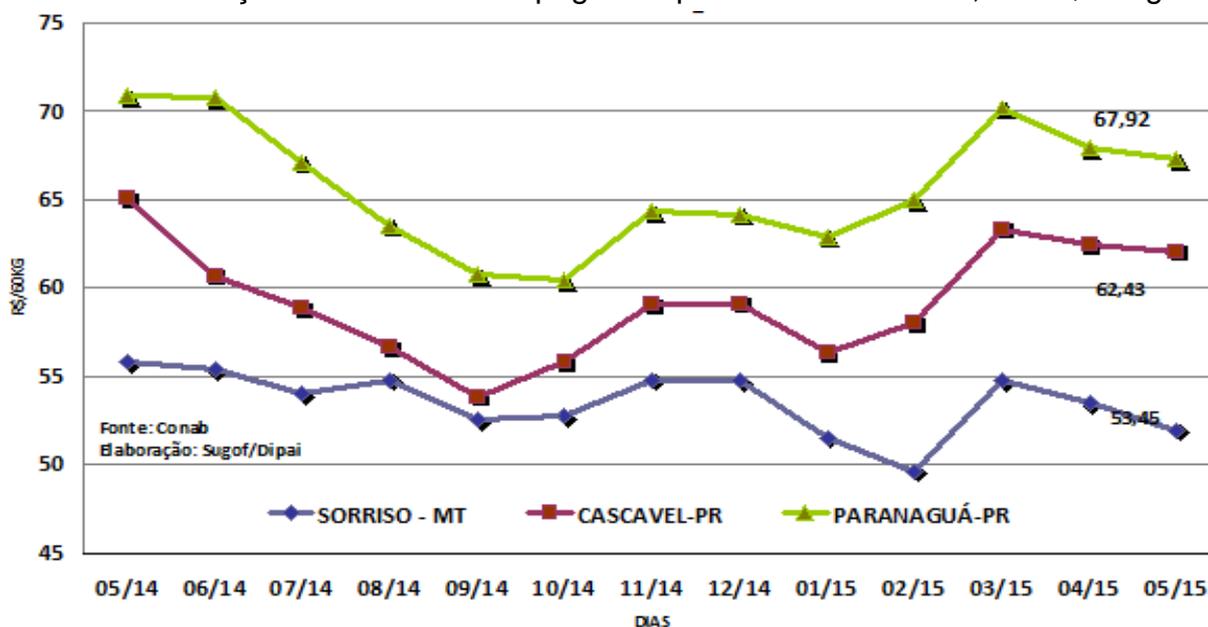
Tabela 33 – Exportação de soja

MÊS/ANO	2014				2015			
	Quant. (t)	Valor US\$1000FOB	%	Preço Médio	Quant. (t)	Valor US\$1000FOB	%	Preço Médio
JAN	30.606	17.810	0,07	581,90	85.336	35.103	0,38	411,35
FEV	2.789.650	1.385.832	6,11	496,78	868.659	346.160	3,87	398,50
MAR	6.229.305	3.147.580	13,63	505,29	5.592.087	2.211.790	24,92	395,52
ABR	8.250.901	4.134.746	18,06	501,13	6.550.977	2.534.258	29,20	386,85
MAI	7.609.783	3.866.209	16,65	508,06	9.341.009	3.612.717	41,63	386,76
JUN	6.893.162	3.571.995	15,09	518,19				
1º sem.	31.803.405	16.124.172	70	507,00	22.438.068	8.740.028	100	389,52
JUL	6.043.523	3.151.183	13,23	521,42				
AGO	4.119.263	2.135.355	9,02	518,38				
SET	2.669.833	1.347.500	5,84	504,71				
OUT	740.839	363.993	1,62	491,33				
NOV	176.556	81.601	0,39	462,18				
DEZ	138.581	73.573	0,30	530,90				
2º sem.	13.888.594	7.153.206	30	515,04				
TOTAL	45.691.999	23.277.378	100	509,44	22.438.068	8.740.028	49	389,52

Elaboração: Conab/Sugot/Geole

Com os preços internacionais em baixa, os preços internos foram sustentados mais uma vez pela alta do dólar frente ao real, e no mês, apesar disso, os preços internos têm sofrido queda nos últimos meses.

Gráfico 35 – Preços médios mensais pagos ao produtor – 12 meses, em R\$/60kg

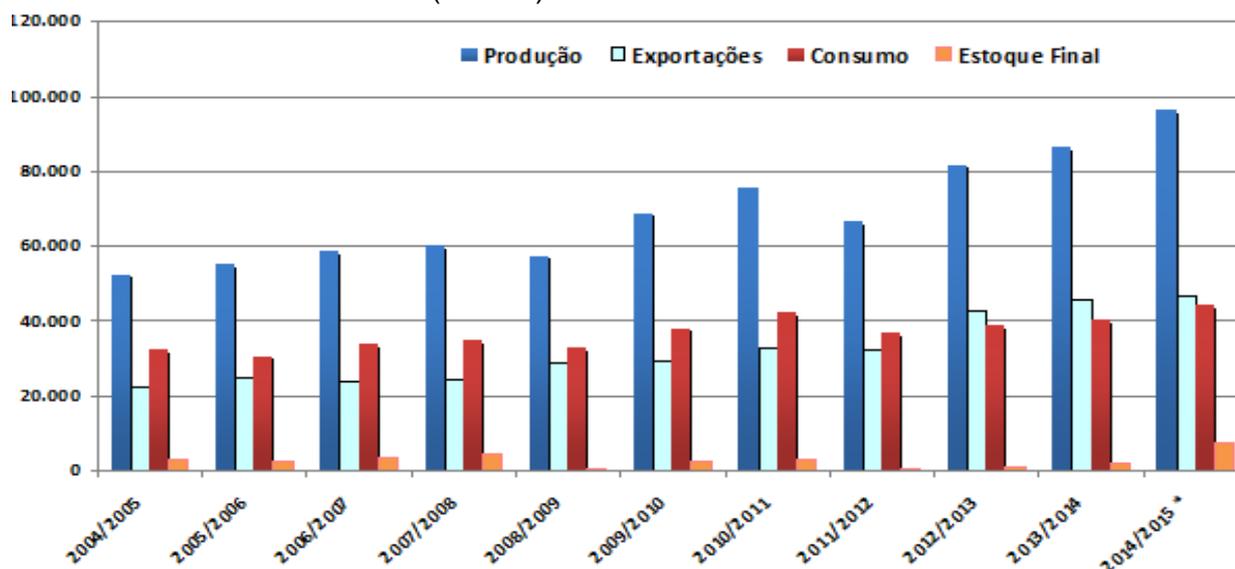


Fonte: Conab.

O esmagamento brasileiro de grãos em 2015 deve ser de 41 milhões de toneladas, significando aumento de 11,4% se comparado ao de 2014. Esse aumento está relacionado, em parte, ao crescimento do consumo de óleo de soja internamente e, principalmente, ao aumento do uso do óleo de soja para o biodiesel, que passou de 5% para 7% da mistura no diesel.

Desta maneira, com a produção estimada em 96,04 milhões de toneladas, o estoque final brasileiro de soja deverá ser de 7,36 milhões de toneladas de soja em grãos; o maior estoque de passagem praticado nos últimos 10 anos.

Gráfico 36 – Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de soja no Brasil nas últimas dez safras (mil ton)



Fonte: Conab*Estimativa.
Elaboração: Sugof/Dipai.

10.1.9. Sorgo

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Sorgo

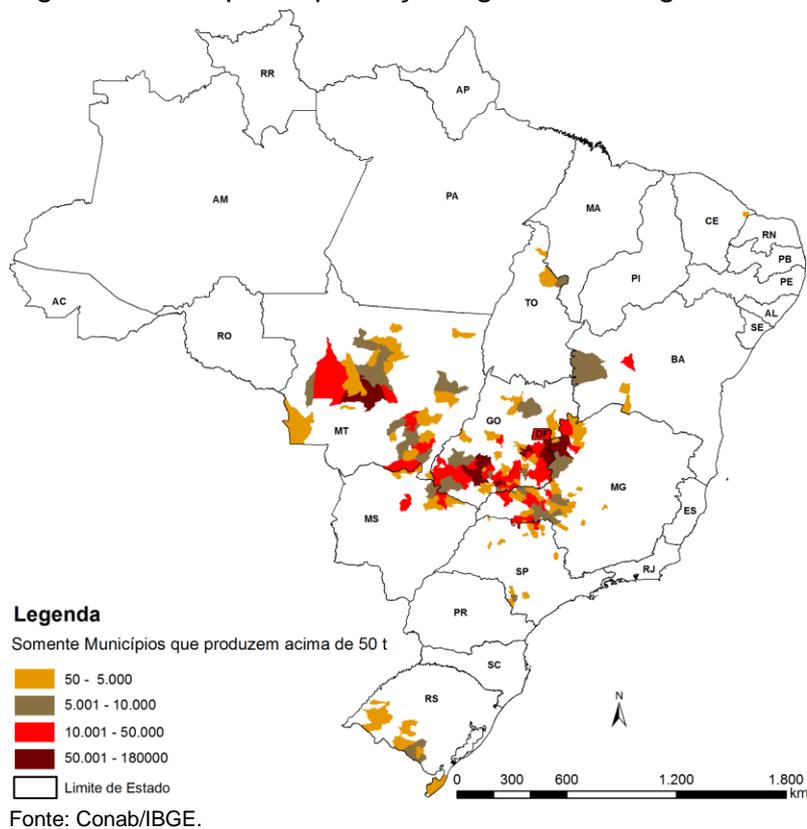


Figura 36 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 34 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo	- oeste de MG (FR) - norte de SP (FR) - centro norte e leste do MS (FR) - norte e sudeste do MT (FR/M) - norte, leste e sul de GO (FR/M) - DF (FR/M)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; PC - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	20,4	21,2	3,9	1.880	1.824	(3,0)	38,4	38,7	0,8
TO	20,4	21,2	3,9	1.880	1.824	(3,0)	38,4	38,7	0,8
NORDESTE	148,7	156,5	5,2	922	870	(5,5)	137,0	136,2	(0,6)
PI	7,7	6,2	(19,5)	1.819	2.548	40,1	14,0	15,8	12,9
CE	0,7	0,7	-	2.442	1.489	(39,0)	1,7	1,0	(41,2)
RN	1,2	1,6	33,0	955	1.075	12,6	1,1	1,7	54,5
PB	0,2	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,3	-	(100,0)
PE	1,8	6,2	244,4	560	430	(23,2)	1,0	2,7	170,0
BA	137,1	141,8	3,4	867	811	(6,5)	118,9	115,0	(3,3)
CENTRO-OESTE	363,7	331,8	(8,8)	3.096	3.346	8,1	1.126,0	1.110,2	(1,4)
MT	139,5	85,9	(38,4)	2.526	2.406	(4,8)	352,4	206,7	(41,3)
MS	9,1	9,5	4,4	3.300	3.500	6,1	30,0	33,3	11,0
GO	206,9	232,6	12,4	3.420	3.661	7,0	707,6	851,5	20,3
DF	8,2	3,8	(53,7)	4.392	4.927	12,2	36,0	18,7	(48,1)
SUDESTE	183,0	177,9	(2,8)	3.003	3.089	2,8	549,6	549,5	-
MG	170,2	164,1	(3,6)	2.974	3.076	3,4	506,1	504,8	(0,3)
SP	12,8	13,8	7,8	3.400	3.238	(4,8)	43,5	44,7	2,8
SUL	15,2	10,5	(30,9)	2.645	2.426	(8,3)	40,2	25,5	(36,6)
RS	15,2	10,5	(30,9)	2.645	2.426	(8,3)	40,2	25,5	(36,6)
NORTE/NORDESTE	169,1	177,7	5,1	1.037	984	(5,1)	175,4	174,9	(0,3)
CENTRO-SUL	561,9	520,2	(7,4)	3.054	3.239	6,1	1.715,8	1.685,2	(1,8)
BRASIL	731,0	697,9	(4,5)	2.587	2.665	3,0	1.891,2	1.860,1	(1,6)

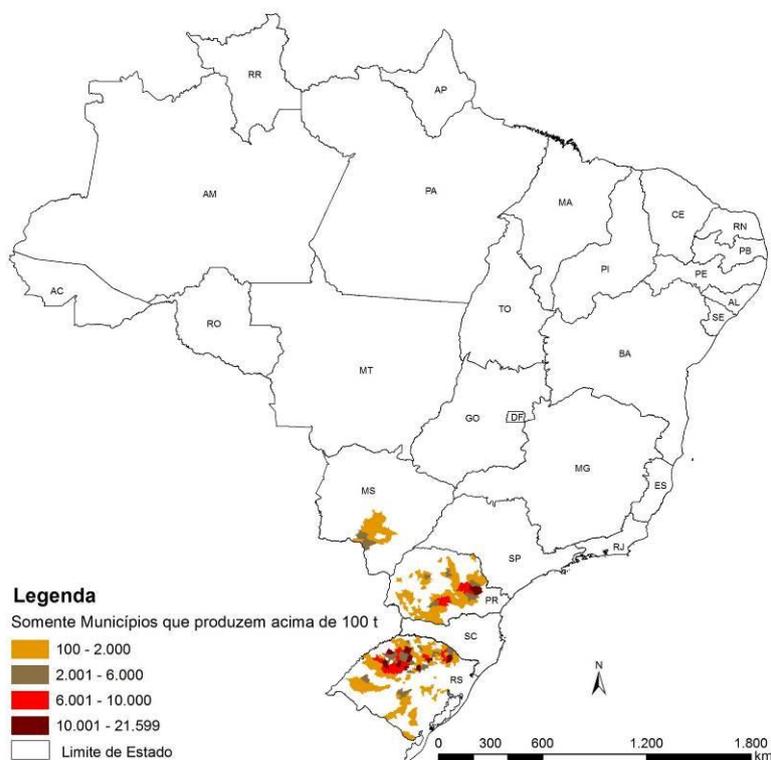
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.2. Culturas de inverno

10.2.1. Aveia

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
CENTRO-OESTE							P				C	
MS							P				C	
SUL	C	C						P	P			
PR	C							P	P			C
RS		C						P	P			
NORTE/NORDESTE												
CENTRO-SUL												
BRASIL												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.
Fonte: Conab.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

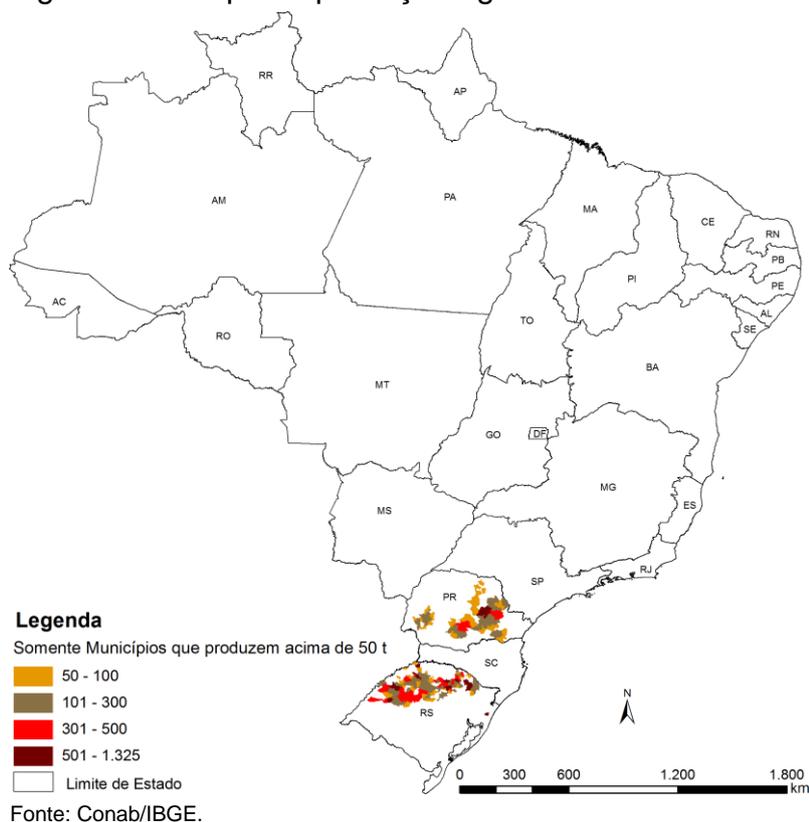
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	7,6	11,0	44,7	1.474	1.500	1,8	11,2	16,5	47,3
MS	7,6	11,0	44,7	1.470	1.500	2,0	11,2	16,5	47,3
SUL	146,1	175,5	20,1	2.028	2.305	13,7	296,2	404,5	36,6
PR	57,1	57,1	-	2.429	1.946	(19,9)	138,7	111,1	(19,9)
RS	89,0	118,4	33,0	1.770	2.478	40,0	157,5	293,4	86,3
CENTRO-SUL	153,7	186,5	21,3	2.000	2.257	12,9	307,4	421,0	37,0
BRASIL	153,7	186,5	21,3	2.000	2.257	12,9	307,4	421,0	37,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.2.2. Canola

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Canola



Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Canola

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL	C							P				
PR	C							P				C
RS	C							P				
CENTRO-SUL	C							P				
BRASIL	C							P				

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.
Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

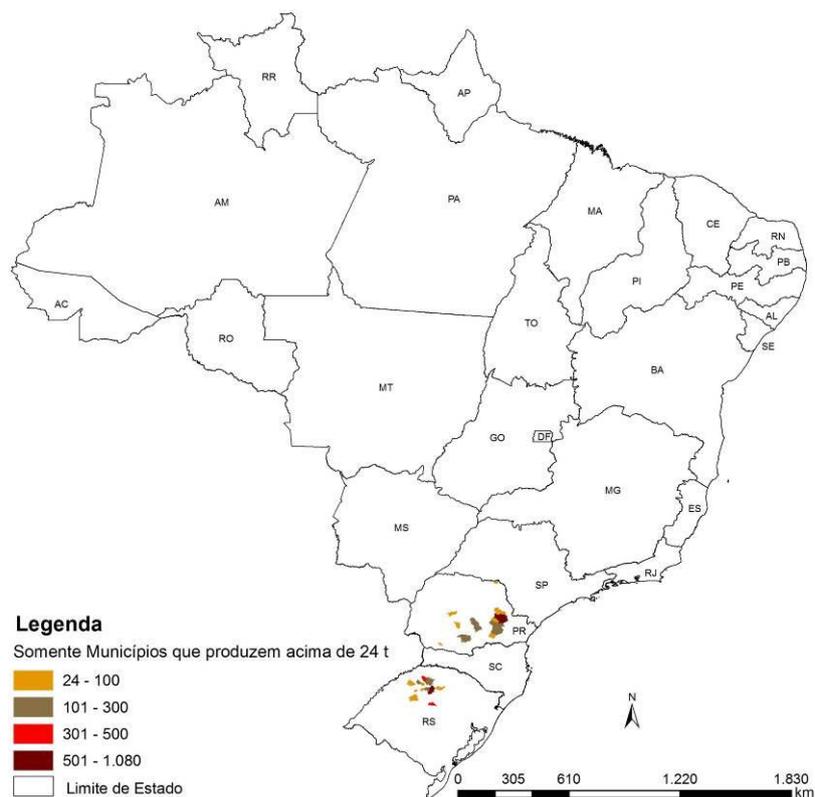
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,7	47,1	5,4	812	1.524	87,7	36,3	71,8	97,8
PR	5,7	8,1	42,1	1.436	1.636	13,9	8,2	13,3	62,2
RS	39,0	39,0	-	720	1.500	108,3	28,1	58,5	108,2
CENTRO-SUL	44,7	47,1	5,4	812	1.524	87,7	36,3	71,8	97,8
BRASIL	44,7	47,1	5,4	812	1.524	87,7	36,3	71,8	97,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.2.3. Centeio

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUL		C							P			
PR		C						P	P			
RS		C						P	P			
CENTRO-SUL		C						P	P			
BRASIL		C						P	P			

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.
Fonte: Conab.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,8	1,8	-	1.944	1.833	(5,7)	3,5	3,3	(5,7)
PR	1,3	1,3	-	2.103	1.937	(7,9)	2,7	2,5	(7,4)
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.550	3,3	0,8	0,8	-
CENTRO-SUL	1,8	1,8	-	1.944	1.833	(5,7)	3,5	3,3	(5,7)
BRASIL	1,8	1,8	-	1.944	1.833	(5,7)	3,5	3,3	(5,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

10.2.5. Trigo

Segundo a FAO (2013, p. 132)⁵, a produção de trigo (*Triticum aestivum* L.) é a terceira no mundo, superado pelo milho e arroz, é o segundo maior cultivo responsável pela alimentação humana e foi a primeira cultura domesticada pelo homem e utilizada em larga escala.

A cultura do trigo era caracterizada historicamente como cultura de inverno e era produzida quase que exclusivamente na Região Sul do Brasil. Através da pesquisa para melhoramento genético, as plantações de trigo espalharam-se por outras regiões do Brasil, como o Centro-Oeste e Sudeste.

No nono levantamento as previsões para a safra brasileira de trigo é de que a área tenha uma redução de 9,2% em relação a 2014, o que corresponde 253,9 mil hectares.

Na busca constante da melhoria e qualificação das informações da safra agrícola, a Conab utiliza-se de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas de inverno. Esse procedimento será adotado até o momento em que as informações de produtividade forem apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral, de acordo com o desenvolvimento fenológico das culturas. Portanto, as informações são preliminares e sujeitas à reavaliação nos próximos levantamentos, onde os produtores de trigo tomarão a decisão final acerca do cultivo do trigo ou substituição por outras culturas de acordo com diversos parâmetros de mercado.

No Paraná, principal estado produtor de trigo do Brasil, há posicionamentos diferentes de região para região no que se refere à expectativa de área plantada, com aumento de área em alguns locais e redução em outros. No geral, há previsão de redução de área. A diminuição de área é justificada pelas condições comerciais desfavoráveis, elevação dos custos de produção, assim como, pela adequação do escalonamento das culturas, já que o trigo impacta no atraso do plantio da soja primeira safra, que necessita ser plantada mais cedo a fim de evitar a ação da ferrugem asiática (*Phakopsora pachyrhizie* ou *Phakopsora sp.*) na cultura da soja. Já foram plantadas 61% da área prevista, a maioria na região norte do estado e as condições climáticas estão favoráveis até o momento.

A produção de trigo no Brasil central concentra-se em Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo, em sua maioria é irrigado. O fenômeno de buscar-se áreas alternativas à região subtropicais para o cultivo de trigo é a alternativa para o abastecimento do mercado interno de trigo, para se evitar problemas bióticos (pragas e doenças) e abióticos (principalmente condições climáticas) e questões referentes à logística, armazenamento, beneficiamento e distribuição do trigo e seus derivados.

Em Minas Gerais há relatos de que alguns produtores estão enfrentando dificuldade de encontrar sementes para o plantio da lavoura de trigo. Mesmo que sejam informações pontuais, poderá impactar negativamente na área plantada. No mesmo sentido há um indicativo de que os produtores têm substituído o plantio do trigo pelo milho segunda safra e olerícolas. Além disso, destaca-se o atraso na colheita da safra de verão que retarda, e em alguns casos, compromete o plantio das áreas de trigo. As informações finais sobre a área de plantio de trigo naquele estado ainda são pouco consistentes e sujeitas a reavaliações, mas pelos motivos expostos, os dados iniciais indicam para uma possível redução de área. Algumas áreas já foram plantadas desde de março, porém, o plantio não está concluído. Estima-se uma área de 65,5 mil hectares, 3,7% menor que a

⁵ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA - FAO. Statistical Yearbook 2013: world food and agriculture. Roma, 2013. 307p.

safra anterior. Em compensação a expectativa é de que a produtividade média seja 3.270 kg/ha, 8,9% maior do que à safra 2013/14.

Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Trigo

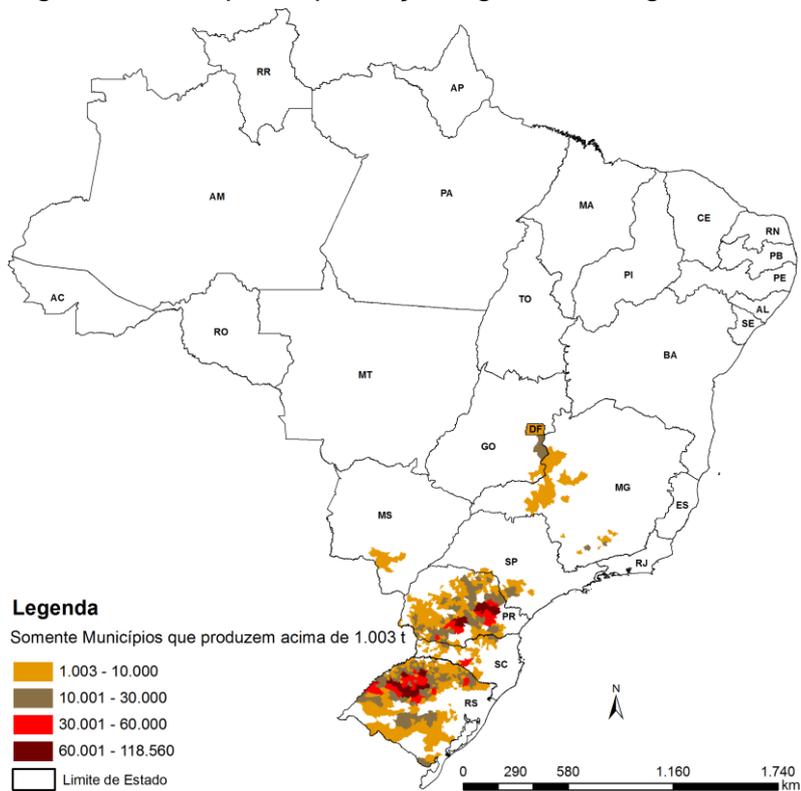
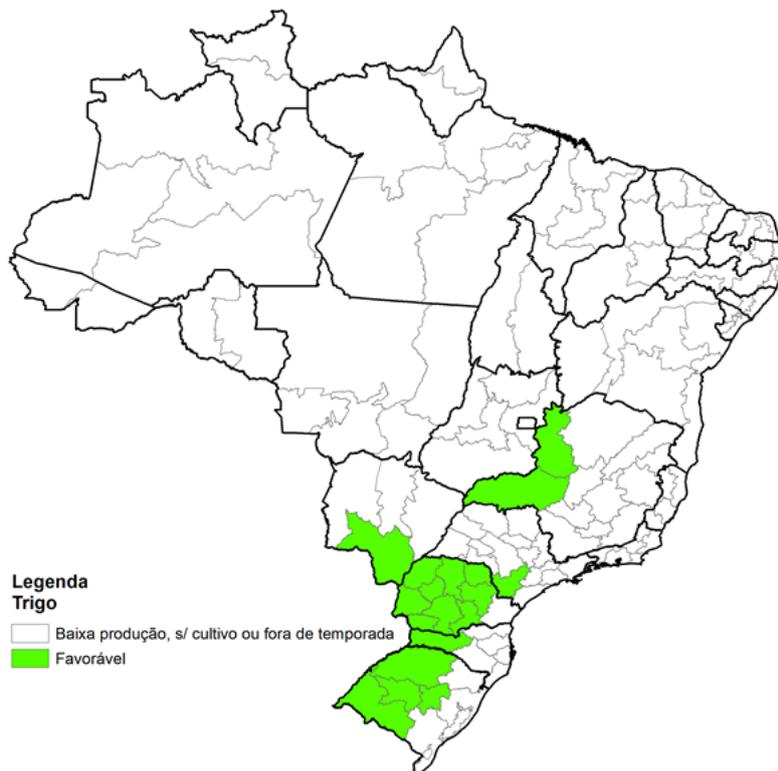


Figura 42 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Em São Paulo há uma sinalização para um pequeno crescimento na área plantada de trigo (3,8%), a depender das previsões climáticas e mercadológicas.

As primeiras avaliações sobre a intenção de plantio de trigo em Mato Grosso do Sul indicam uma tendência de aumento da área cultivada em relação à safra passada em 8,3%, podendo atingir em torno de 13 mil hectares. Avalia-se que a maioria das lavouras foram implantadas com baixo investimento e por isso não há expectativa de aumento na produtividade média e, desta forma, prevê-se que esse índice será o mesmo da safra 2013/14.

Um estado importante no cenário produtivo do trigo, o Rio Grande do Sul, há indicativos de redução de área. No entanto, levando-se em consideração que na safra passada as perdas foram expressivas e impactaram na média da produtividade que ficou em 1.330 kg/ha, espera-se uma recuperação significativa nos índices de produtividade, mais próxima à média histórica dos últimos anos, alcançando 2.631 kg/ha.

Há uma tendência de extratificação da lavoura de trigo, onde aproximadamente 30% dos produtores utilizarão um pacote tecnológico completo e dentro das recomendações. Estima-se que 40% dos agricultores utilizarão um pacote tecnológico intermediário, que desonera o custo final da lavoura e os 30% restantes utilizarão um pacote mínimo com um custo final mais baixo e minimizando os riscos. Tal definição vai de encontro com as recomendações técnicas, que sinalizam para os produtores que não têm intenção ou possibilidade de aplicar um pacote tecnológico completo, que reduzam a área para se achar um ponto de equilíbrio. Até o momento a expectativa que a redução da área plantada fique em 15% quando comparada com a safra passada.

Tabela 40 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo	- noroeste e Triângulo de MG (F) - sudoeste do MS (DV/F) - sul de SP (DV) - norte, leste e oeste do PR (DV) - sul do PR (G) - oeste de SC (G) - noroeste, centro-oeste e sudoeste do RS (G)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Fonte: Conab.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	23,3	21,6	(7,3)	3.682	3.384	(8,1)	85,8	73,1	(14,8)
MS	12,0	13,0	8,3	2.000	2.000	-	24,0	26,0	8,3
GO	9,9	7,8	(21,0)	5.397	5.427	0,6	53,4	42,3	(20,8)
DF	1,4	0,8	(42,9)	6.000	6.000	-	8,4	4,8	(42,9)
SUDESTE	130,5	130,4	(0,1)	2.717	2.837	4,4	354,6	370,0	4,3
MG	68,0	65,5	(3,7)	3.004	3.270	8,9	204,3	214,2	4,8
SP	62,5	64,9	3,8	2.404	2.400	(0,2)	150,3	155,8	3,7
SUL	2.604,2	2.352,1	(9,7)	2.124	2.684	26,4	5.530,7	6.311,9	14,1
PR	1.388,5	1.322,5	(4,8)	2.731	2.712	(0,7)	3.792,0	3.586,6	(5,4)
SC	75,7	60,6	(20,0)	2.939	2.902	(1,3)	222,5	175,9	(20,9)
RS	1.140,0	969,0	(15,0)	1.330	2.631	97,8	1.516,2	2.549,4	68,1
CENTRO-SUL	2.758,0	2.504,1	(9,2)	2.165	2.698	24,6	5.971,1	6.755,0	13,1
BRASIL	2.758,0	2.504,1	(9,2)	2.165	2.698	24,6	5.971,1	6.755,0	13,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
CENTRO-OESTE							P				C	
MS							P				C	
GO							P				C	
DF							P				C	
SUDESTE							P	P				C
MG							P	P			C	C
SP							P	P				C
SUL	C	C							P			
PR	C							P				C
SC		C								P		
RS		C							P			
CENTRO-SUL	C	C						P	P			
BRASIL	C	C						P	P			

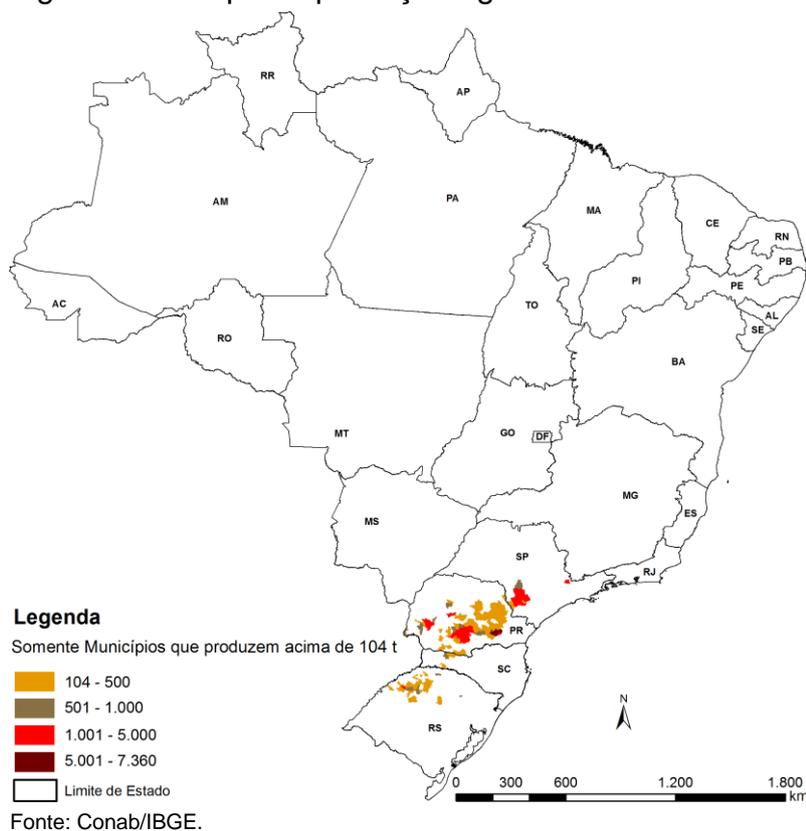
Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita;

Fonte: Conab.

Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.

10.2.6. Triticale

Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Triticale

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
SUDESTE								P				C
SP	C							P				C
SUL		C						P	P			
PR		C							P			
SC		C							P	P		
RS		C						P	P			
CENTRO-SUL								P				C
BRASIL												

Legenda: P - Concentração do plantio; C - Concentração da colheita; Plantio e colheita ocorrendo na mesma época.
Fonte: Conab.

Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	20,0	20,0	-	2.400	2.610	8,7	48,0	52,2	8,8
SP	20,0	20,0	-	2.400	2.611	8,8	48,0	52,2	8,8
SUL	19,1	19,1	-	2.503	2.545	1,7	47,8	48,6	1,7
PR	12,8	12,8	-	2.713	2.775	2,3	34,7	35,5	2,3
SC	0,6	0,6	-	2.600	2.647	1,8	1,6	1,6	-
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.015	-	11,5	11,5	-
CENTRO-SUL	39,1	39,1	-	2.450	2.578	5,2	95,8	100,8	5,2
BRASIL	39,1	39,1	-	2.450	2.578	5,2	95,8	100,8	5,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2015.

11. Balanço de oferta e demanda

Tabela 43 – Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo

Em 1.000 toneladas								
PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO EM PLUMA	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	820,0	748,6	502,0
	2014/15	502,0	1.507,7	10,0	2.019,7	800,0	790,0	429,7
ARROZ EM CASCA	2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	12.000,0	1.188,4	822,5
	2014/15	822,5	12.544,0	850,0	14.216,5	12.000,0	1.250,0	966,5
FEIJÃO	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,8	135,9	3.718,9	3.350,0	65,0	303,9
	2014/15	303,9	3.274,8	150,0	3.728,7	3.350,0	40,0	338,7
MILHO	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.052,0	790,7	87.405,7	54.596,1	20.924,8	11.884,8
	2014/15	11.884,8	80.208,4	500,0	92.593,2	55.784,3	21.000,0	15.808,9
SOJA EM GRÃOS	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.524,0	42.791,9	910,3
	2013/14	910,3	86.120,8	578,7	87.609,8	39.935,8	45.691,0	1.983,0
	2014/15	1.983,0	96.044,5	300,0	98.327,5	44.200,0	46.770,0	7.357,5
FARELO DE SOJA	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.000,0	13.333,5	878,8
	2013/14	878,8	28.336,0	1,0	29.215,8	14.500,0	13.716,0	999,8
	2014/15	999,8	31.570,0	1,2	32.571,0	14.800,0	15.500,0	2.271,0
ÓLEO DE SOJA	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.500,0	1.362,5	244,4
	2013/14	244,4	7.176,0	0,1	7.420,5	5.500,0	1.305,0	615,5
	2014/15	615,5	7.995,0	12,0	8.622,5	6.500,0	1.400,0	722,5
TRIGO	2009	2.706,7	5.026,2	5.922,2	13.655,1	9.614,2	1.170,4	2.870,5
	2010	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	10.242,0	2.515,9	1.766,1
	2011	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	10.444,9	1.901,0	1.220,6
	2012	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	10.584,3	1.683,8	342,2
	2013	342,2	5.527,9	6.642,3	12.512,4	11.531,4	47,4	933,6
	2014	933,6	5.971,1	6.650,0	13.554,7	11.659,5	1.422,1	473,1

Fonte: Conab.

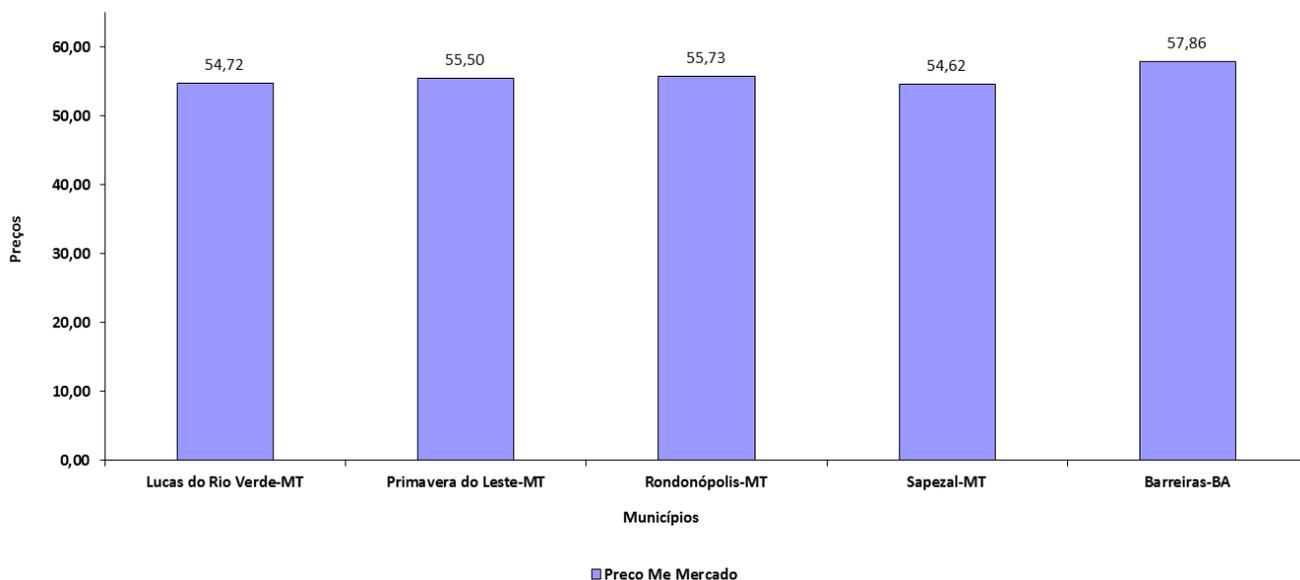
Nota: Estimativa em junho/2015.

Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

12. Anexos

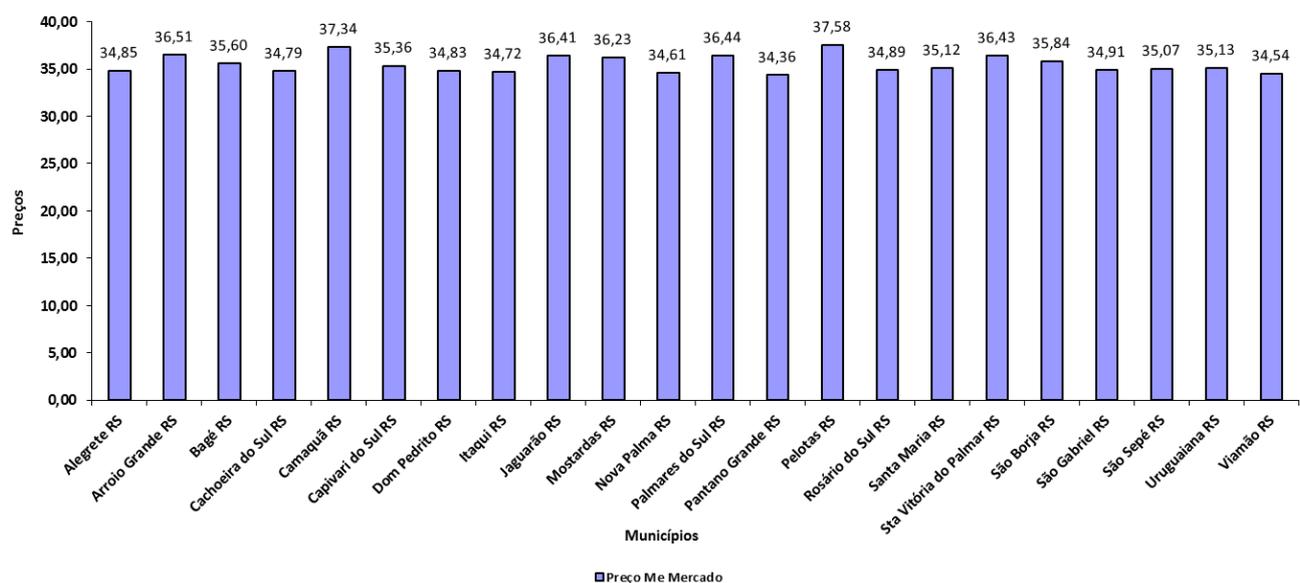
12.1. Preços agropecuários

Gráfico 37 – Preço, por município, de algodão em pluma (15 kg) – Mato Grosso e Bahia – Período: maio de 2014 a maio de 2015



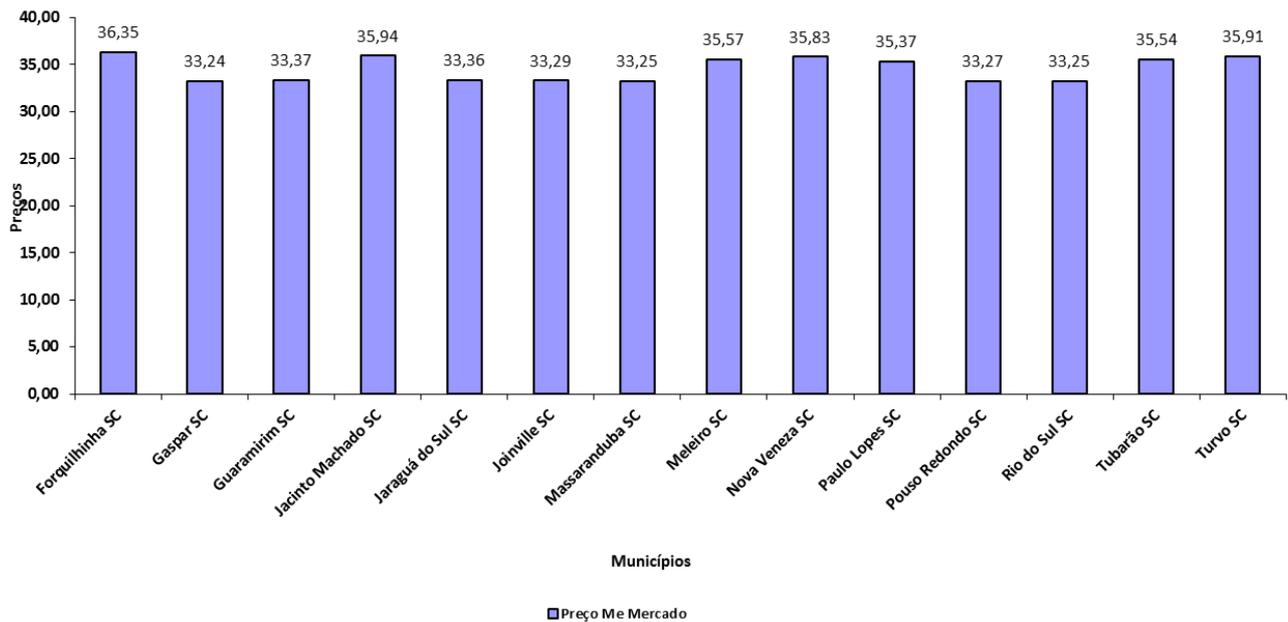
Fonte: Conab.

Gráfico 38 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca (50 kg) – Rio Grande do Sul – Período: maio de 2014 a maio de 2015



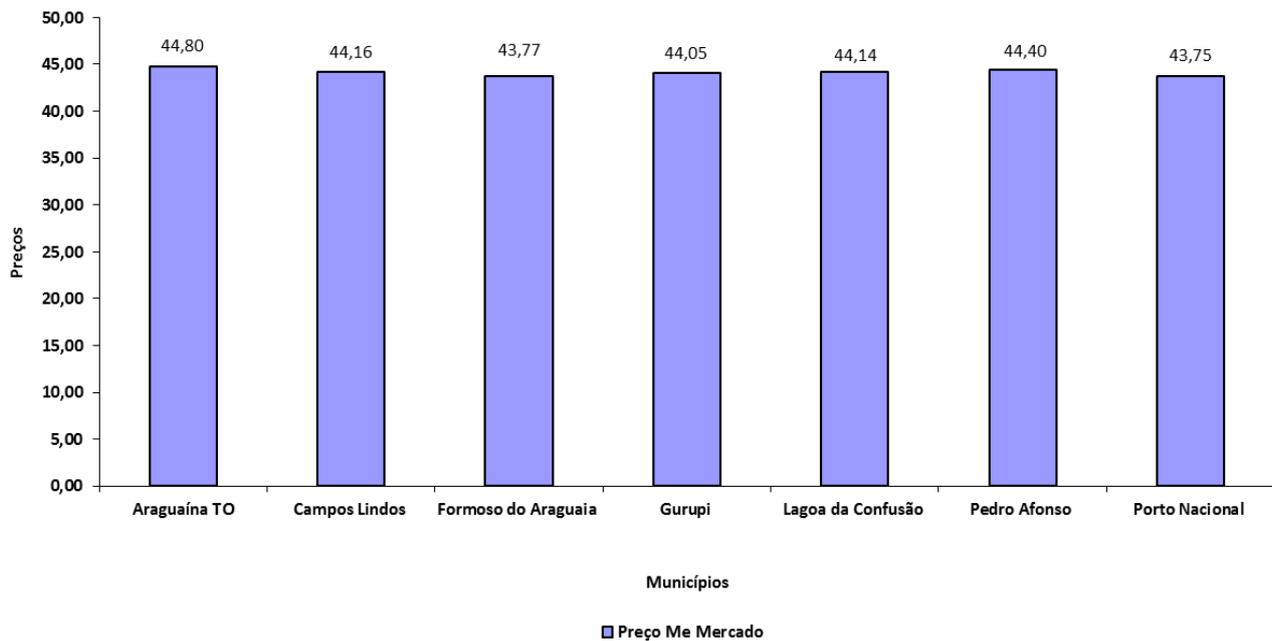
Fonte: Conab.

Gráfico 39 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca (50 Kg) – Santa Catarina – Período: maio de 2014 a maio de 2015



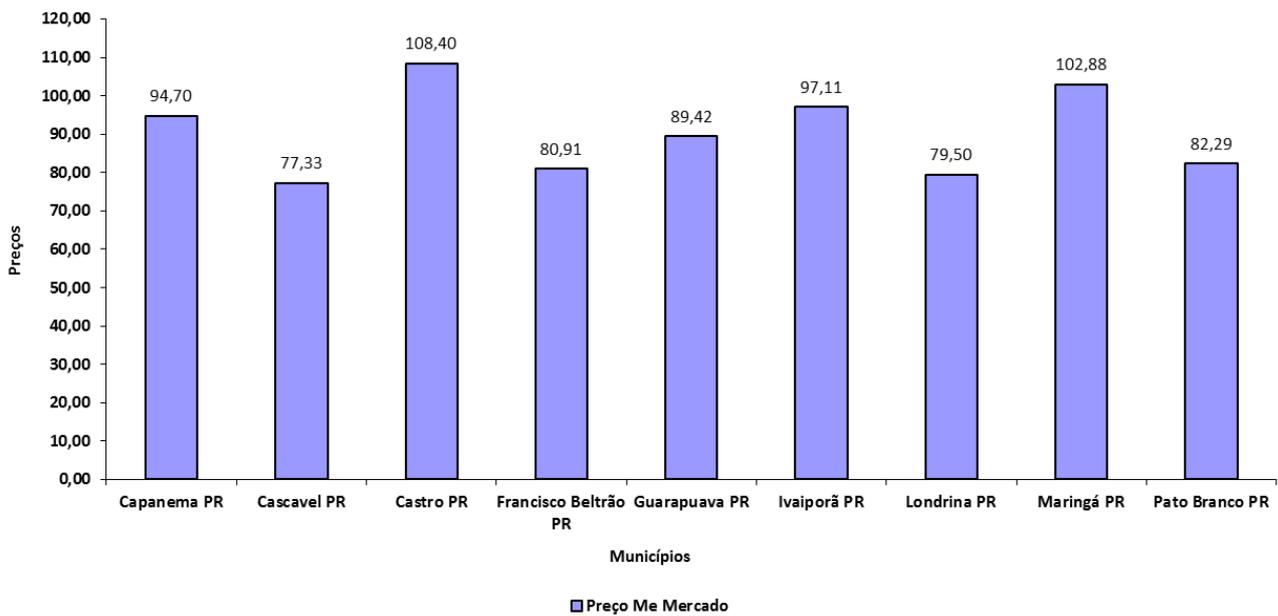
Fonte: Conab.

Gráfico 40 – Preço, por município, de arroz longo fino em casca Tipo 1 (60 kg) – Tocantins – Período: maio de 2014 a maio de 2015



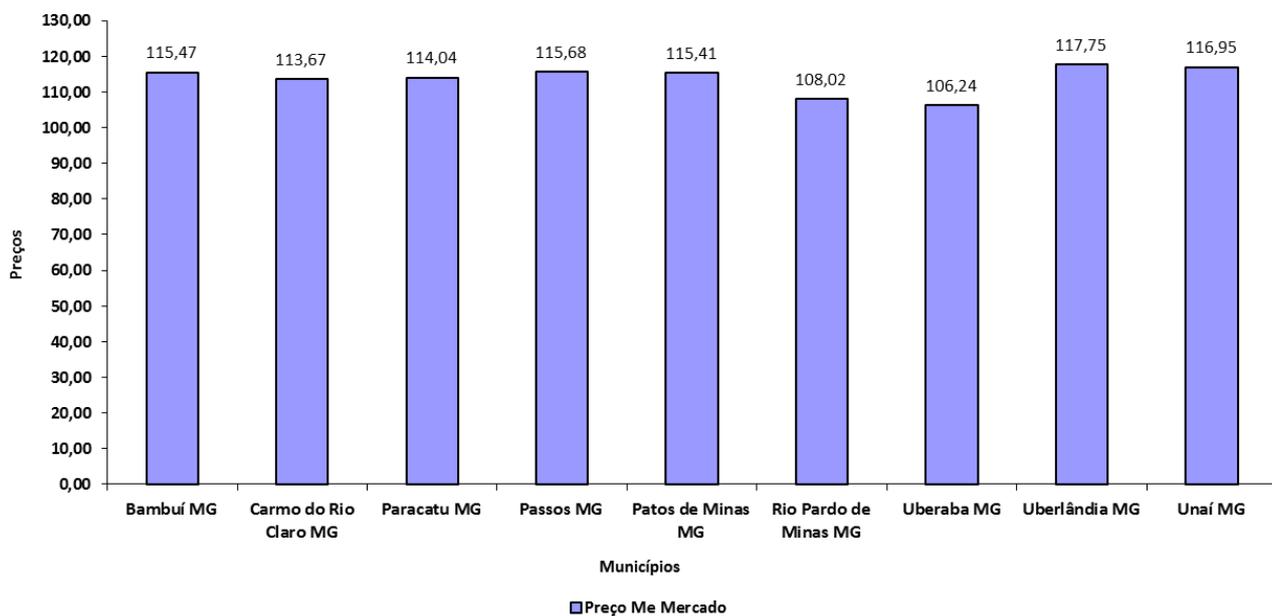
Fonte: Conab.

Gráfico 41 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Paraná – Período: maio de 2014 a maio de 2015



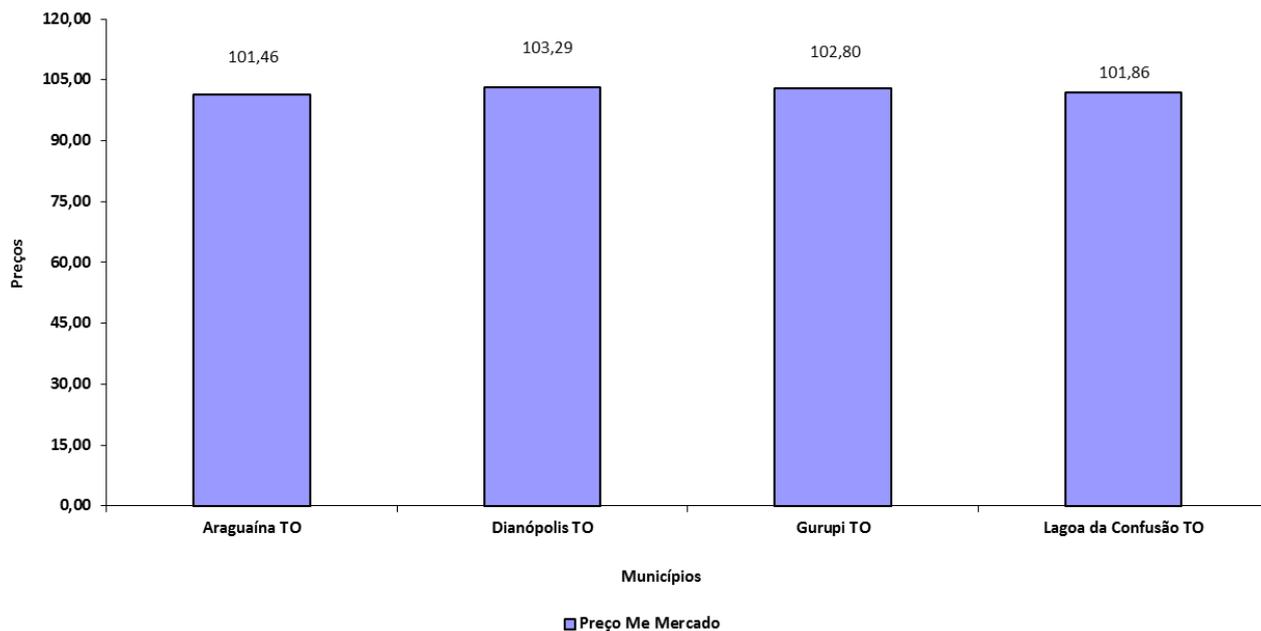
Fonte: Conab.

Gráfico 42 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Minas Gerais – Período: maio de 2014 a maio de 2015



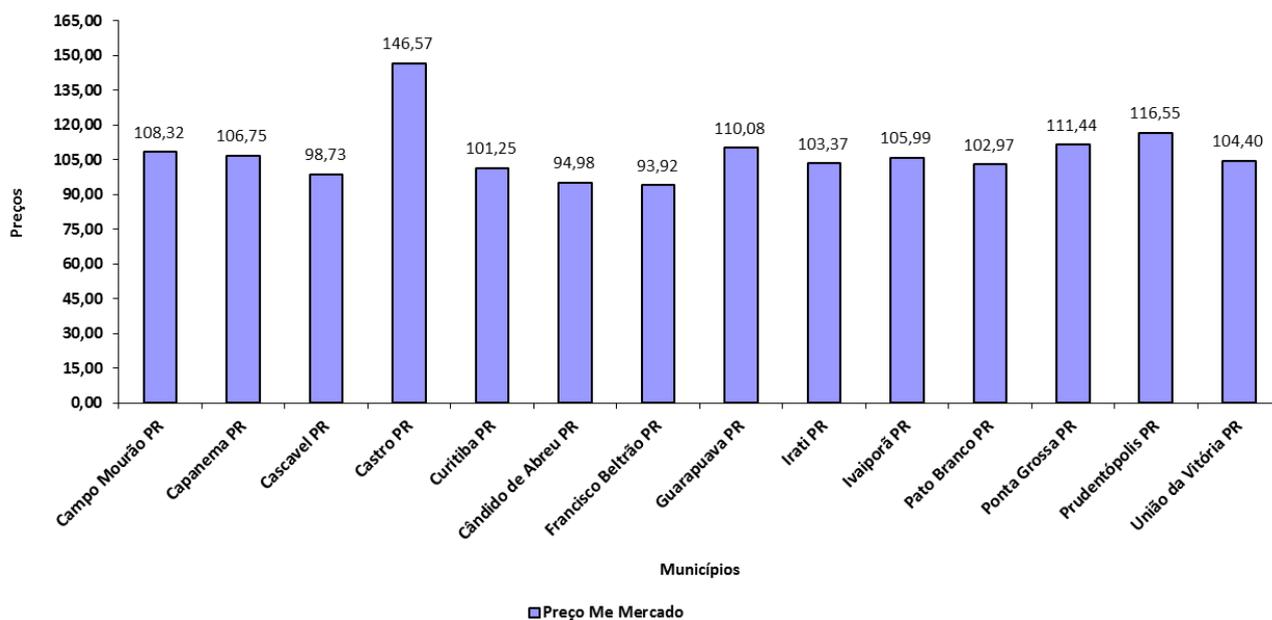
e: Conab.

Gráfico 43 – Preço, por município, de feijão cores (60 Kg) – Tocantins – Período: maio de 2014 a maio de 2015



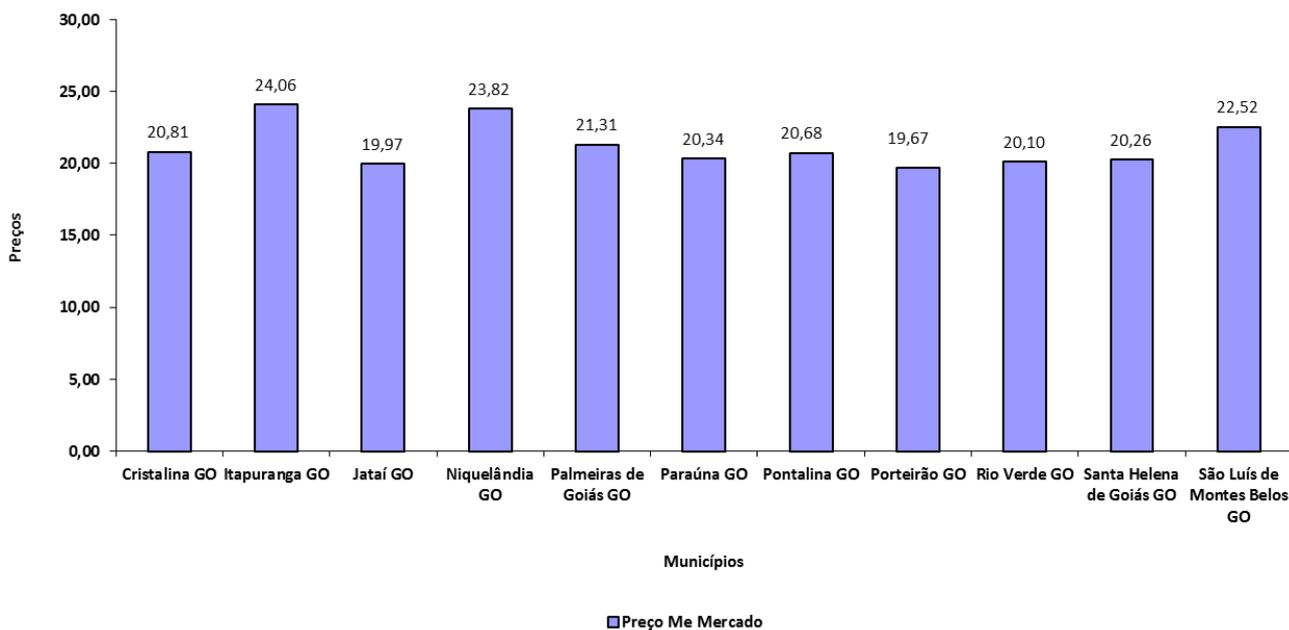
Fonte: Conab.

Gráfico 44 – Preço, por município, de feijão preto (60 Kg) – Paraná – Período: maio de 2014 a maio de 2015



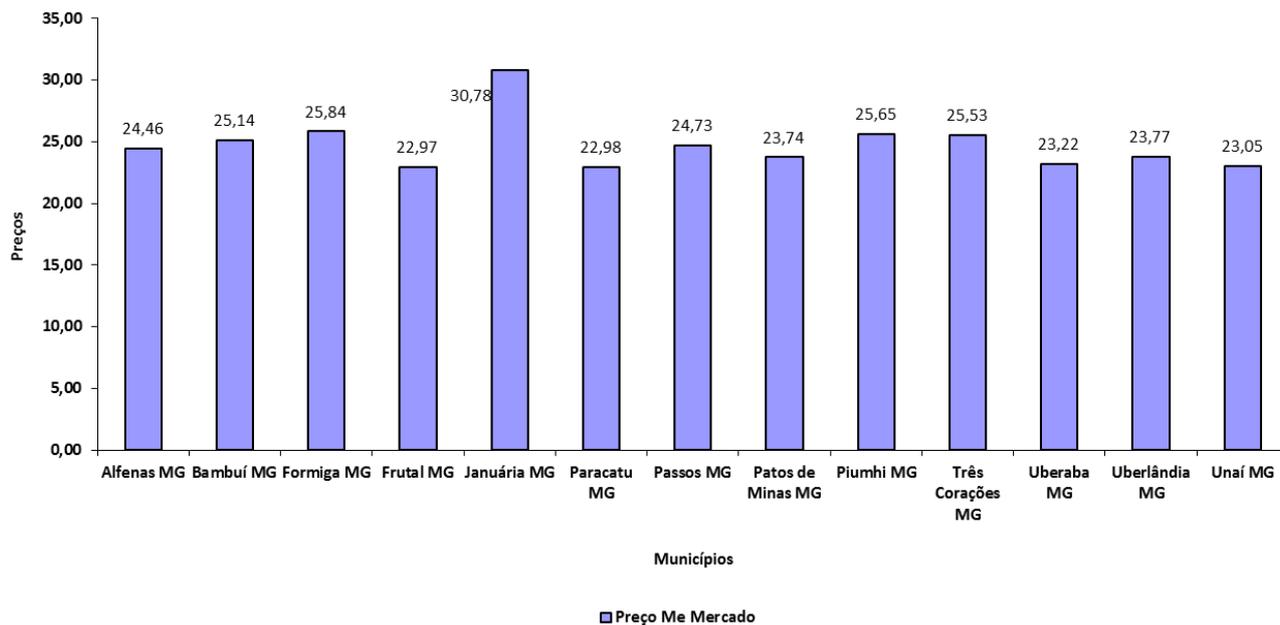
Fonte: Conab.

Gráfico 45 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Goiás – Período: maio de 2014 a maio de 2015



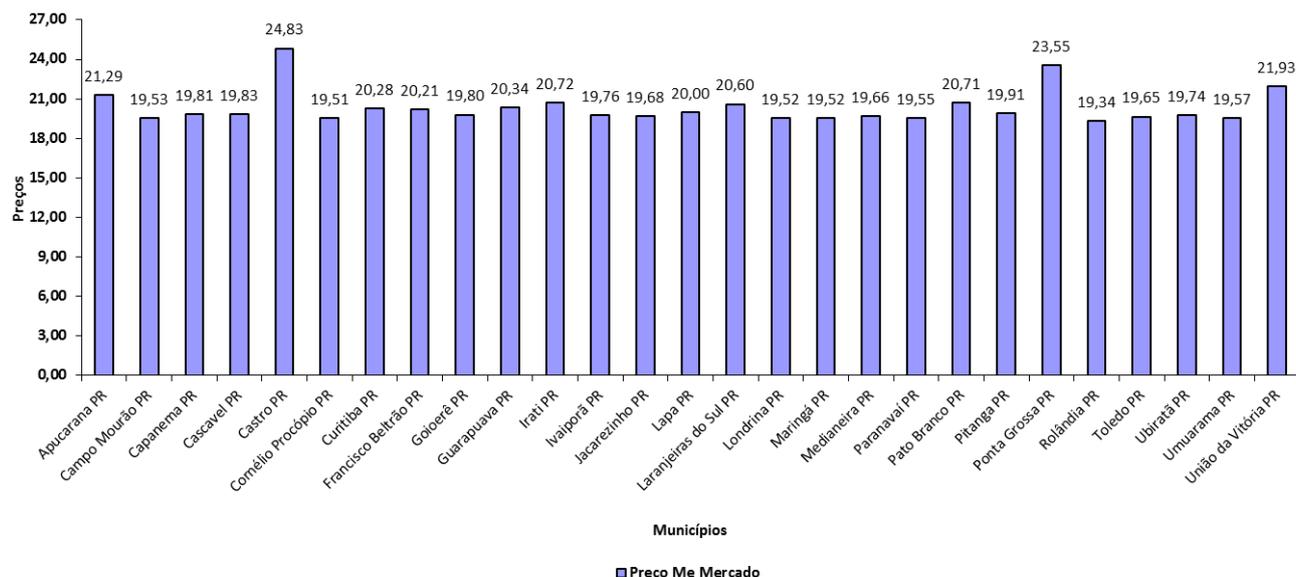
Fonte: Conab.

Gráfico 46 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Minas Gerais – Período: maio de 2014 a maio de 2015



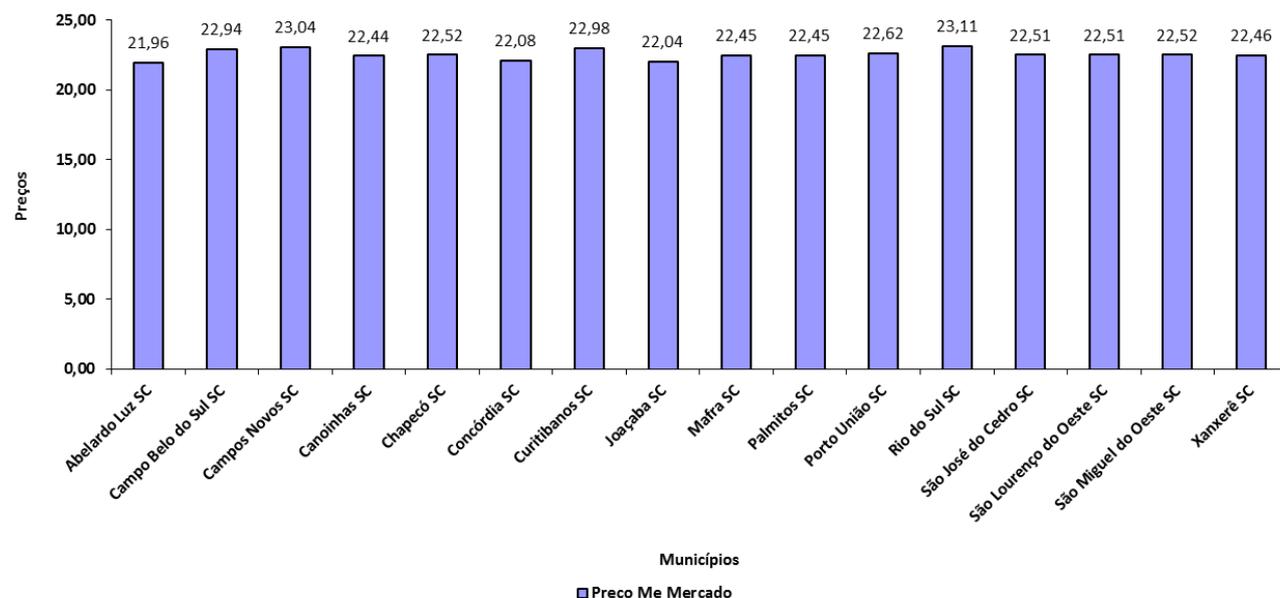
Fonte: Conab.

Gráfico 47 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Paraná – Período: maio de 2014 a maio de 2015



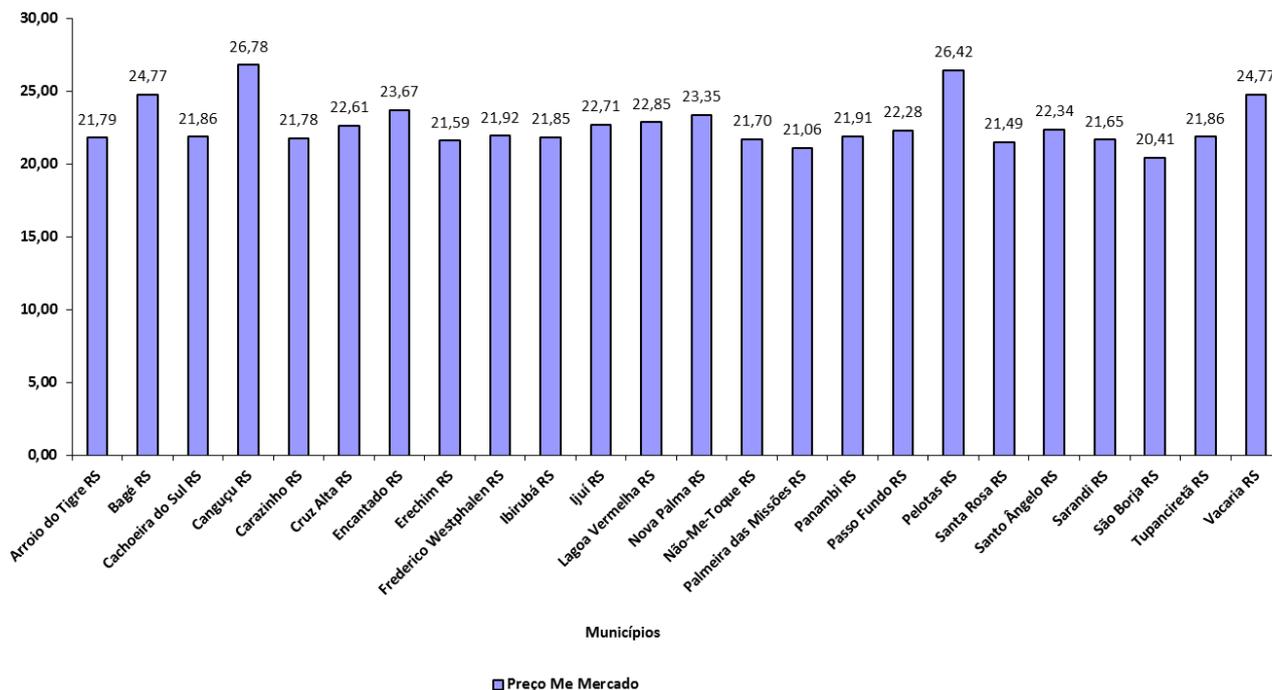
Fonte: Conab.

Gráfico 48 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Santa Catarina – Período: maio de 2014 a maio de 2015



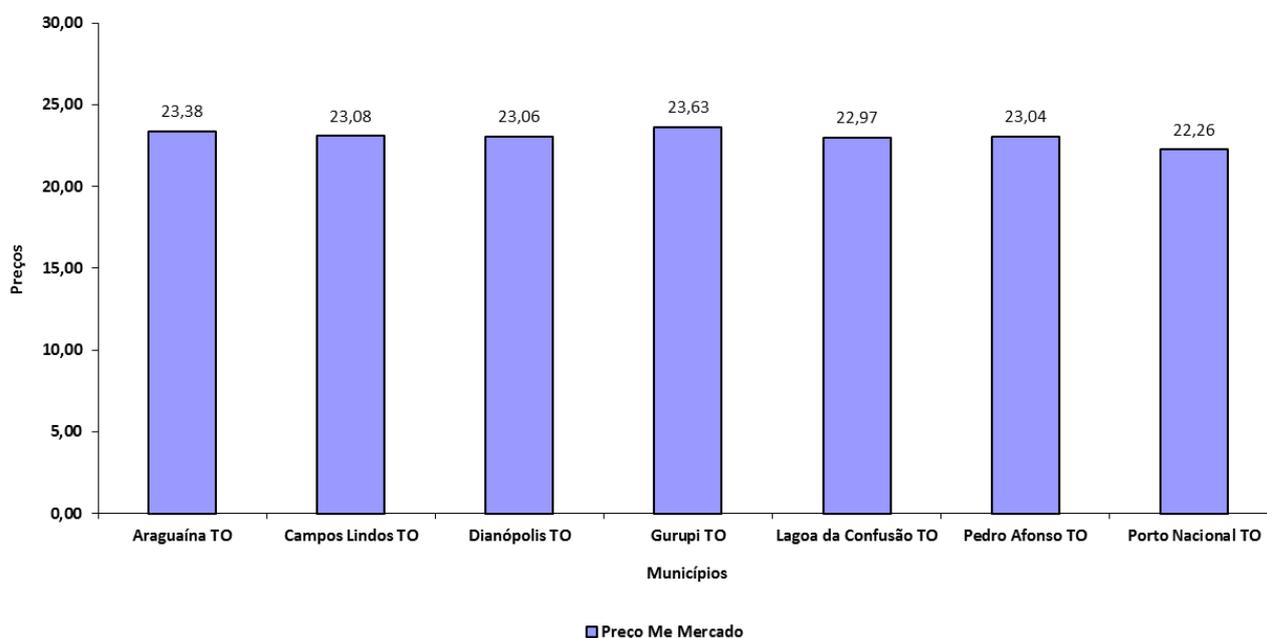
Fonte: Conab.

Gráfico 49 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: maio de 2014 a maio de 2015



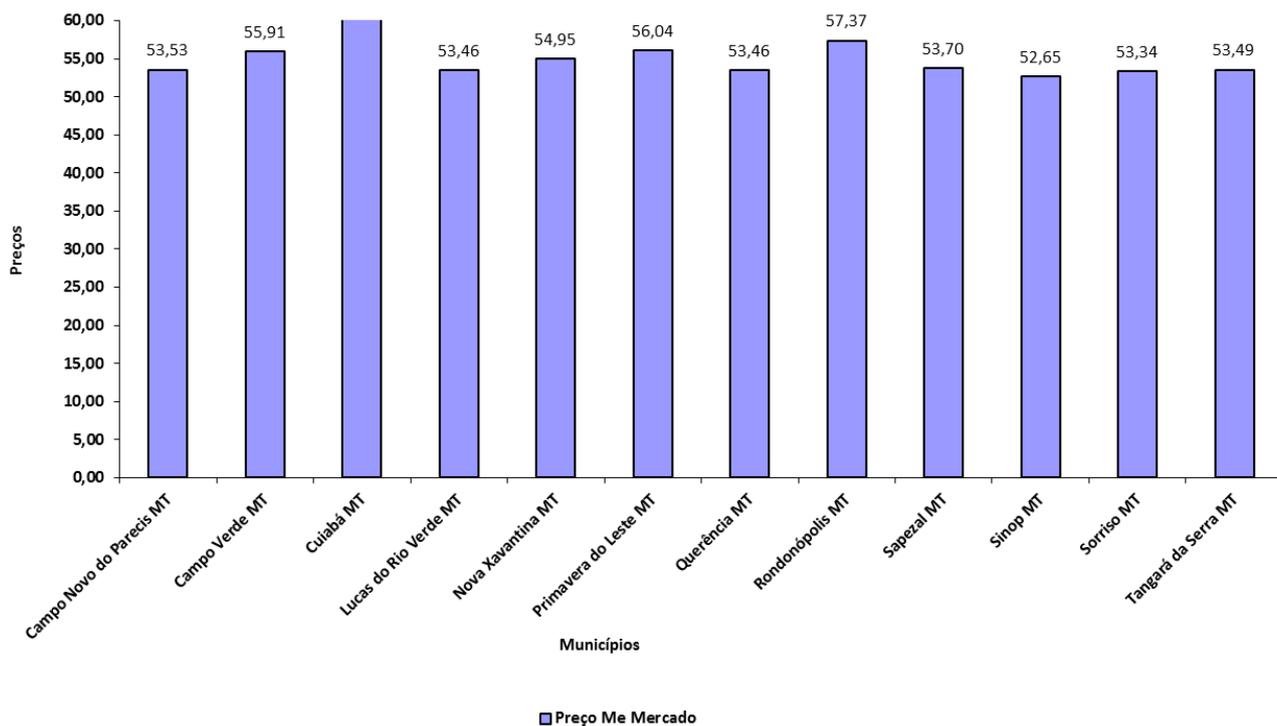
Fonte: Conab.

Gráfico 50 – Preço, por município, de milho (60 Kg) – Tocantins – Período: maio de 2014 a maio de 2015



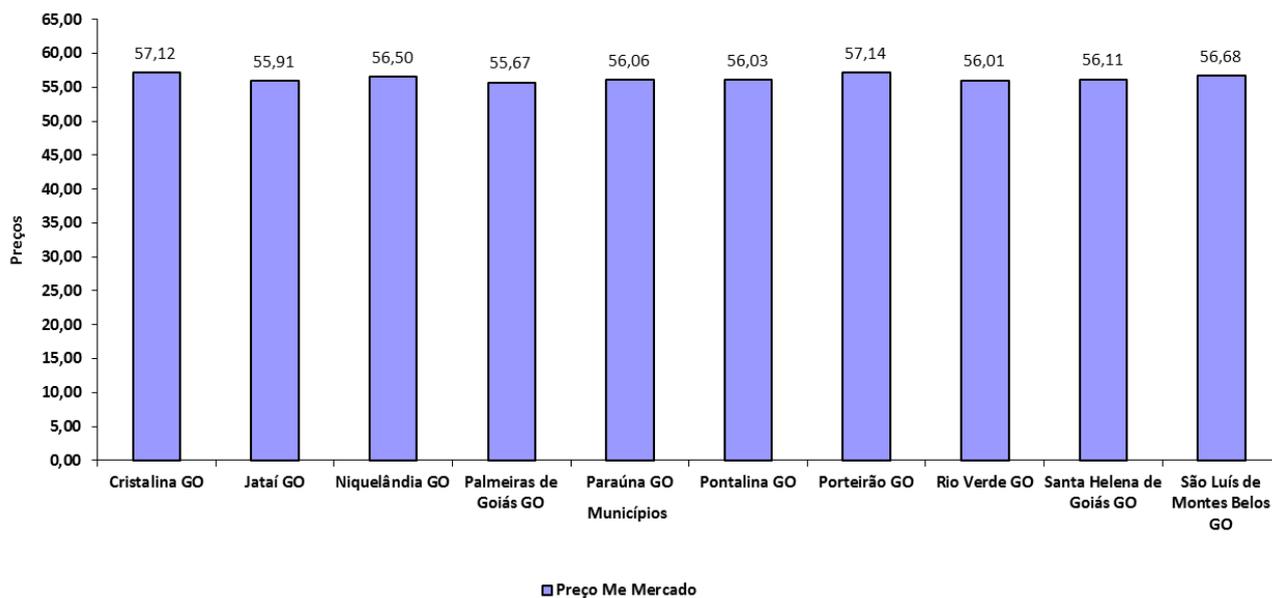
Fonte: Conab.

Gráfico 51 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Mato Grosso – Período: maio de 2014 a maio de 2015



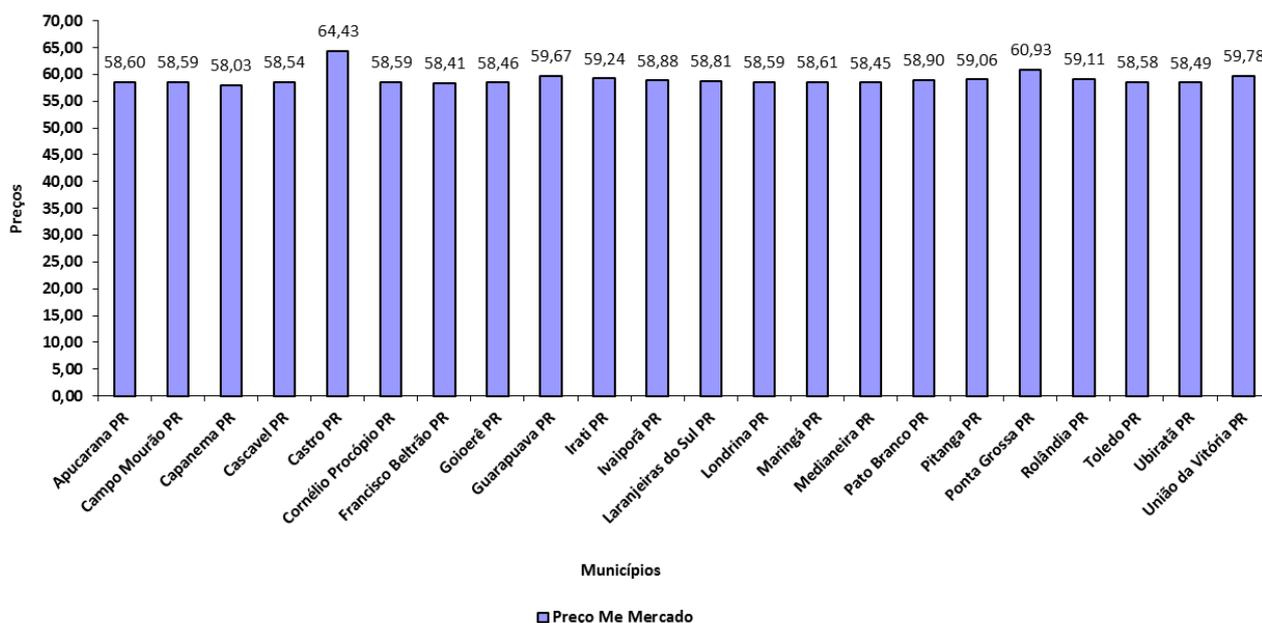
Fonte: Conab.

Gráfico 52 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Goiás – Período: maio de 2014 a maio de 2015



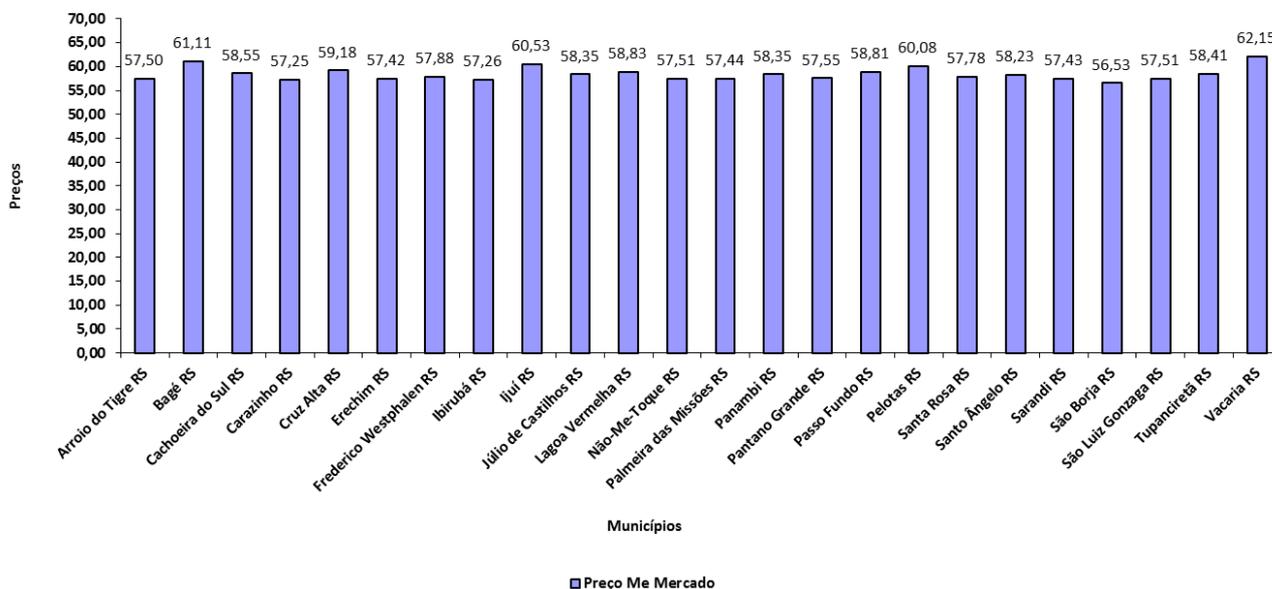
Fonte: Conab.

Gráfico 53 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Paraná – Período: maio de 2014 a maio de 2015



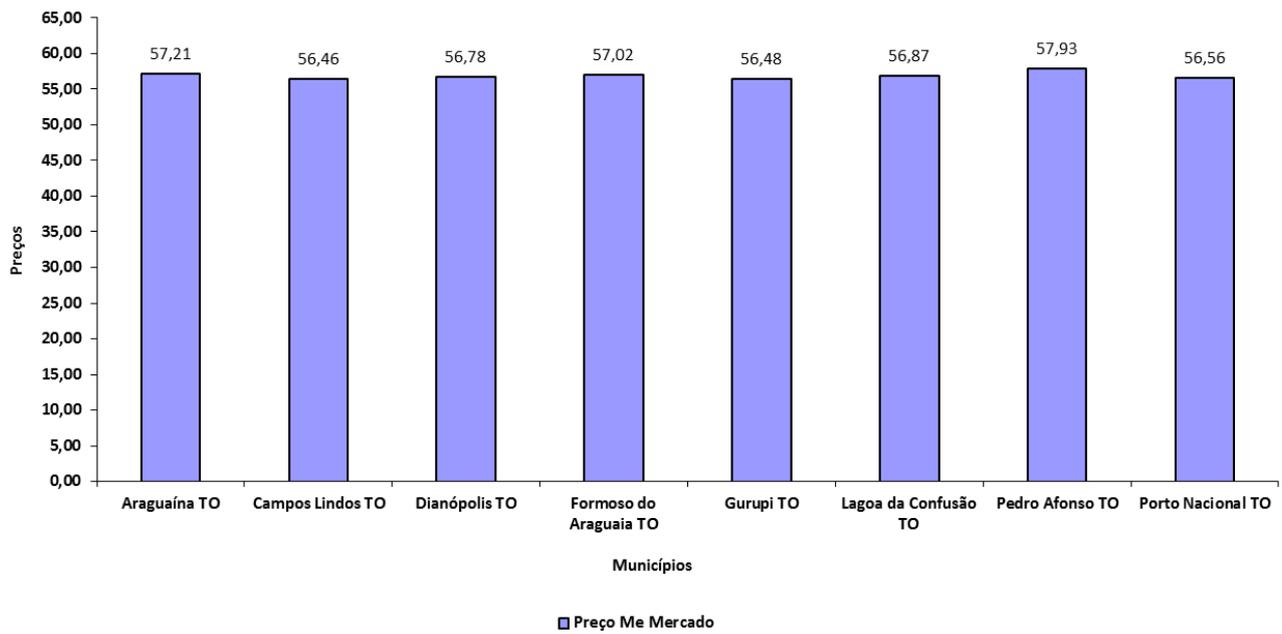
Fonte: Conab.

Gráfico 54 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Rio Grande do Sul – Período: maio de 2014 a maio de 2015



Fonte: Conab.

Gráfico 55 – Preço, por município, de soja (60 Kg) – Tocantins – Período: maio de 2014 a maio de 2015



Fonte: Conab.

SUREG AC

Filomeno Gomes de Freitas
Travessa do Icó, 180
Estação Experimental
69.901-180, Rio Branco (AC)
Fone: (68) 3227-7959
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL

Elizeu José Rego
Rua Senador Mendonça, 148
Edifício Walmap, 8º e 9º andar
57.020-030, Maceió (AL)
Fone: (82) 3358-6145
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM

Antônio Batista da Silva
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69.075-830, Manaus (AM)
Fone: (92) 3182-2404
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP

Asdrúbal Silva de Oliveira
Avenida Hamilton Silva, 1500
Bairro Central
68.900-068, Macapá (AP)
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA

Bruno Miguel Rodrigues Guimarães
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba
41.821-900, Salvador (BA)
Fone: (71) 3417-8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE

Anastácio Jorge Rocha Fontelles
Rua Antônio Pompeu, 555
Bairro José Bonifácio
60.040-001, Fortaleza (CE)
Fone: (85) 3252-1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG DF

Sebastião Pereira Gomes
Setor Indústria e Abastecimento Sul
Trecho 5, Lotes 300/400
71.205-050, Brasília (DF)
Fone: (61) 3363-2502
df.sureg@conab.gov.br

SUREG ES

Brião Alves Santos Júnior
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702
Ed. Vitória Center, Centro
29.010-904, Vitória (ES)
Fone: (27) 3041-4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO

Eurípedes Malaquias de Souza
Avenida Meia Ponte, 2748
Setor Santa Genoveva
74.670-400, Goiânia (GO)
Fone: (62) 3269-7400
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA

Margareth de Cassia Oliveira Aquino
Rua das Sabias, 4, Quadra 5
Lote 4 e 5, Bairro Jardim Renascença
65.071-750, São Luiz (MA)
Fone: (98) 2109-1301
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS

Antônio Benedito Dota
Avenida Mato Grosso, 1022
Centro
79.002-232, Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3383-4566
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT

Petrônio de Aquino Sobrinho
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino
78015-240, Cuiabá (MT)
Fone: (65) 3616-3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG

Osvaldo Teixeira de Souza Filho
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756
Bairro de Lourdes
30.180-150, Belo Horizonte (MG)
Fone: (31) 3290-2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA

Moacir da Cruz Rocha
Rua Joaquim Nabuco, 23
Bairro Nazaré
66.055-300, Belém (PA)
Fone: (91) 3224-2374
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB

Gustavo Guimarães Lima
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n
Bairro Cruz das Armas
58.085-010, João Pessoa (PB)
Fone: (83) 3242-5864
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE

Roberto Pereira Lins
Estrada do Barbalho, 960
Bairro Iputinga
50.690-000, Recife (PE)
Fone: (81) 3271-4291
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI

Manuel Araújo da Rocha
Rua Honório de Paiva, 475
Sul – Piçarra
64.017-112, Teresina (PI)
Fone: (86) 3194-5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR

Erlí de Pádua Ribeiro
Rua Mauá, 1.116
Bairro Alto da Glória
80.030-200, Curitiba (PR)
Fone: (41) 3313-3209
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ

Ludmila Brandão
Rua da Alfândega, nº 91
11º, 12º e 14º andares
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (21) 2509-7416
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN

João Maria Lúcio da Silva
Avenida Jerônimo Câmara, 1814
Bairro Lagoa Nova
59.060-300, Natal (RN)
Fone: (84) 4006-7619
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO

Everaldo da Silva Santos
Avenida Farquar, 3305
Bairro Pedrinhas
78.904-660, Porto Velho (RO)
Fone: (69) 3216-8420
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR

Maria Darcy de Almeida
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana
69.309-690, Boa Vista (RR)
Fone: (95) 3224-7599
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS

Glauto Lisboa Melo Junior
Rua Quintino Bocaiuva, 57
Bairro Floresta
90.440-051, Porto Alegre (RS)
Fone: (51) 3326-6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC

Sione Lauro de Souza
Rua Francisco Pedro Machado, s/n
Bairro Barreiros
88.117-402, São José (SC)
Fone: (48) 3381-7270
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SE

Emanuel Carneiro de Lima e Silva
Avenida Dr Carlos Rodrigues Cruz, s/n.
Centro Adm. Augusto Franco
49.180-180, Aracaju (SE)
Fone: (79) 3209-1523
se.sureg@conab.gov.br

SUREG SP

Alfredo Luiz Brienza Coli
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista
01.404-901, São Paulo (SP)
Fone: (11) 3264-4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO

Jalbas Aires Manduca
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul
77.016-330, Palmas (TO)
Fone: (63) 3218-7401
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277/6264/6230

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

